

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARLI PAULINA VITALI

**UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE CRICIÚMA
(UESC): ENTRE O CONSERVADORISMO E A RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade do
Extremo Sul Catarinense -
UNESC, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre
em Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Giani
Rabelo

**CRICIÚMA
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V836u Vitali, Marli Paulina.

União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC) :
entre o conservadorismo e a resistência / Marli Paulina Vitali ;
orientadora : Giani Rabelo. - Criciúma : Ed. do Autor, 2013.
154 f. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul
Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Criciúma, 2013.

1. União dos Estudantes Secundários de Criciúma - História.
2. Movimentos estudantis - Criciúma - História. 3. Estudantes –
Atividades políticas. I. Título.

CDD. 22. ed. 371.81

MARLI PAULINA VITALI

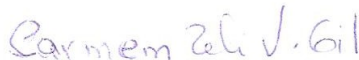
**UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE CRICIÚMA
(UESC): ENTRE O CONSERVADORISMO E A RESISTÊNCIA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 27 de março de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Giani Rabelo
(Orientador – UNESC)


Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas
(Membro – UFRGS)

Prof. Dr. João Henrique Zanelatto
(Membro – UNESC)

Prof. Dr. Carlos Renato Carola
(Membro – UNESC)

Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral
Coordenador do PPGE-UNESC

Marli Paulina Vitali
Mestranda

A Samuel e Irene. Princípio,
exemplo, fortaleza!

AGRADECIMENTOS

Há tanto o que agradecer em todos os momentos da vida que citar alguns nomes pode parecer repetitivo. Mas, muitas vezes, na correria que se vive, os agradecimentos são suprimidos e os obrigados acabam guardados no íntimo de cada um. O gesto de agradecer é tão simples, mas ao mesmo tempo tão rico, que merece ser mais e mais difundido. Um primeiro obrigado à família, Irene, Luis, Samuel e Ana, amores que me foram dados de presente. Ao amor que escolhi, Rafael, para ser meu companheiro nesta caminhada. A estrela que nos guia, Samuel, que brilha hoje em nossos corações. Aos amores/amigas/irmãs, que são partes de minha vida, Kaki, Karina, Tati, Dani e Dine, grupo que me fortalece e me aconselha. Aos colegas/anjos de trabalho, Lize, Toldo, Farrinha, Davi e demais amigos da Satc. A sempre mestra e amiga Nádia, que dedicou seu tempo para ler estes rabiscos.

Agradecimento mais que especial à mestra Giani Rabelo, que soube dar a direção para quem seguia desnordeada num caminho novo, desconhecido, mas rico e cheio de possibilidades. Obrigado é muito pouco para dizer o quanto as palavras de carinho e os momentos de atenção significaram e significam. Esse é mais um degrau no aprendizado da vida que subo. Um a mais entre tantos que vieram e muitos outros que ainda estão para serem alcançados. Obrigado às memórias dos entrevistados que dedicaram parte do seu tempo a me contar suas histórias. A dois deles, um carinho especial: Rodeval Alves, pelo zelo e cuidado com que conservou documentos indispensáveis ao processo de pesquisa, e a querida Ana Maria Bristot, que abriu a caixa mais importante, seu coração, e me permitiu entender um pouco mais o que significou o movimento estudantil. Agradeço aos professores, profissionais e amigos do curso de mestrado que ajudaram a superar os desafios, apoiaram e fizeram com que alcançasse, de uma maneira bem suave, esse novo degrau.

“A vida é breve, mas cabe nela
muito mais do que somos capazes
de viver.”

José Saramago

RESUMO

O presente estudo procura reconstruir a trajetória da União dos Estudantes Secundários de Criciúma, a UESC, que atuou entre os anos de 1960 a 1966, na cidade de Criciúma (SC). A nova história tem influenciado as pesquisas no campo da História da Educação, especialmente em temas pouco estudados. Questões que antes eram pouco debatidas hoje são investigadas dentro do campo da história da educação. Nesta perspectiva, o presente estudo se propôs a investigar sobre a seguinte questão: Como foi a atuação da UESC, no início dos anos de 1960, junto ao movimento estudantil? A partir deste problema de pesquisa foram traçados os seguintes objetivos: identificar as bandeiras de luta da UESC e sua articulação com a UNE e com a UCES; perceber as interferências de lideranças econômicas e da Igreja Católica no movimento estudantil de Criciúma; observar os espaços que a UESC ocupava nos veículos de comunicação da cidade; perceber as memórias dos estudantes que se posicionaram contra os líderes do movimento estudantil secundarista de Criciúma. No aprofundamento do objeto de pesquisa foram realizadas entrevistas com os ex-dirigentes que coordenaram os trabalhos na UESC no período em que esteve em funcionamento (1960-1966). Suas memórias, embora fragmentadas e lacunares, foram fundamentais, além dos documentos encontrados. Em meio à análise do material catalogado e incluído neste estudo, foi indispensável o cruzamento de fontes. Além das memórias utilizei as reportagens de jornais e os documentos da UESC que foram preservados, entre eles ofícios, fotografias, informativos, em especial aqueles guardados por seus ex-integrantes. Foi possível perceber diferentes posicionamentos entre os jovens que integravam a direção da UESC e outros líderes do movimento estudantil de Criciúma. Ambos defendiam reformas e melhorias na educação, mas, na maior parte do tempo os diretores da UESC defendiam propostas da elite local. Eram jovens conservadores. Importante ressaltar isso, já que boa parte dos estudos sobre o movimento estudantil apontam para ações coordenadas por jovens ligados a grupos de esquerda no Brasil. Outro elemento que ficou bastante evidente foi a interferência da Igreja Católica no movimento, mas precisamente do padre Estanislau Cizeski. Essa ingerência contribuiu para o posicionamento dos diretores da UESC e direcionava suas ações contra “o perigo comunista”. Mesmo conservadora, ao que parece a UESC fechou suas portas sem explicações. Documentos, arquivos e material da entidade foram

destruídos, não se sabe se por medo dos militares em relação à entidade ou apenas para dar fim a um período. Esses ainda são questionamentos que podem render novos estudos.

Palavras-chave: União dos Estudantes Secundários de Criciúma. Movimento estudantil secundarista. Memória. Juventudes.

ABSTRACT

This monograph intends to reconstruct Criciúma's Secondary Students Union (UESC) paths, which had acted between 1960 to 1966, in Criciúma (SC). New history had influenced searches in Education History fields, especially in themes that are not very studied. Issues which were less discussed before are investigated in education history field today. Therefore, this study proposed to investigate about this issue on: how UESC acted, in the beginning of 1960's, with the student movement? From this search problem were traced the following objectives: to identify the claims of UESC and its relationship with UNE and UCES; to realize the interference of economic leads and the Catholic Church in Criciúma's student movement; to notice the space occupied by UESC in the city's means of communication; to realize the students' memories who had stood against Criciúma's Secondary Students Movement's leaders. Deepening the search's object, were realized interviews with ex-leaders who had coordinated UESC works while it was working (1960-1966). Their memories, although fragmented and flawed, were essential, and also the documents found. Among the cataloged material analyses, included in this paper, it was indispensable the source crossing. Besides the memories it was used newspaper reports and the UESC documents that were preserved, as registered papers, photographs, informing papers, in especial those guarded by their ex-integrants. It was possible to realize different positioning between the youth that integrate UESC direction and the other leaders of Criciúma's student movement. Both defended reforms and improvements in education, but, most time the UESC directors defended local elite proposal. They were a conservative youth. It is important to highlight, since good part of the studies about the student movement lead to actions coordinated by the youth linked to lefty groups in Brazil. Another element that got a lot evident was the Catholic Church involvement in the movement, mainly by Estanislau Cizeski priest. This interference contributed to the UESC directors positioning and headed your actions against "the communist danger". Yet conservative, UESC closed its doors without explanations. Documents, files and entity material were destroyed, or because of the fear of the army against the entity or just the end a period. These are questionings that can lead to other studies.

Keywords: Criciúma's Secondary Students Union (UESC). Secondary student movement. Memory. Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Morte do estudante Edson Luís (1968)	56
Figura 02: UESC em foco e as críticas	70
Figura 03: Plataforma P.I.E. (1962)	71
Figura 04: Encontro de estudantes em Criciúma (1965)	73
Figura 05: Padre Estanislau Cizeski na UESC (1962)	75
Figura 06: Edifício São Joaquim (2011)	81
Figura 07: Passeata 1º de maio em Criciúma (1962)	86
Figura 08: Passeata 1º de maio em Criciúma (1962)	86
Figura 09: Panfleto da 1ª Semana do Estudante (1962)	88
Figura 10: Assinatura Pacto Estudantil-Operário (1962)	91
Figura 11: As rainhas (1964)	95
Figura 12: O carvão é nosso (1962)	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Presidência da UESC	67
--------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAD	Coligação Acadêmica Democrática
CPC	Centro Popular de Cultura
IAPETEC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transporte e Cargas
JEC	Juventude Estudantil Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PSD	Partido da Social Democracia
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
UBES	União Brasileira de Estudantes Secundaristas
UCE	União Catarinense de Estudantes
UCES	União Catarinense de Estudantes Secundaristas
UDN	União Democrática Nacional
UESC	União dos Estudantes Secundários de Criciúma
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNE	União Nacional de Estudantes
USAID	United States Agency for International Development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 NA TERRA DO CARVÃO SURGE UMA ENTIDADE ESTUDANTIL SECUNDARISTA	33
2.1 OS DONOS DAS MINAS SÃO OS DONOS DA CIDADE.....	33
2.2 A EMERGÊNCIA DA UESC.....	42
3 MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS BANDEIRAS DE LUTA: A UESC SE CONSOLIDA	47
3.1 MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL	47
3.1.1 Jovens estudantes em território barriga-verde.....	59
3.2 JUVENTUDE CRICIUMENSE E A UESC	63
3.3 A DIRETORIA É DE DIREITA, MAS HÁ RESISTÊNCIAS NO CAMINHO.....	67
3.4 A IGREJA CATÓLICA INTERFERE NA UESC.....	75
4 DAS CARTEIRINHAS DE CINEMA PARA UMA ENTIDADE REPRESENTATIVA DOS ESTUDANTES	78
4.1 JORNAL, RÁDIO E A DIVULGAÇÃO DAS NOTÍCIAS DA UESC	78
4.2 BAILES, RAINHAS E SEMANA DOS ESTUDANTES	81
4.3 ALIADOS E INIMIGOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL ESTADUAL E NACIONAL	95
4.4 “PODE ME BATER, PODE ME PRENDER, QUE EU NÃO MUDO DE OPINIÃO”	100
4.5 A POLÍTICA PARTIDÁRIA CORRE NAS ENTRELINHAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL CRICIUMENSE	104
5 MEMÓRIAS DAQUELES QUE LUTAVAM POR UMA UESC DIFERENTE	111
5.1 CANDIDATO DERROTADO QUE DEFENDIA A UNE	112
5.2 DE PRESIDENTE DA UESC A EXILADO POLÍTICO	116
5.3 UMA VOZ FEMININA SILENCIADA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	120
5.4 CORAGEM GARANTE A VIDA DO COMPANHEIRO DE LUTA	124
CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	148

1 INTRODUÇÃO

Criciúma despontava na década de 1960 como uma das principais cidades de Santa Catarina. Com mais de 60 mil habitantes, tinha como mecanismo impulsionador da sua economia a extração do carvão mineral. A indústria carbonífera, que emergia das entranhas da terra desde o início do século XX, era o principal setor econômico da cidade. Com a mecanização do setor que iniciou a partir de 1950 houve ainda maior impulso na economia local e regional. Em 1959, a produção bruta do carvão catarinense chegou próximo a 70% da produção nacional.

Além de movimentar a economia regional, a indústria carbonífera gerava, também, mudanças políticas e sociais. A partir da década de 1940, Criciúma viveu um processo intenso de transformação. Pode-se afirmar que tudo girava em torno da economia do carvão. O principal setor da economia envolveu os principais atores do cenário local, ou seja, mineiros e mineradores.

Se de um lado estavam empresários das minas de carvão, que detinham o comando político¹ da cidade, do outro estavam os operários, que buscavam melhores condições de trabalho e de vida. “No período de 1940 a 1960, o sindicato dos mineiros tinha uma base sindical de cerca de dez mil operários” (CAROLA, 2004, p. 19). A identidade do mineiro era visível no cotidiano da cidade. Essa “identidade cultural peculiar” estava presente no jeito de se vestir, morar e até mesmo na organização de classe. Valores como “coragem, força e exaltação da masculinidade como forma de impedir o aparecimento de sentimentos de fraqueza” (CAROLA, 2004, p. 17) faziam e fazem parte da vida desses trabalhadores. Por estarem em um meio tão adverso, os mineiros buscaram na organização sindical a maneira de melhorar suas condições de trabalho e de vida e um dos instrumentos foi a greve. Goularti Filho e Livramento (2004, p. 76), ao estudarem as greves nas minas de 1951 até

¹ Conforme Triches (1994), o PSD foi fundado em outubro de 1945 e tinha como principais líderes Frederico Minatto, Carlos Lacombe, Cincinato Napolini e Elias Angeloni. Ainda figuram os nomes de Júlio Gaidzinski, Addo Caldas Faraco, José Contim Portella, Pedro Guidi, Santos Guglielmi, Sinval Rosário Bohrer, padre Estanislau Cizeski, entre outros. Já a UDN, que representava a oposição, surgiu em 11 de julho de 1946, por iniciativa de Marcos Rovaris, Heriberto Hülse, Gabriel Arns, Silvino Rovaris e Francisco Meller. Faziam parte da sigla Diomício Freitas, Lindolfo Correia, Abílio Paulo Filho, Plínio Mazzuco, Adolfo Bach, entre outros. Portella, Guglielmi, Heriberto Hülse e Diomício Freitas eram ligados às minas de carvão.

1968, afirmaram que “o aumento no número de movimentos grevistas dos mineiros na região sul está ligado à rápida expansão das atividades carboníferas, às péssimas condições de trabalho e aos baixos salários pagos à categoria”.

É nesse ambiente dinâmico que se insere o objeto deste estudo: a União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC). De acordo com documentos a UESC foi criada oficialmente em 12 de março de 1960 e atuou na cidade até 1966. Nesse período foi presidida por sete líderes estudantis secundaristas.

A nova história tem influenciado as pesquisas no campo da História da Educação, especialmente em temas pouco estudados. “Mais recentemente, sobretudo nos últimos quarenta anos, passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos “esquecidos” da História, como as crianças, as mulheres e as camadas populares” (LOPES e GALVÃO, 2005, p. 39). Questões que antes eram pouco debatidas hoje são avaliadas dentro da pesquisa em educação. Nesta perspectiva, o presente estudo se propôs a investigar sobre a seguinte questão: Como foi a atuação da UESC, no início dos anos de 1960, junto ao movimento estudantil? A partir deste problema de pesquisa foram traçados os seguintes objetivos: identificar as bandeiras de luta da UESC e sua articulação com a UNE e com a UCES; perceber as interferências de lideranças econômicas e da Igreja Católica no movimento estudantil de Criciúma; observar os espaços que a UESC ocupava nos veículos de comunicação da cidade; perceber as memórias dos estudantes que se posicionaram contra os líderes do movimento estudantil secundarista de Criciúma.

A proposta de trazer à tona a experiência vivenciada pelos/as estudantes por meio da UESC de Criciúma, entre os anos de 1960 a 1966, pretende contribuir para o registro e reconstrução de uma história que poderá cair no esquecimento ou ficar restrita às lembranças dos poucos sujeitos que dela participaram como membros ativos. Certamente o movimento estudantil secundarista também deixou suas marcas na história da cidade de Criciúma, daí a relevância desta pesquisa, pois até o presente momento nenhum estudo acadêmico se voltou para esta questão.

Definir-me pelo presente tema, enquanto problemática de pesquisa, numa perspectiva histórica não foi algo que ocorreu por acaso. Minha formação inicial não é da área da Educação. Comecei a cursar a faculdade de Jornalismo em 1993, e dois anos após iniciei na profissão, portanto, são 18 anos de atuação no jornalismo. Ao longo desse período, esta profissão ensinou-me a ouvir mais, ter um olhar apurado e considerar que a realidade atual é construída por pessoas e por

acontecimentos que têm relação com o passado. No Jornalismo também se ouve muitas histórias e o papel do profissional é colocá-las de forma simplificada para que sejam compreendidas pelo público leitor.

Antes de definir-me por este objeto de pesquisa, pensei em investigar sobre o processo educacional, tendo como principal fonte os jornais de Criciúma. O primeiro embrião do que se pode chamar proposta de pesquisa veio ao longo do curso de Pós-graduação em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na disciplina de *Educação e Pesquisa: História da Educação Brasileira e Catarinense*, ofertada no segundo semestre de 2009².

Ao discutirmos alguns textos relacionados à educação no regime militar no Brasil e em Santa Catarina, surgiu a ideia de investigar os discursos que circularam neste período (1964 a 1983) sobre os/as professores/as, ou seja, qual a representação social do professor e da professora neste período. Além disso, pretendia-se investigar se houve alteração desta representação no momento pós-ditadura. Esta ideia de pesquisa foi indicada no memorial descritivo apresentado em uma das etapas do processo seletivo para o mestrado em educação, no qual fui selecionada em novembro de 2010.

Na condição de aluna regular do Mestrado em Educação do referido programa, ao dar os primeiros passos em direção à construção do projeto de pesquisa a ser desenvolvido, comecei a rastrear as notícias sobre educação que foram veiculadas pelo jornal *Tribuna Criciumense*³ (periódico que se manteve em circulação por mais tempo em Criciúma). Mas, neste processo fiquei impressionada com o número de matérias sobre o movimento estudantil da cidade, antes e após a implantação do regime civil-militar, mais especificamente sobre a União dos Estudantes Secundários de Criciúma. Então fui tomada pela seguinte indagação: por que não pesquisar o movimento estudantil secundarista?

² Esta disciplina foi ofertada pelos/as professores/as Giani Rabelo e Dorval do Nascimento, no Programa de Pós-Graduação da UNESC. Particpei da disciplina como aluna especial.

³ Este jornal circulou na cidade de Criciúma entre os anos de 1955 e 2000, quando foi transformado em diário e perdeu parte de seu nome, passando a se chamar *A Tribuna*. Em outubro daquele ano, *A Tribuna* se uniu ao *Jornal do Dia*, e surgiu em Criciúma a publicação *Tribuna do Dia*, que nos dias atuais voltou a ser chamado de *A Tribuna*. As matérias relacionadas à educação, citadas neste estudo, foram todas catalogadas pelos membros do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação, fazendo parte de seu acervo.

Uma das discussões realizadas na disciplina de *Educação e Pesquisa: História da Educação Brasileira e Catarinense* foi a de que no campo da história da educação pouco tem se pesquisado sobre os estudantes, ou seja, suas práticas, suas produções, suas experiências, seus saberes. Ao invés disso, os estudos têm se voltado mais para os docentes e instituições escolares.

De acordo com as matérias do referido jornal, a UESC foi criada em 1960 e teve suas atividades encerradas em 1966, sem data precisa, portanto, emergiu antes do regime civil-militar. A partir desta realidade, demarcada pelas fontes, é que surgiu o interesse em pesquisar a União dos Estudantes Secundários de Criciúma.

Se de um lado a produção sobre o movimento estudantil local praticamente inexistente, o mesmo não acontece em nível nacional. Por meio de levantamento a respeito dos estudos realizados sobre o movimento estudantil no Brasil encontrei alguns trabalhos que me auxiliaram nesta investigação. Os dados sobre a atuação da União Nacional dos Estudantes são amplos e resultaram em livros como de Mendes JR. (1982), Sanfelice (1986), Alves (1993) e, mais recentemente, Araújo (2007), que abordam a história dos estudantes brasileiros e trouxeram as principais ações desenvolvidas pela entidade.

O tema é presença também em debates na América Latina. Albuquerque (1977) avaliou a movimentação estudantil não apenas no Brasil, mas nos países vizinhos, que passavam por situações políticas semelhantes às vivenciadas aqui. Teixeira (2008) buscou, por meio de fotografias e depoimentos, relembrar um momento histórico, que foi a passeata dos cem mil no centro do Rio de Janeiro. Já Poerner (1995) procurou trazer a história não oficial e mostrar como os jovens, com posicionamento político, foram transformadores da realidade de uma época. Cardoso (2005) trouxe como referência a atitude de uma geração, a de 60, que ficou marcada na história.

O tema também é assunto da pesquisa científica de Gusson (2008), que abordou a repressão que sofreram os estudantes após a instalação do regime. Hagemeyer (1997) e Pellicciotta (1997) observaram o cenário que envolveu a juventude estudantil após a implantação do período ditatorial. Freire (2008) mostrou como os estudantes estavam organizados e dispostos a enfrentar o regime implantado à força.

O movimento estudantil é uma página importante da história brasileira e que não poderia ficar restrito aos estudos acadêmicos. Um exemplo disso é o projeto Memória do Movimento Estudantil, criado em maio de 2004 com a finalidade de fazer com que os mais jovens

conheçam a história e compreendam a participação daqueles que ajudaram a lutar e depois recuperar a democracia brasileira. No site www.mme.org.br é possível encontrar mais de cem depoimentos de lideranças estudantis que ingressaram nas fileiras e participaram ativamente da luta contra o regime militar. Fotografias, acervos em vídeo e uma vasta bibliografia de obras sobre o tema, entre outros itens, integram o site que pode ser acessado por qualquer pessoa.

Em Santa Catarina o movimento estudantil também foi motivo de algumas produções acadêmicas, apesar de escassas. Lideranças surgiram entre os jovens e depois se firmaram no cenário político estadual. Moretti (1984) traz, com riqueza de detalhes, as ações desenvolvidas pela União Catarinense dos Estudantes (UCE) e seu engajamento com a UNE. Em nível local apenas uma produção foi identificada. Trata-se do trabalho de Souza (2009) que discute a trajetória do Grêmio Pedagógico do Colégio Madre Teresa Michel, escola particular e confessional.

O trabalho de pesquisa é árduo e exige dedicação e atenção por parte do pesquisador. É preciso ter em mente que não se obterá um resultado definitivo, mas aproximações em relação à experiência da UESC. Portanto, a proposta deste estudo é reconstruir parte da trajetória do movimento estudantil criciumense, sem desconsiderar o cenário local, regional e nacional, tendo como pressuposto que este é um dos olhares, entre tantos outros que podem ser lançados para o passado.

Buscando-se em Melucci (2001, p. 95) aporte teórico, se reforça ainda mais a necessidade de observar os movimentos sociais que surgiram na sociedade moderna. O autor defende que é preciso olhar para a participação juvenil em locais não formais e o movimento estudantil da forma como é colocado no presente estudo surge dentro de um espaço mais tradicional de mobilização. De acordo com Melucci (2001), os conflitos pós-industriais estimularam a observação e pesquisa sobre grupos sociais que estavam à margem.

Os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-nacionais, pacifistas não têm somente colocado em cena atores conflituais, formas de ação e problemas estranhos à tradição de lutas do capitalismo industrial; eles têm colocado, também, no primeiro plano, a inadequação das formas tradicionais de representação política para colher de maneira eficaz as questões emergentes (MELUCCI, 2001, p. 95).

Esta pesquisa ocorreu dentro da abordagem qualitativa e nela procurei, de acordo com Neves (1996), compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos participantes da situação pesquisada, a fim de fazer minha própria interpretação.

Num momento inicial, os estudos na área da educação ficaram concentrados em questões objetivas, como a estrutura escolar e os currículos, por exemplo. A partir da Nova História, os pesquisadores passaram a se debruçar sobre novos temas. Começou-se a observar que a educação não era algo isolado e que, desta forma, ela não poderia ser analisada também de maneira separada de seu contexto. Ela fazia parte do todo, e esse todo deveria ser um ponto de análise do pesquisador (LOPES e GALVÃO, 2005).

Por isso, ao se propor a análise do movimento estudantil secundarista em Criciúma é fundamental que se observe também qual era o contexto da cidade naquele período, o que propunham as lideranças de movimentos estudantis estaduais e nacionais para que se possa fazer o confronto das ideias.

A História Oral é base teórica para compreender o presente estudo. Para Meihy (2005) a história oral se torna um instrumento de utilidade pública, na medida em que faz o registro de experiências de pessoas vivas.

Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que trançam para garantir a lógica da vida coletiva (MEIHY, 2005, p. 25).

Para McConkey (apud MEIHY, 2005), “o passado é a matéria da memória e da história, mas a dinâmica é diferente entre uma e outra”. Memórias são seletivas, articuladas e podem trazer o individual e o coletivo. Para Meihy (2005, p. 63), a memória individual só tem sentido a partir do momento em que tiver “sua inscrição no conjunto social das demais memórias”. Trabalhar com a memória é algo complexo, pois, conforme Lopes e Galvão (2005, p. 89), a memória seleciona os fatos, armazenando os que lhe convém. “[...] muitas vezes os entrevistados falam o que imaginam que devem falar para aquele interlocutor específico, sobre o qual criam certas expectativas e ao qual atribuem

determinados valores”.

Entender o quão complexa é a memória se torna necessário para saber em que campo se está entrando. Nesse aspecto, o aporte teórico de Halbwachs (2006) vem para auxiliar na compreensão das memórias individuais e coletivas, que se interligam e ao mesmo tempo podem se distanciar. Le Goff (2003) e Bosi (1994) reforçam que a memória está intimamente ligada ao meio social em que o indivíduo vive. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Embora produzida num meio coletivo, a memória é fragmentada, seleciona aquilo que convém ao sujeito, principalmente quando evocada para trazer de volta determinadas questões. Para Bosi (1994, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Para ela, relembrar não é reviver, mas reconstruir fragmentos de uma memória do passado, sempre com um olhar do presente, inserindo as nossas experiências atuais.

No aprofundamento do objeto de pesquisa foram realizadas entrevistas com os ex-dirigentes que coordenaram os trabalhos na UESC no período em que esteve em funcionamento (1960-1966). Suas memórias, embora fragmentadas e lacunares, foram fundamentais, além dos documentos encontrados. Em meio à análise do material catalogado e incluído neste estudo, foi indispensável o cruzamento de fontes. Além das memórias utilizei as reportagens de jornais e os documentos da UESC que foram preservados, entre eles ofícios, fotografias, informativos, em especial aqueles guardados por seus ex-integrantes.

Foram presidentes da UESC: Fúlvio Napolini (1960), Olímpio Vargas (1961), Archimedes Napolini Filho (1962 e 1964), Rodeval José Alves (1962, assumiu após a saída de Napolini Filho para a União Catarinense de Estudantes Secundários), Lúcio Nuernberg (1963), Clayton Rogério Duarte Netz (1964) e Eno Steiner (1965).

As entrevistas foram realizadas com ex-presidentes e ex-vice-presidentes da entidade. Dos sete presidentes identificados no período entre 1960 e 1966, foram entrevistados Fúlvio Napolini, Archimedes Napolini Filho, Rodeval José Alves, Clayton Rogério Duarte Netz e Eno Steiner. Além deles, o ex-vice-presidente Francisco Faraco, e as ex-

rainhas⁴ da UESC: Vera Maria Silvestre Cruz e Ana Maria Bristot de Almeida. Outro entrevistado foi Armando Serafim, que concorreu à presidência da UESC e perdeu a disputa em 1962 para Archimedes Napolini Filho. Também foi ouvido Luiz Jorge Leal, que participou do movimento, sem ocupar um cargo na entidade.

Duarte (2002, p. 152) defende ainda que o olhar atento do estudioso deve ser exercitado em todos os momentos do trabalho. “É preciso ter olhar e sensibilidade armados pela teoria, operando com conceitos e constructos do referencial teórico como se fossem um fio de Ariadne, que orienta a entrada no labirinto e a saída dele, constituído pelos documentos gerados no trabalho de campo”.

Além do referencial que observa a memória, este estudo também tem no tema juventude um aporte teórico. É a partir de Melucci (2001) que se podem observar os movimentos sociais na atualidade e, nesse aspecto, compreender um pouco mais sobre a juventude. Para o autor, o jovem não é apenas um ator de conflitos, suas ações desencadeiam mudanças profundas. “No tempo e no espaço que o conflito delimita, os jovens não falam mais só por si mesmos: ser jovem não é mais somente um destino, mas se transforma em escolha para mudar e para dirigir a existência” (MELLUCCI, 2001, p. 105).

O jovem de 1960, período em que a UESC existiu, era diferente em alguns aspectos do jovem do século XXI, em outros era semelhante. Tinha sonhos, gostava de novidades, queria emprego, estudo e também vivia seus próprios conflitos. Foracchi (1972) trouxe dados sobre a juventude da década de 1960, que tinha suas crises. É com Foracchi que o tema juventude começa a surgir nos estudos da educação. Mas é a partir da década de 1990 que há uma retomada nos estudos sobre o tema. Uma das estudiosas do assunto na atualidade é Marília Pontes Sposito. Sua produção, em conjunto com outros pesquisadores, traz informações sobre a juventude brasileira na atualidade. Uma das produções é o livro *Juventude e Contemporaneidade*, que integra a coleção *Educação para Todos*, lançada pelo Ministério da Educação (MEC) e UNESCO em 2007. O livro traz uma série de artigos que reúnem informações sobre os jovens nas mais diferenciadas áreas. Além dele, Sposito detalha o assunto juventude em artigos mais específicos (1997, 2002, 2007).

Nos dois volumes do *Estado da Arte*, Sposito (2009-A, p. 17) coordena os estudos que foram feitos a partir dos trabalhos de pós-

⁴ A rainha da UESC era escolhida em um concurso que avaliava a beleza e também os conhecimentos das jovens. Elas passavam por uma prova de conhecimentos gerais, aplicada por professoras como Zulcema Povoas Carneiro.

graduação envolvendo o tema juventude. Tema este que ganhou força no país a partir da década de 1990. A base no debates é sobre questões que envolvem o jovem, seja na área social, aumento de violência ou falta de incentivos. Segundo a autora, os jovens são considerados “atores capazes de ação e de interlocução política”. Ao analisar a participação e a mobilização do jovem Sposito (et alli, 2009-B, p. 179) traz dados sobre os movimentos estudantis que se tornaram base para a pesquisa científica que “procuram compreender a experiência construída por estudantes em suas trajetórias de mobilização e suas formas de organização”. No campo das experiências de estudantes secundaristas foram identificados 12 trabalhos, dentro de três grandes eixos: o papel dos grêmios e a participação na gestão escolar; as lutas empreendidas pelos estudantes; e a participação dos estudantes nos grêmios.

O presente trabalho pretende trazer a discussão sobre o movimento estudantil secundário em Criciúma. Para isso é importante entender como era o cenário da cidade no período em que a UESC atuou. Isso está detalhado no primeiro capítulo. Nas páginas seguintes, a partir do segundo capítulo, vem a trajetória do movimento estudantil brasileiro e catarinense. A juventude criciumense também é observada, bem como as interferências externas que agem sobre a entidade estudantil.

No terceiro capítulo, a proposta é abordar aspectos que envolveram a UESC. Espaços que ela ocupava na mídia, os eventos promovidos, a ligação com o movimento estudantil nacional e estadual e a interferência política fazem parte da discussão. Importante que se observe que dentro do movimento local não havia unanimidade de ideias, mas discussões e divergências.

No último capítulo fragmentos da memória de quatro participantes do movimento estudantil estão em evidência. Há uma opção por eles pelo fato de se posicionarem de maneira destoante daquilo que prevaleceu, por muitos anos, no comando da UESC. Armando Serafim, Clayton Rogério Duarte Netz, Ana Maria Bristot de Almeida e Luiz Jorge Leal se posicionaram na vida estudantil, e depois na pessoal, de maneira a questionar o grupo que liderava a UESC, a se manifestar contra o poder constituído na cidade e a criticar, de maneira aberta, o próprio golpe militar. É importante ressaltar o que Bosi (1994, p. 453) traz em relação às memórias pessoais e as interferências que elas podem sofrer. “O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a”.

A escolha dos sujeitos, dirigentes e não dirigentes, se deu justamente para contribuir para a pesquisa e análise da proposta estudada. Serve para que se observem os pontos de divergência que surgiram dentro do movimento estudantil cricumense.

2 NA TERRA DO CARVÃO SURGE UMA ENTIDADE ESTUDANTIL SECUNDARISTA

O ano é 1960. No Brasil, o movimento estudantil vinha se articulando, principalmente liderado pela União Nacional de Estudantes (UNE), que coordenava ações e mobilizava jovens em várias cidades. O país era presidido por Jânio Quadros. Na vice-presidência estava o candidato que concorreu pela oposição, o ex-ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, João Goulart, o Jango, que foi o mais votado na indicação popular. O Brasil vinha num momento de crescimento econômico e tentava-se firmar como democracia, apesar de pressões que o Governo sofria.

Em Criciúma, os tempos também eram de crescimento. O carvão mineral era a base da economia da cidade e região, bem como estimulava a vinda de mais trabalhadores para as minas. Pluralidade cultural, debate de ideias e discussão política. O minério foi o propulsor do desenvolvimento da cidade e estimulou a migração de mão de obra de maneira mais intensa a partir de 1940.

Entre os operários que trabalhavam nas minas surgiram lideranças que não estavam satisfeitas com as condições de trabalho e de vida que eram oferecidas. Foi a partir das discussões e do fortalecimento sindical que os mineiros usaram a greve como um instrumento de resistência à exploração dos trabalhadores. Uma das lideranças estudantis da época comenta que “o movimento sindical era muito ativo. Os mineiros eram politizados e sabiam exatamente por que faziam greves”⁵. Foi neste cenário tenso que emergiu a União dos Estudantes Secundários de Criciúma, a UESC.

2.1 OS DONOS DAS MINAS SÃO OS DONOS DA CIDADE

A região sul de Santa Catarina se desenvolveu a partir da exploração do carvão mineral. Os núcleos de imigrantes que vieram da Europa se formaram praticamente no mesmo período, final do século XIX, em que a ferrovia Dona Tereza Cristina era construída e que a primeira companhia de mineração era criada. Conforme Carola (2004, p. 12), “a própria denominação ‘região carbonífera’ revela a força ideológica do ‘progresso’ vinculado à indústria do carvão, que a partir da década de 1930 se tornou a principal referência econômica e política

⁵ Luiz Jorge Leal. Entrevista concedida a Marli Vitali em 21 de outubro de 2012.

[...]”, perdurando até o início dos anos de 1990.

É importante compreender o que o carvão significava para a cidade em 1960, quando Criciúma vivia um crescimento populacional impulsionado pela extração do minério. No ano anterior, a produção bruta do carvão catarinense foi de 1.436.398 toneladas, representando 66,84% da produção nacional (CAROLA, 2002). A população saltou de 27 mil pessoas na década de 1940 para mais de 50 mil em 1950 (NASCIMENTO, 2004). Em 1960, eram 61.975 habitantes (TRICHES, 1994).

Foi pela exploração do minério que a cidade cresceu, atraiu trabalhadores das mais diferentes cidades e impulsionou riquezas, mas também trouxe consequências na área social. Volpato (2001, p. 14) reforça esse aspecto e pondera que por meio século tudo dependia do carvão “[...] e era dele que os empresários, os políticos, os trabalhadores esperavam o lucro, o poder e subsistência, respectivamente”.

É impossível separar a história de Criciúma do minério, por isso é relevante analisar o que significou a extração do carvão, principalmente ao observar o período estudado, a década de 1960. Volpato (2001, p.15) defende que o minério deixou suas marcas na dimensão cultural e história das pessoas. “A identificação de Criciúma com o carvão é tão forte que os últimos 25 anos (2001) de diversificação das atividades não conseguiram relativizar o significado e a importância da mineração para a região”.

O crescimento econômico fez com que a cidade despontasse no cenário estadual, mas trouxe também situações conflitantes. Uma delas envolvia a qualidade de vida dos trabalhadores da indústria carbonífera. Carola (2004) traz referências aos escritos do médico Manif Zacharias, paranaense que veio trabalhar em Criciúma na década de 1940. Com um olhar de quem já vivia em um centro maior, Curitiba, observou aspectos da pequena cidade que o recebia: “[...] estradas estreitas, sinuosas e quase impérvias, empoeiradas e lodacentas” (ZACHARIAS, 1999, p. 19-20).

As condições de vida do trabalhador mineiro também eram questionáveis. Rabelo (2007, p. 59) lembra que as primeiras vilas operárias foram construídas sobre o rejeito do carvão, a pirita, e não ofereciam as mínimas condições de moradia.

[...] casas de madeiras individuais ou geminadas, escuras, com poucos cômodos, em média quatro: dois quartos, uma sala e uma cozinha, cada qual com sua privada, sem

iluminação elétrica, sem água encanada, sem sistema de esgoto, com janelas de madeira e sem vidraça.

Perceber o trabalhador das minas de carvão é importante para se compreender um pouco mais sobre a Criciúma de 1960. É esse homem que resiste e questiona os padrões adotados pela elite local. Segundo Volpato (2001, p. 141), a resistência é uma das marcas fortes da identidade social do mineiro.

A resistência não aparece, assim, como uma negação dos mineiros à sua identidade ou como fuga do trabalho, a ponto de ameaçar a reprodução social do grupo. Ao contrário, a resistência consolida e perpetua a continuidade da categoria.

Para a autora, essa resistência não se dá apenas no ambiente de trabalho, mas se consolida também na família e no bairro onde ele vive. O mineiro se reveste de sua profissão em todos os aspectos e momentos do seu dia. A discussão, a intenção de mudar e os questionamentos surgem em ações dentro das próprias minas e antes mesmo da formalização de uma organização sindical.

É no final da década de 1950 que o movimento sindical mineiro passa por uma reviravolta. O Sindicato dos Mineiros de Criciúma⁶ começou a ter uma postura mais contestadora em relação às condições de vida dos trabalhadores e das famílias mineiras a partir de 1957, com a eleição de Antônio José Parente⁷ na chapa dos “Autênticos”. Era o fim do tempo de peleguismo⁸ para o início de um período mais combativo,

⁶ A instalação do Sindicato dos Mineiros se deu após a criação da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão de Criciúma, em assembleia realizada dia 30 de maio de 1945 (RABELO, 2007). Conforme Goularti Filho e Livramento (2004), o Sindicato surgiu como os demais da época, marcado por um forte atrelamento ao Governo.

⁷ O movimento sindical mineiro viveu dois momentos distintos. Entre 1944 e 1957 um período em que os representantes sindicais estava ligados aos donos das minas. Entre 1957, quando Antônio José Parente venceu a eleição, e 1964 ocorreu a fase da militância sindical. Mas isso está restrito apenas ao principal sindicato de Criciúma (GOULARTI FILHO e LIVRAMENTO, 2004).

⁸ Peleguismo vem da palavra “Pelego”. Conforme o dicionário Michaelis designa: “Alcunha dos que disfarçadamente trabalham contra os interesses dos

pois até então se tinha um sindicato atrelado aos donos das carboníferas. Conforme Volpato (2001), até 1957 os operários das minas só pagavam a taxa sindical porque era algo obrigatório, já que eles consideravam que o sindicato era o patrão, devido à interferência que existia.

Com a vitória dos “Autênticos” a gerência do Sindicato mudou. Reivindicações que parecem simples na época eram pleiteadas pelos mineiros. Eles exigiam “trilhos de ferro, melhores condições de ventilação, de higiene e de segurança nas minas, [...] fornecimento de luz elétrica às vilas operárias” (COIMBRA, 1996, p. 40). A vitória dos Autênticos⁹, presididos por Antônio José Parente, melhorou a relação com os trabalhadores, fortalecendo a comunicação entre as comissões. A comissão era formada por mineiros, que atuavam nas minas, e que levavam para o sindicato as dificuldades e problemas que o trabalhador vinha enfrentando. “Os ‘dirigentes’ das comissões recebiam formação no sindicato através de palestras, ministradas pelo advogado do sindicato¹⁰ e pelos políticos do PTB” (VOLPATO, 2001, p. 161). Este ambiente era propício para a deflagração de greves dos operários mineiros. A chapa de Parente, a 02, venceu com 578 votos, contra 297 da chapa 01, liderada por João de Oliveira, e 153 da chapa 03, presidida por Manoel Quintino (LEMOS, 2008, p. 56). Na diretoria, com Antônio Parente, estavam Eugênio Ferreira, secretário, e Raul de Souza, tesoureiro. Em 1959 Parente foi reeleito e o comando do Sindicato manteve-se com os Autênticos ainda em 1961, com a vitória de Jorge Feliciano (LEMOS, 2008).

Goularti Filho e Livramento (2004) detalham as greves registradas entre 1951 e 1968. As mais conflituosas foram a partir de 1957. Na pauta de reivindicações dois pontos fundamentais: melhores salários e condições de trabalho dignas. Em 1958 foram 18 dias de paralisação. Em 1960, entre os dias 4 e 28 de janeiro, uma greve que ficou marcada na história. Era reivindicado o pagamento da taxa de insalubridade.

sindicalizados”. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pelego>. Acesso em 19 de maio de 2012.

⁹ Antônio Parente foi o primeiro presidente da nova fase do Sindicato dos Mineiros. Ele manteve-se no cargo até 1961, quando foi eleito Jorge Feliciano, também do mesmo grupo (VOLPATO, 2001).

¹⁰ O advogado do Sindicato era Aldo Dietrich (VOLPATO, 2001).

Os trabalhadores da Carbonífera Catarinense foram ovacionados pela resistência, pelo piquete e por terem sido presos pelas tropas do exército. Os Freitas, proprietários de minas, foram acusados de traidores e escravizadores de operários. Os trabalhadores da Próspera e da Metropolitana voltaram ao trabalho após 29 dias parados. [...] Para manter a “ordem” foram enviadas de Florianópolis tropas da Companhia do 14º Batalhão de Caçadores. (GOULARTI FILHO; LIVRAMENTO, 2004, p. 82-83)

Os conflitos começaram no centro de Criciúma, entre mineiros e policiais militares, passaram pelas ruas principais e chegaram até o bairro Próspera. Até as mulheres dos trabalhadores, grávidas, participaram dos atos. Naquele ano, os mineiros receberam 48% de reajuste salarial (COIMBRA, 1996).

As questões trabalhistas, políticas e econômicas da Criciúma de 1960 estavam interligadas. A extração do carvão mineral movimentava a economia, donos de carboníferas detinham poder, dinheiro e traçavam os rumos da cidade. Volpato (2001) reforça que os mineradores se beneficiavam dos movimentos grevistas para pressionar o governo federal e obter vantagens para o carvão. Em viagens realizadas ao Rio de Janeiro, muitas vezes, os mineiros grevistas seguiam junto com os patrões.

A estratégia patronal, utilizando-se da pressão dos mineiros para obter elevação das quotas e do preço do carvão, revestia-se de muita ambigüidade. De um lado, favorecia os lucros da empresa; de outro, garantia melhores salários, mas resultava também num poder de resistência maior dos mineiros, que a cada nova greve ganhavam em organização, experiência e respeitabilidade enquanto detinham o poder (VOLPATO, 2001, p. 163).

A relação entre economia e política era muito próxima na cidade. Sobrenomes de famílias tradicionais, como Guglielmi, Angeloni, Napolini, Gaidzinski, Hülse, Freitas e Rovaris figuravam entre os dois

partidos políticos principais da época: Partido da Social Democracia (PSD)¹¹ e União Democrática Nacional (UDN). O PSD deteve o comando da prefeitura de Criciúma de 1945 a 1965, sucedendo prefeitos. Em 1960, quem estava no comando era Addo Caldas Faraco¹². “Os pessedistas perderam sua primeira e única eleição majoritária em outubro de 65¹³” (TRICHES, 1994, p. 139), quando o engenheiro Ruy Hülse, filho do minerador e ex-governador Heriberto Hülse¹⁴, venceu a disputa municipal.

O PSD dividia as atenções com a UDN¹⁵, partido de oposição que buscava espaço político na cidade. Além de Ruy Hülse, Gabriel Arns, em 1950, e Aldo Hercílio da Luz, em 1960, foram os outros dois udenistas que tentaram chegar à prefeitura, sem sucesso. Perderam as disputas para Paulo Preis e Addo Caldas Faraco, respectivamente. Conforme Triches (1994, p. 158), o principal nome da UDN foi Heriberto Hülse, que foi presidente de honra estadual e local da sigla. “Por mais de uma década foi diretor da CBCA¹⁶ – principal empresa carbonífera da época – que pertencia a Irineu Bornhausen e depois foi vendida a Álvaro Catão, sucessores de Henrique Lage na mineração catarinense”.

Além dos dois, havia ainda o Partido Trabalhista Brasileiro

¹¹ O PSD foi fundado em Criciúma em outubro de 1945. Os líderes foram Frederico Minatto, Carlos Lacombe, Cincinato Napolini e Elias Angeloni (TRICHES, 1994).

¹² Carioca, Addo Caldas Faraco chegou à cidade em 1934 para trabalhar como agente dos Correios e Telégrafos. Após a aposentadoria, em 1945, ingressou na política e foi um dos fundadores do PSD. Conforme Napolini Filho (2000), foi prefeito em 1945, 47 a 51 e 56 a 61. Nas eleições, Faraco sempre contou com o apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1966, tentou concorrer novamente, mas foi derrotado por Ruy Hülse, da UDN.

¹³ Em 1960, o eleito foi Nery Jesuíno da Rosa, que era do PTB, mas estava sendo apoiado pelo PSD (TRICHES, 1994).

¹⁴ Heriberto Hülse assumiu o governo de SC em 16 de junho de 1958, substituindo o então governador Jorge Lacerda, que morreu em acidente aéreo. Ficou no cargo até janeiro de 1961. Disponível em www.sc.gov.br – Governadores de SC. Acesso em 29/09/2012.

¹⁵ A União Democrática Nacional (UDN) foi fundada em Criciúma em 11 de julho de 1946, por iniciativa de Marcos Rovaris, Heriberto Hülse, Gabriel Arns, Silvino Rovaris e Francisco Meller (TRICHES, 1994).

¹⁶ A Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA) foi fundada pela Cia. Lage e Irmãos e começou a minerar em Criciúma em 1913 (VOLPATO, 2001).

(PTB)¹⁷, que surgiu para ser um partido de aluguel e acabou se tornando, principalmente no início, a sigla que reunia líderes sindicalistas e simpatizantes do comunismo (TRICHES, 1994). Foi pela interferência de Heriberto Hülse que o PTB ganhou forma em Criciúma. Ele queria usar a sigla para fortalecer a UDN nas eleições municipais, captando o voto dos operários.

Com estas preocupações, Hülse incentiva o seu subordinado hierárquico na CBCA e sindicalista Antônio Parente a criar a nova sigla. Passado o pleito de 47, Parente rompe politicamente com o amigo e a ingerência acaba (TRICHES, 1994, p. 140).

A organização dos petebistas se dá justamente onde Hülse pretendia, no meio dos trabalhadores, mas sua articulação é própria. Uma das grandes forças da sigla, conforme afirma Triches (1994, p. 141), se dá por meio do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transporte e Cargas (IAPETEC), um dos institutos da Previdência Social da época. “Em termos de estrutura, o IAPETEC era maior que a própria prefeitura. Com mais de dez ambulatórios médicos, ambulâncias e serviços de raio x, garantia mais de cem empregos diretos”. Outra força era o Sindicato dos Mineiros, que agregava os trabalhadores das minas de carvão.

Como já mencionado, o crescimento do setor carbonífero atraiu mão de obra de várias cidades para Criciúma. Médicos, engenheiros, professores migraram para cá em busca de oportunidades que surgiam impulsionadas pelo minério. Conforme Triches (1994) em 1960, o município contava com mais de 61 mil habitantes, sendo que a maioria, 55%, ainda vivia na zona rural, mas já menos que na década anterior, quando 81,7% moravam no campo.

A cidade crescia de maneira rápida, desordenada e sem planejamento. E na educação isso era visível. Havia poucas iniciativas para que os filhos da sociedade cricumense, fossem de trabalhadores ou

¹⁷ O PTB foi criado antes das eleições de 1947. O incentivo veio de Heriberto Hülse, que achava que a UDN precisava de um partido auxiliar para fortalecê-los nas eleições buscando votos dos operários. Participaram da fundação Ernesto José Milioli, Rodolfo Rufino de Souza, Hercílio Amante, Pedro Andrade, Romeu Lopes de Carvalho, Aryosvaldo Huascar Machado e Artur Pescador. (TRICHES, 1994, p. 140).

de famílias ricas, pudessem estudar. Conforme Rosso (2011, p. 02), entre as dificuldades estava o acesso ao ensino.

[...] a educação era restrita não apenas para as classes trabalhadoras, mas, principalmente, para os membros da elite criciumense, que, por apresentarem melhores condições financeiras, necessitavam e procuravam outras cidades para concluir a formação de seus filhos e filhas. Aos menos abastados, restava-lhes parar de estudar após frequentar o único curso ginásial existente na região: o Curso Normal Regional Nicolau Pederneiras, estabelecido no Grupo Escolar Lapagesse, fundado na cidade em 1933.

Além do Lapagesse, em 1955 a cidade já contava também com o Ginásio Madre Tereza Michel (MTM), que começou a funcionar efetivamente em 1956 (ROSSO, 2011). Reforço para a educação secundária veio em 1961, com a criação do Ginásio Masculino São José, o Colégio Marista de Criciúma (BERGMANN, 2011). Segundo Bergmann (2011, p. 19), “o público atendido pelo educandário pertencia e ainda pertence, prioritariamente, à classe média alta da cidade e região”. Conforme dados apurados por Rosso (2011, p. 10), em 1958 o cenário educacional em Criciúma compreendia “cinco grupos escolares, três cursos regionais, dois ginásios, duas escolas profissionais e uma escola normal [o curso normal MTM]”. Entre 1949 e 1959, duas entidades foram criadas para dar apoio às famílias carentes. A Sociedade Criciumense de Assistência aos Necessitados (SCAN) foi criada em 1º de setembro de 1949 por iniciativa do Rotary Club. Funcionou como internato até 1975 administrada pela Congregação dos Padres Rogacionistas, passando a ser chamada de Bairro da Juventude e atendia crianças carentes¹⁸. Em 2 de maio de 1959 foi criada a Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC)¹⁹, por iniciativa dos mineradores, e que tinha como finalidade prestar auxílio hospitalar, farmacêutico, educacional-técnico, entre outros, aos trabalhadores das

¹⁸ Conforme site do Bairro da Juventude. Acesso em 09 de abril de 2013.

¹⁹ Nos primeiros anos de atividades, a SATC desenvolveu a parte assistencial. A Diretoria Executiva decidiu dar prioridade à existência educacional a partir de 1960, com a distribuição de bolsas de estudos. A Escola Profissional Masculina, que funcionou em regime de internato e semi-internato, começou a funcionar em abril de 1963 (RABELO, 2007).

minas de carvão e suas famílias (RABELO, 2007).

Por conta desta carência de possibilidades, muitos jovens paravam de estudar após concluírem o primário. Quem tinha condições cursava um ano preparatório do curso Particular Póvoas Carneiro, fundado em 1940 e dirigido pela professora normalista Zulcema Póvoas Carneiro²⁰. De acordo com Osório (2008, p. 55), o curso começou não pela 1ª série do primário, mas pelo 5º ano, e era voltado aos filhos das famílias ricas de Criciúma. “[...] se constituiria uma preparação para os exames de admissão ao ginásio”.

Dona Zulcema chegou à cidade da mesma maneira que tantas outras pessoas, atraída pelo impulso no setor carbonífero. Ela casou-se com Mário da Cunha Carneiro, de família tradicional, e começou as aulas na sala da própria casa. Segundo Osório (2008), posteriormente construiu, nos fundos de sua residência, próximo à Praça do Congresso, a primeira escola particular primária de Criciúma, que funcionou até 1962. O ex-presidente da UESC, Archimedes Napolini Filho, fez o curso Póvoas Carneiro porque “[...] o secundário tinha que ser cursado em Laguna, Tubarão, Porto Alegre ou em Florianópolis e eu fui fazer em Florianópolis”²¹.

Muitos dos jovens que não tinham condições financeiras para deixar Criciúma e prosseguir nos estudos trataram de arrumar um emprego logo após a conclusão do curso primário. Em 1959 surgiu a Escola Técnica do Comércio, ligada à Sociedade Educativa Criciumense, uma oportunidade para aqueles que buscam uma formação mais técnica. Ela foi criada por um grupo de empresários, profissionais liberais, políticos e professores em 27 de julho de 1959 (BORBA, 2011). Formava técnicos em Contabilidade e iniciou suas atividades nas instalações do Grupo Escolar Professor Lapagesse. A Escola Técnica do Comércio começou funcionando dentro do Lapagesse, em salas cedidas pelo Governo do Estado, no período noturno. A primeira mudança ocorreu para o Grupo Escolar Coelho Neto, na Vila Operária, também cedido pelo Estado. De lá, a escola transferiu-se para prédio próprio, no bairro Pio Corrêa.

Nos 28 anos de sua existência, formou cerca de

²⁰ O Curso Particular Póvoas Carneiro foi criado em 1940, com a chegada à cidade da professora normalista recém-formada Zulcema Povoas (OSÓRIO, 2008, p. 15).

²¹ Archimedes Napolini Filho. Entrevista concedida a Marli Vitali em 07 de novembro de 2011.

1.500 técnicos em Contabilidade, participando assim da oferta de profissionais que contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico da Região Carbonífera. Acolhia alunos também de Araranguá, Nova Veneza, Urussanga, Içara e Orleans. Por algum tempo, a Escola Técnica do Comércio de Criciúma foi considerada a melhor escola particular do Estado pela qualidade de seu ensino e pela dedicação de seus professores. Muitas empresas e bancos buscavam, naquele estabelecimento de ensino, alunos para preencherem as vagas disponíveis em seus estabelecimentos. [...] Foram seus diretores os professores: Nelson Alexandrino, Moacyr Jardim de Menezes, Carlos A. Borba, Benedito Narciso da Rocha, Nilo de Oliveira, Paulo Webster, Arsênio Scherer e Airton Antonio Galera. (BORBA, 2011, p. 146)

Entre os diretores e professores figuram nomes de pessoas que influenciavam na sociedade cricumense. Muitos que atuaram na Escola Técnica do Comércio também trabalhavam na Carbonífera Próspera e no Banco do Brasil²², vieram de outras cidades para exercerem as funções profissionais em Criciúma e acabaram se tornando professores. Nesse contexto, político e educacional, se formaram os jovens que defenderam a criação de uma entidade estudantil que os representasse, a UESC.

2.2 A EMERGÊNCIA DA UESC

Em meio a discussões políticas, um grupo de estudantes de Criciúma começou a se mobilizar para formar uma entidade que nascia com o propósito de representá-los. Os primeiros passos para o surgimento dela foram dados dentro da Escola Técnica do Comércio. Em 12 de março de 1960 foi criada a União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC), designada como o “Órgão máximo de representação e coordenação dos estudantes de grau médio de Criciúma”

²² Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

(UESC, 1962)²³.

A influência e o trabalho desenvolvido pela União Nacional dos Estudantes (UNE) em todo o Brasil era assunto discutido pelos jovens criciumenses. Movimentos estudantis, organizações de operários estavam ocorrendo no país e isso mobilizou também os estudantes de Criciúma a criarem sua entidade representativa. De acordo com Fúlvio Naspolini, primeiro presidente da entidade:

A gente ouvia muito na época, em 59, [...] estava a todo vapor no país, movimentos estudantis, movimentos operários. Sempre havia a participação da UNE. E isso aí foi crescendo, a ideia²⁴.

Integrantes da primeira turma de alunos que ingressaram na Escola Técnica em 1959, Fúlvio Naspolini e Francisco Faracco se conheciam dos corredores da instituição que frequentavam. Durante o dia, cada um trabalhava para se manter e pagar o curso técnico. Naspolini trabalhava em uma churrascaria e Faracco era auxiliar em um escritório de contabilidade.

A formalização da UESC foi notícia na mídia impressa local. No jornal Tribuna Criciumense (21/03/1960, p. 8) a coluna Tribuna Informando, produzida por Rodeval J. Alves, trouxe as primeiras referências sobre a nova entidade estudantil. “Com satisfação noticiamos a fundação oficial e tomada de posse da primeira diretoria da União dos Estudantes Secundários de Criciúma, UESC, que, sob a direção de jovens idealistas, já iniciou suas atividades”. O trecho seguia trazendo a relação completa dos diretores. No mês seguinte (18/04/1960, p. 2), novamente a entidade é destacada na coluna de Rodeval Alves.

A conhecida União dos Estudantes de Criciúma – UESC – continua vibrante e seus componentes convictos da sua vitória, pois que será um orgulho para Criciúma, a Capital do Carvão. Já possui ela um número bastante elevado de associados e sua sede (sic) já se

²³ Essa referência está presente nas folhas padronizadas usadas pela diretoria da UESC.

²⁴ Fúlvio Naspolini. Entrevista concedida a Marli Vitali em 20 de janeiro de 2012.

apresenta com um belo aspecto, estando perfeitamente organizada. As carteiras de identidade dos sócios já encontram em mãos dos membros do diretório. Tudo pela União, que será um ELO FORTE que abraçará todos os jovens idealistas de nossa comuna, concorrendo para o prestígio da classe estudantil.

A UESC surgiu para ser uma entidade representativa dos jovens estudantes. Seguiu as orientações da União Catarinense de Estudantes Secundaristas (UCES). Ela foi instalada em uma sala no Edifício São Joaquim, sobre o Café Rio, um dos pontos mais movimentados do centro da cidade de Criciúma, ou seja, na Praça Nereu Ramos. O primeiro presidente, Fúlvio Napolini, lembra que uma das principais ações era a distribuição da carteirinha do estudante. Ela dava direito ao pagamento de meia entrada nos cinemas da cidade, o Milanez e o Rovaris, que configuravam como a principal diversão da juventude à época²⁵.

As eleições ocorriam, geralmente, no mês de março, logo após o reinício das aulas nas escolas criciumenses. Votavam os estudantes ligados aos grêmios. Conforme Ghanem (200-), os grêmios eram constituídos em escolas públicas e particulares e desenvolviam atividades esportivas e recreativas, como bailes e campeonato. Também há a publicação de boletins e jornais, trazendo os relatos das experiências dos grupos. “Alguns jovens militantes de grupos de esquerda chegam a exercer efetiva liderança nos grêmios e a orientá-los para um maior envolvimento com a luta política” (GHANEM, 200-, p. 63).

Na Criciúma da década de 1960, os estudantes também atuavam de maneira organizada em suas escolas. Um exemplo foi o que ocorreu no Colégio Madre Tereza Michel, fundado em 1961 pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência. As atividades estudantis são percebidas nos anos seguintes. Conforme Souza (2009), em 10 de abril de 1963 foi fundado o Grêmio Pedagógico Madre Tereza Michel. As diretorias procuravam desenvolver ações que envolvessem os estudantes, seja nas áreas esportiva ou cultural, como “concursos em diferentes áreas, como: dança, declamação de poesias, oratória, canto, música, pintura e desenho” (SOUZA, 2009, p. 33). Destacavam-se a programação

²⁵ Fúlvio Napolini. Entrevista citada.

esportiva desenvolvida durante a semana do estudante, no início de setembro, bem como as comemorações de aniversário de fundação do colégio.

Outro exemplo foi o Colégio Professor Lapagesse, que também possuía sua organização estudantil. Era o Grêmio Recreativo e Cultural Rachel de Queiróz. Vera Silvestre Cruz fez parte da primeira diretoria, que criou bandeira e hino. Uma das ações realizadas foi a ampliação no número de volumes da biblioteca do Lapagesse. “Fomos ao Rotary e a outros clubes de serviço pedindo ajuda para comprar a Barça, e conseguimos”²⁶. A própria Escola Técnica do Comércio mantinha o seu grupo, era o Grêmio Estudantil Castro Alves, o GECA.

A organização juvenil estava presente em outros estabelecimentos. O jornal Tribuna Criciunense, em sua coluna Tribuna Estudantil, traz referência aos recém-criados Grêmio Estudantil Machado de Assis, do Colégio Normal Regional Pe. Manoel Bernardes²⁷, e Centro Estudantil Ouro Negro, do Ginásio Marista (20 a 27/03/1965, p. 7).

Por representar os estudantes de Criciúma, a UESC pretendia estar envolvida com os principais assuntos daquele momento na cidade. Mas foi para a confecção das carteirinhas que davam acesso às salas de cinema que se voltou o trabalho da primeira diretoria. Com a sucessão de mandatos, as iniciativas foram sendo ampliadas e o grupo passou a discutir também outros temas relevantes. Os jovens que integraram as diretorias da UESC, de 1960 a 1966, participaram de discussões que envolveram a cidade, como a criação do ginásio Marista²⁸ e as questões do comunismo e da democracia.

Também movimentaram os estudantes a realização de concursos de beleza, de oratória e esportivo. Na Semana do Estudante, uma programação vasta era desenvolvida, procurando estimular o jovem a participar de debates sobre temas locais, como a questão do carvão, por exemplo. Detalhes da formação das diretorias, das ações realizadas pela UESC e também da interferência política serão vistos nos capítulos seguintes.

Mas antes é fundamental compreender um pouco mais sobre o movimento estudantil brasileiro que, a sua maneira, influenciou a

²⁶ Vera Maria Silvestre Cruz. Entrevista concedida a Marli Vitali em 27 de abril de 2012.

²⁷ O Colégio Normal Regional Padre Manoel Bernardes começou suas atividades no local onde hoje funciona o Grupo Escolar Joaquim Ramos.

²⁸ Archimedes Naspolini Filho. Entrevista citada.

emergência da União dos Estudantes Secundários de Criciúma. Também se faz necessário observar que a elite cricumense almejava um ideal de jovem e procurava fazer com que esse ideal fosse propagado nos veículos de comunicação. Essa proposta envolvia um jovem engajado com as causas da sociedade, fossem políticas ou religiosas.

3 MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS BANDEIRAS DE LUTA: A UESC SE CONSOLIDA

A juventude politizada que se tornou referência no cenário brasileiro na década de 1960 era composta por jovens da classe média, estudantes secundaristas e universitários. Eram politizados, lutavam pelos ideais do país, pela democracia e pelas riquezas minerais. Bandeiras essas propostas pela União Nacional de Estudantes, a UNE. Mas não havia unanimidade, nem nas principais cidades, nem em Santa Catarina. A Igreja Católica defendia ações contra o comunismo e levava para seu lado e para a direita milhares de jovens.

Em Santa Catarina, o cenário vivenciado pelo movimento estudantil se assemelhava ao desenhado em âmbito nacional. Os jovens defendiam mais participação das discussões universitárias e opinavam sobre questões de relevância estadual. Foi o contato com os jovens de Florianópolis e as notícias que chegavam que estimularam os jovens estudantes secundaristas de Criciúma a formar a sua própria entidade estudantil. Mas moldando uma união estudantil a interesses de um determinado segmento, ou seja, à elite local.

3.1 MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL

Para entender o movimento estudantil é preciso compreender também o contexto que o jovem vivencia. A cada período são diferentes as dificuldades e as situações que envolvem a juventude. Melucci (2001) analisa como os movimentos sociais estão presentes na sociedade atual. Não é possível delimitar, de maneira simples e clara, os campos de conflito e tão pouco os atores envolvidos.

Nos movimentos contemporâneos, como em todos os fenômenos coletivos, combinam-se formas de ação que dizem respeito aos diversos níveis de estrutura social que implicam diversas orientações, que pertencem a fases históricas diversas. Trata-se, portanto, de compreender esta multiplicidade de elementos, sincrônicos e diacrônicos, e de explicar, pois, como eles se combinam na concreta unidade de um ator coletivo. (MELUCCI, 2001, p. 25)

Dentro desse universo de constante mutação, aprendizado e

dúvidas, está o jovem. Instigador, curioso, questionador, ciente de seu papel ou manipulável? A Sociologia vê a juventude como um espelho da sociedade. “Os jovens podem, portanto, tornarem-se atores de conflitos porque falam a língua do possível” (MELLUCCI, 2001, p. 102). Para a cultura juvenil, o questionamento não é para que o poder desapareça, mas para que ele seja transparente, para que se mostre e possa ser avaliado.

Ser um ator de conflito é buscar alternativas para sair do que impõe a sociedade. O movimento estudantil foi ponto de partida para a formação de lideranças e mostrou como o jovem vive a efervescência do momento. A história do movimento estudantil brasileiro está ligada às lutas por uma melhor educação, por democracia e liberdade. Antes mesmo da fundação da União Nacional de Estudantes (UNE), em 1937, os estudantes brasileiros já defendiam bandeiras nacionalistas e democráticas.

As primeiras atuações do jovem remontam ao tempo do Brasil Colônia. Segundo Poerner (1995, p. 52), “a primeira manifestação estudantil registrada pela história brasileira ocorre ainda no período colonial, em 1710, quando da invasão que mais de mil soldados franceses, sob o comando de Jeans François Duclerc, empreenderam no Rio de Janeiro”.

Mas a consolidação do movimento estudantil veio com a fundação da UNE, em 11 de agosto de 1937. Mendes Jr. (1982) destaca que a entidade, que se tornaria uma pedra no caminho de muitos governantes, foi criada dentro da Casa do Estudante do Brasil (CEB), que indiretamente era ligada ao Governo de Getúlio Vargas. Foi no I Conselho Nacional, convocado pela CEB, que foi eleita a primeira diretoria que representaria os estudantes. O mineiro José Raimundo Soares foi eleito presidente.

Mas a verdadeira UNE, que veio a representar politicamente a juventude universitária brasileira, só surgiria realmente com a sua separação da CEB e a realização do II Congresso Nacional dos Estudantes (nome adotado no lugar do antigo Conselho Nacional) em dezembro de 1938. (MENDES JR., 1982, p. 38)

O segundo congresso, em 5 de dezembro de 1938, serviu para dar mais autonomia aos estudantes e definir pontos de discussão que

permaneceriam nos debates da instituição. Entre eles estava a reforma universitária, onde se pedia a criação de Universidades Populares, a eleição de reitores e diretores de escolas pelos estudantes e professores. Até o segundo congresso, que elegeu o gaúcho Valdir Borges presidente da UNE, a entidade ainda mantinha um bom relacionamento com o presidente Getúlio Vargas (MENDES JR., 1982).

Observadores da sociedade, os jovens estavam sintonizados com os assuntos em discussão nacional. A partir do início da década de 1940, os estudantes aderiram à campanha contra os países do Eixo (Japão, Alemanha e Itália), que iniciaram a Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939. A questão política sempre esteve presente nas diretorias da UNE. Exemplo disso, conforme Mendes Jr. (1982), foi a eleição do estudante socialista Roberto Gusmão, em 1947, que recebeu o apoio dos comunistas. É nesse período que surge a campanha “O petróleo é nosso”, uma luta pela Petrobras²⁹. “Essa campanha, talvez o maior movimento de opinião pública já registrado na História do Brasil, foi lançada pela UNE, em 1947 [...]” (POERNER, 1995, p. 168). O movimento se opunha à concessão das jazidas de petróleo para que empresas estrangeiras fizessem a exploração (ARAÚJO, 2007).

Quando se pensa em movimento estudantil é importante que se tenha em mente que essa participação não se deu apenas no campo das universidades. Os secundaristas também tiveram sua parcela de engajamento. Conforme Araújo (2007), a entidade, a União Nacional dos Estudantes Secundaristas (UNES), que representou adolescentes de 14 a 18 anos, foi fundada em 25 de julho de 1948, mas antes disso os jovens já estavam envolvidos nas ações. “Em alguns estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, o movimento era bastante estruturado, baseado nos ‘grêmios’ escolares” (ARAÚJO, 2007, p. 68). A semelhança de nomes, UNES e UNE, fez com que a entidade dos secundaristas passasse ser denominada como União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) a partir de 1951. A entidade tinha a missão de unificar ações dos estudantes secundaristas brasileiros (PATRÍCIO, 2007).

Com tanta mobilização, o movimento estudantil passou a ser visto como uma grande força e despertava o interesse de lideranças

²⁹ A Petrobras foi fundada em 3 de outubro de 1953 pelo então presidente Getúlio Vargas para executar as atividades do setor petrolífero em nome da União. A criação da Petrobras é resultado de uma campanha popular intitulada “O petróleo é nosso”, que começou em 1947. Disponível em <http://www.petrobras.com.br/>. Acesso em 17/01/2013.

políticas brasileiras e internacionais. Mendes Jr. (1982) revela que o Departamento de Estado Norte-americano apoiou a formação da Coligação Acadêmica Democrática (CAD). No XIV Congresso, em São Paulo, em 1951, a esquerda perdeu o comando da UNE para a CAD. O novo presidente foi Olavo Jardim. Estudiosos do movimento estudantil, como Poerner (1995), consideram que entre 1950 e 1959 a UNE viveu uma fase “direitista”, já que seus líderes adotaram uma postura mais conservadora.

A década de 1960 começa com líderes novos e também uma renovada postura, é o catolicismo de esquerda. O processo de politização, conforme Martins Fº (1997), não começa com os comunistas, nem os socialistas, mas com a participação dos jovens na Juventude Universitária Católica (JUC) e na Juventude Estudantil Católica (JEC), organizações ligadas à Igreja. É a partir dessas discussões que surge a corrente política denominada Ação Popular (AP) (MENDES JR., 1982).

Os estudantes também integram a Campanha da Legalidade, que defendia a condução de João Goulart, o Jango, à presidência da República em substituição a Jânio Quadros, que renunciara no dia 25 de agosto de 1961. A ação era liderada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. “Aldo Arantes, como presidente da UNE, não hesitou em viajar para Porto Alegre, a fim de participar da Campanha da Legalidade de Brizola, levando o apoio dos estudantes a normalidade democrática, representada, na época, pela garantia da posse de João Goulart” (MENDES JR., 1982, p. 61).

Os anos seguintes são de luta intensa para reformulação no sistema de ensino em todos os seus níveis. O tema pautou as discussões no 1º Seminário Nacional de Reforma Universitária, na Bahia, em 1960, e no 2º, em 1962, no Paraná. A carta aprovada neste último seminário almejava “[...] a universidade como ‘expressão de um humanismo integral, a que repugna o homem dividido em compartimentos estanques’” (POERNER, 1995, p. 180).

Os jovens observavam os problemas e propunham soluções. Eles entendiam que o Brasil vivia um momento de desenvolvimento, mas ainda era eminentemente agrário (MENDES JR., 1982). Na questão universitária havia uma discussão ampla para melhorar a qualidade do ensino que era aplicada, pois na visão dos estudantes “[...] a Universidade ainda assim não cumpre seu papel, pois acaba por não contribuir para a formação de uma cultura nacional e popular, não formar profissionais necessários ao desenvolvimento do País” (MENDES JR., 1982, p. 63-64).

Nos anos seguintes, melhorias na qualidade do ensino e o acesso de mais jovens, tanto ao ensino secundário quanto ao universitário, pautaram as discussões do movimento estudantil. Sob o comando de Aldo Arantes, a UNE passou a ampliar o foco de discussão, levando temas que antes eram tratados nos seminários e congressos para debates ampliados em várias cidades (MENDES JR., 1982). Ao abrir o tema, no Seminário da UNE em 1962, realizado em Curitiba, Arantes pretendia que os próprios estudantes comesçassem e se inserir em conselhos das faculdades e universidades de suas cidades. Surgia aí a UNE Volante.

[...] que levou a Reforma Universitária às massas, tendo Aldo Arantes falado a mais de duzentas Assembléias Gerais de escolas; levou teatro popular a um público que totalizou mais de cinquenta mil pessoas, levou cinema, levou o Centro Popular de Cultura e a Editora Universitária. UNE veio para UNIR, eis o dístico empregado, e nunca um dístico tão verdadeiro. [...] E imediatamente: os estudantes em todo o País passaram à luta de um terço nas congregações e conselhos universitários. E imediatamente a empresa comercial conhecida como O Globo passou a atacar a UNE, afirmando que ela tinha levado a ‘subversão e a desordem’ a todo país. (MOVIMENTO, 1962, apud MENDES JR., 1982, p. 67)

A UNE Volante e o Centro Popular de Cultura (CPC) estavam ligados e surgiram em 1962. A intenção era mobilizar estudantes em todo o país em temas relacionados à cultura, mas também a questões na área educacional³⁰. A mobilização dos estudantes, em junho de 1962, alcançou índices expressivos na greve de um terço³¹. O protesto seguiu, paralisando boa parte das universidades brasileiras até agosto daquele ano. Conforme Mendes Jr. (1982), os resultados acabaram não sendo aquilo que a direção da UNE esperava, até porque o principal foco, que era aumentar a representatividade estudantil nos conselhos

³⁰ Dados disponíveis em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Os_estudantes_e_a_politica. Acesso em 18/01/2013.

³¹ A greve de um terço, em 1962, reivindicava que os estudantes passassem a ter mais representação nos órgãos de colegiado das faculdades e universidades brasileiras (MENDES JR., 1982).

universitários, acabou não surtindo efeito. Mas, mesmo assim, houve o que comemorar. “[...] só o trabalho desenvolvido pela UNE Volante já representava um grande avanço para o movimento estudantil da época” (MENDES JR., 1982, p. 68).

Um novo presidente assumiu o comando da entidade em 1963, o paulista José Serra. Mas os estudantes já vislumbravam um cenário tenso. “As forças de direita conspiravam, tanto no âmbito civil, como no militar para a derrubada de Jango, acusando-o de pretender instaurar uma ‘República sindicalista’” (MENDES JR., 1982, p. 69). O momento de tensão fez com que a UNE adotasse uma postura mais contundente e crítica.

A UNE mergulhou “de cabeça” nesse clima; sua atividade passou a ser um engajamento político total e completo: levou o Centro Popular de Cultura às favelas, sindicatos, associações de bairros, numa ação de conscientização popular de proporções enormes (MENDES JR., 1982, p. 70).

A proposta inicial dos CPCs era levar cultura e arte aos estudantes. Aos poucos isso foi sendo ampliado, ganhando o respaldo de artistas, músicos e intelectuais. Os fundadores do Centro Popular de Cultura acreditavam que “nossa arte só irá onde o povo consiga acompanhá-la, entendê-la e servir-se dela”³². A partir de 1963 e até o golpe militar, os estudantes dos CPCs se engajaram em ações efetivas na educação. Uma delas foi a Campanha de Alfabetização de Adultos pelo método Paulo Freire (MENDES JR., 1982).

O ano de 1964 começou tenso na política brasileira. Conservadores que almejavam a retirada do presidente João Goulart do poder ficaram ainda mais alvoroçados depois de março, quando ele realizou um grande comício na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, para anunciar as Reformas de Base (MENDES JR., 1982). O ato contou com a participação da UNE, da União Metropolitana de Estudantes e da União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES). O golpe que se aproximava era sentido. Os setores conservadores da sociedade organizaram um grande movimento, a “Marcha da Família com Deus

³² Dados disponíveis em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro_Popular_de_Cultura

pela Liberdade”. Realizada em São Paulo, no dia 19 de março, reuniu milhares de pessoas e teve ampla cobertura da imprensa (ARAÚJO, 2007).

E o golpe não tardou. No dia 31 de março de 1964 ele chegou coordenado pelo general Olímpio Mourão Filho, comandante da IV Região Militar de Minas Gerais, com o apoio dos governadores Magalhães Pinto, de Minas, Carlos Lacerda, da Guanabara, Adhemar de Barros, de São Paulo, e Ildo Meneghetti, do Rio Grande do Sul (MENDES JR., 1982). O presidente exilou-se no Uruguai e começava uma verdadeira caça aos que eram considerados comunistas, subversivos ou que tinham voz forte na sociedade. Conforme Mendes Jr. (1982, p. 74), “a UNE foi uma das primeiras vítimas do golpe. Com um ódio que demonstrava o quanto ela tinha sido incômoda às classes dominantes, sua sede foi invadida e incendiada”.

Logo após a tomada do poder pelos militares, instituiu-se o Ato Institucional nº 1, o AI-1, que tentava passar à sociedade a ideia de revolução, uma ação que seguia a vontade da maioria do povo (SANFELICE, 1986). O Ato serviu para fortalecer o regime, cassar direitos políticos de quem era contrário ao regime civil-militar e dar poderes plenos para que o presidente escolhesse os congressistas que permaneceriam³³. Parte da sociedade, dos órgãos de imprensa e dos estudantes acreditou que o golpe era o melhor pela democracia. Muitos jovens deixaram-se levar pela propaganda dos militares. “[...] existem alguns sinais de que a massa dos estudantes, o estudante comum, se deixou levar pelo discurso anticomunista e por todo aquele quadro que se criou para justificar o golpe militar” (MARTINS Fº, 1997, p. 80).

Mas, aos poucos, essa visão foi mudando entre os jovens. O regime imposto não permitiu manifestações públicas, diálogo e opiniões contrárias. Para Poerner (1995), o pensamento implantado pelo regime resumia-se em “tratamento de choque” quando lidava com os estudantes. Os líderes mais ativos do movimento foram presos e o segmento estudantil foi enfraquecido. Mas foi por uma manobra do governo militar que os jovens tentaram se reorganizar. De acordo com Poerner (1995), a criação da Lei Suplicy de Lacerda³⁴ (Lei 4.464) tentou

³³ Dados obtidos em: <http://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/ato-institucional-1/>. Acesso em: 18/01/2013

³⁴ A Lei nº 4.464, também conhecida como Lei Suplicy de Lacerda, em referência ao ministro da Educação do general Castelo Branco, Flávio Suplicy de Lacerda, foi aprovada em 9 de novembro de 1964. Ela dispunha sobre “os órgãos de Representação dos estudantes”. Conforme Sanfelice (1986, p. 81), ela

acabar com o movimento ao unir as entidades ao Ministério da Educação. “Pelo documento, a UNE era substituída pelo Diretório Nacional de Estudantes, e as Uniões Estaduais, pelos Diretórios Estaduais (DEES)” (POERNER, 1995, p. 214). Em 4 de junho de 1964, o braço forte do Governo também atingia o movimento secundarista e determinou a extinção das uniões estaduais (POERNER, 1995).

As manobras foram vistas como uma forma de calar o movimento estudantil e, apesar dos protestos, o Governo conseguiu a sua aprovação. Após a articulação, os jovens perceberam outra intenção dos militares, que tentavam aprovar os acordos entre o Ministério da Educação e Cultura e a United States Agency for International Development (Usaid), “que visavam uma reformulação da Universidade brasileira de acordo com padrões norte-americanos” (MENDES JR., 1982, p. 78).

O objetivo era estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira e em áreas bem definidas como segurança pública e agricultura. As propostas consistiam em manter um ensino médio voltado às massas e ao mercado de trabalho, já o ensino universitário continuaria reservado às elites, de acordo com Ghiraldelli (1994). Ainda para o autor, “o ensino secundário deveria perder suas características de educação ‘propriamente humanista’ e ganhar conteúdos com elementos utilitários e práticos” (GHIRALDELLI, 1994, p. 169). As mudanças foram concluídas com alterações feitas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que fez a Reforma Universitária (lei nº 4.024, de 1968) e Reforma do 1º e 2º Graus (lei nº 5.692, de 1971).

Araújo (2007) detalha que as mudanças promovidas pelo regime substituíram o cunho liberal que apresentava o ensino brasileiro por uma proposta tecnicista. Indignados com a interferência americana e com a desestruturação do ensino brasileiro, os estudantes foram para as ruas antes mesmo que as alterações fossem realizadas na LDB e que as reformas fossem implantadas. Os protestos ganharam as ruas, como em 1966, e repercutiram mundialmente.

mudou a nomenclatura dos órgãos estudantis que passaram a ser chamados de “Diretório Acadêmico (DA), em cada estabelecimento de ensino superior; Diretório Central de Estudantes (DCE), em cada universidade; Diretório Estadual de Estudantes (DEE), em cada capital de estado; Diretório Nacional de Estudantes (DNE), com sede na Capital Federal”. A lei também impedia a realização de manifestações estudantis, em qualquer nível, e cada diretório seria fiscalizado por um Conselho Departamental ou Conselho Universitário.

As passeatas irritaram o governo e reanimaram a oposição. [...] Aos cartazes estudantis de Abaixo a ditadura, Viva a soberania nacional. Povo sim, ditadura não, Abaixo o imperialismo, O voto é do povo e Se são fortes, abram as urnas, bem como o Hino Nacional – entoado em todas as passeatas -, o povo reagia, invariavelmente, com aplausos e chuvas de papel picado do alto dos edifícios. (POERNER, 1995, p. 247)

Os jovens conseguiram se organizar, apesar da repressão policial, e realizar o 28º Congresso Nacional de Estudantes, em agosto de 1966, em Belo Horizonte. O novo presidente da UNE foi eleito. O acadêmico mineiro José Luís Moreira Guedes assumiu em meio ao regime (POERNER, 1995). O ano ainda ficaria marcado por prisões, agressões e uma atuação extremamente forte da polícia contra os jovens.

Em 22 de setembro de 1966, a UNE decretou greve geral em todas as escolas e faculdades do país. O objetivo, conforme Sanfelice (1986, p. 113), era “para protestar contra a repressão policial ao movimento estudantil e exigir a libertação de todos os estudantes detidos durante as últimas manifestações”. Os órgãos de segurança mandaram avisar que não admitiriam manifestações públicas.

Ocorreram vários confrontos no Dia Nacional da Luta Contra a Ditadura. Um dos mais significativos foi na madrugada do dia 23 de setembro, quando os estudantes foram encurralados, espancados, violentados e humilhados no Rio de Janeiro, no episódio que ficou conhecido como o massacre da Praia Vermelha³⁵ (ARAÚJO, 2007; SANFELICE, 1986).

O marechal Humberto Castelo Branco foi o primeiro presidente militar a assumir. Em março de 1967, Castelo Branco deixou o comando do país e quem assumiu foi Arthur da Costa e Silva. Para os estudantes brasileiros, conforme Poerner (1995), a mudança não significava nada, porque questões importantes, como os acordos MEC-Usaid e a Lei Suplicy, continuavam mantidas. As passeatas prosseguiram e, agora, com aliados importantes: os estudantes secundaristas. De

³⁵ Os estudantes do Rio de Janeiro protestavam contra a ditadura e entraram em atrito com os policiais. Muitos foram encurralados na Praia Vermelha, onde foram espancados pela polícia de choque (SANFELICE, 1986).

acordo com o autor, observando dados anteriormente, pelo censo escolar de 1964, o Brasil tinha 137 mil universitários e 1 milhão e 819 mil secundaristas. Vozes que davam corpo ao movimento estudantil.

A noite de 28 de março de 1968 ficou marcada por um fato trágico. A morte do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, de 18 anos, dentro do restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, após uma ação policial, incendiou o movimento. O sepultamento se transformou em um grande ato contra o regime ditatorial. “Quando o corpo chegou à sepultura, as mais de 50 mil pessoas que lograram acesso ao interior da necrópole ouviram o solene juramento prestado por milhares de jovens: ‘Neste luto, começou a luta!’” (POERNER, 1995, p. 271).

Figura 01: Morte do estudante Edson Luís (1968)



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

De acordo com Teixeira (2008), a morte de Edson Luís foi apenas a primeira. Após ela, os estudantes intensificaram os protestos e os confrontos com a polícia foram ficando cada vez mais violentos. Na missa que marcou o 7º dia de falecimento do estudante, após novo confronto, foram mais de 600 presos. Mobilizações seguiram-se por todo o país em atos que ficaram conhecidos como “A Passeata dos Cem Mil”. “A sensação de iminente democratização fez com que muitos perdessem o medo e decidissem dar a sua parte para a construção de uma sociedade mais livre e justa no Brasil” (POERNER, 1995, p. 290). Em outubro de 1968, os estudantes se organizaram para realizar o XXX Congresso da UNE. A cidade escolhida foi Ibiúna, próxima a São Paulo. Tropas da Polícia Militar e agentes de segurança prenderam cerca de mil

estudantes.

O ano de 1968 foi difícil para aqueles que lutavam pelo retorno da democracia ao Brasil. Não bastassem as repressões constantes por parte da polícia e a falta de liberdade para expressar ideias e posições políticas, o movimento estudantil sofreria um duro golpe com a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5).

Conforme Ventura (2008), o governo do presidente militar Costa e Silva era considerado fraco e ele encontrava focos de descontentamento entre os próprios militares que o apoiavam. A sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, traria momentos de muito desassossego, mas “nem a superstição podia adivinhar que aquele dia iria durar mais de uma década” (VENTURA, 2008, p. 238). Na reunião da manhã com o alto comando, Costa e Silva elaborou o rascunho daquele que viria a ser o ato mais antidemocrático brasileiro. E o apresentou à tarde, na 43ª sessão do Conselho de Segurança Nacional (CSN). Ao final da reunião que aprovou o AI-5 por unanimidade, 22 votos, o presidente Costa e Silva desabafou:

Eu confesso que é com verdadeira violência aos meus princípios e idéias que adoto uma atitude como esta. Adoto-as convencido de que elas são do interesse do país, do interesse nacional, quedemos um basta à contra-revolução. (VENTURA, 2008, p. 248)

Com a deflagração do Ato Institucional nº 5, que cassou políticos, prendeu e torturou desde trabalhadores a doutores, censurou jornais e instituiu um sistema de repressão contra os que ousavam questionar o regime, tudo ficou mais complicado. Nem o ex-presidente Juscelino Kubitschek escapou à fúria repressiva: “A prisão do criador de Brasília era o sinal de que ninguém estaria a salvo da caçada – das personalidades mais respeitáveis até os banqueiros do bicho” (VENTURA, 2008, p. 255).

Para o movimento estudantil, o AI-5 decretou a extinção da UNE e das demais agremiações que lutavam pelo direito dos jovens no país. Sanfelice (1986) afirma que o decreto trouxe um clima de terror no meio acadêmico brasileiro, estabelecendo infrações disciplinares a professores, alunos, funcionários ou empregadores de instituições de ensino. O endurecimento das ações policiais, segundo Araújo (2007), fez com que muitos jovens migrassem para a luta armada.

Entre os anos de 1960 e 1970, esse desejo de ação política imediata, que se expressou na luta armada, se espalhou por diversos países da América Latina. Em muitos deles foram formadas organizações compostas, em grande medida, por jovens universitários que abandonavam as salas de aula para pegar em armas (ARAÚJO, 2007, p. 192).

Desarticulada em sua base e com a maioria dos principais líderes sendo presos ou assassinados pelo regime, a UNE resistiu por dois anos na clandestinidade após o AI-5. O último presidente da entidade a ser eleito, Jean Marc, conforme Poerner (1995), foi preso e assim ficou até 1971, quando foi banido do país em troca da libertação do embaixador suíço. A mesma pressão era exercida sobre os secundaristas. Assim como a UNE, a UBES foi fechada por decreto. Muitos dos jovens seguiram o caminho dos amigos universitários e rumaram para a luta armada (ARAÚJO, 2007). Muitos migraram para organizações como Aliança Libertadora Nacional (ALN), Ala Vermelha, ligada ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), e Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Todas essas organizações atraíram – em maior ou menor grau – os quadros egressos do Movimento Estudantil, que abandonaram seus estudos, empregos, famílias, ingressando numa dura vida clandestina, da qual conseguiriam sair presos ou mortos. Eram, deve-se dizer aqui, os melhores, mais corajosos, mais idealistas filhos que esse País já teve, e fizeram parte de uma geração marcada para sempre (MENDES JR., 1982, p. 88-89).

As primeiras manifestações públicas de repúdio voltaram a ocorrer apenas em 1975, quando um novo capítulo trágico foi acrescentado à história. Conforme Araújo (2007), foi com o assassinato do jornalista e professor da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), Wladimir Herzog, que a sociedade começou a dar sinais de insatisfação. Mas foi em 1977 que os estudantes voltaram às ruas. Poerner (1995) confirma que os jovens voltaram reivindicando pontos concretos de melhoria no ensino, como a defesa do ensino

público e gratuito e mais verbas para as universidades, entre outros itens.

Encontrando maneiras para se sobressair ao esquema e à pressão policial, os jovens conseguiram realizar o Encontro Nacional de Estudantes (ENE). Segundo Araújo (2007), por três vezes, em 1977, o evento tentou ser feito, mas foi reprimido por violenta força policial. Numa sala da PUC de São Paulo, delegados de outros estados e representantes de entidades estudantis paulistas realizaram o encontro. Em represália, o Exército invadiu e depredou a PUC. Era 22 de setembro de 1977.

Os dois anos seguintes serviram para desgastar ainda mais um governo que não tinha mais a atenção do povo. Uma nova campanha voltou a unir a sociedade, em todos os seus segmentos, a campanha pela anistia. “No dia 19 de maio de 1979, através de votação formal, a UNE foi reconstruída. [...] No final do ano de 1979 a UNE estava reconstruída e tinha uma diretoria eleita pelo voto direto em todo o país. Ruy Castro foi o primeiro presidente da UNE reconstruída” (ARAÚJO, 2007, p. 233).

Os anos seguintes foram alternados por altos e baixos no movimento estudantil. Os jovens participaram das discussões sobre a retomada da democracia, a partir de 1983 (ARAÚJO, 2007). Uma grande mobilização ocorreu em 1992, com os “caras pintadas”, quando os estudantes retornaram às ruas exigindo a saída do primeiro presidente da República eleito pelo voto direto: Fernando Collor de Mello.

3.1.1 Jovens estudantes em território barriga-verde

Em Santa Catarina o movimento estudantil também deixou sua marca na formação de lideranças que contribuiram para o debate de questões importantes. Moretti (1984) define o dia 7 de novembro de 1949 como fundamental no calendário histórico do movimento estudantil, já que nessa data foi aberto o I Congresso de Estudantes de Santa Catarina. Nele, no dia 9, foi eleita a primeira diretoria provisória da União Catarinense de Estudantes (UCE), encabeçada pelo estudante de Direito Renato Ramos da Silva. Vale lembrar que as primeiras discussões nasceram dentro do Centro Acadêmico de Direito XI de Fevereiro (Caxif) da Faculdade de Direito de Florianópolis³⁶.

³⁶ O ensino superior do Estado de Santa Catarina iniciou-se com a criação da Faculdade de Direito, em 11 de fevereiro de 1932. Pela Lei 3.849, de 18 de

Assim como a UNE, a União Catarinense também viveu seu momento de aliança com as forças governistas (MORETTI, 1984). Em setembro de 1952, a UCE decretou greve contra as empresas de cinema que aumentaram o preço dos ingressos. Com cartazes e faixas, os estudantes convocaram a população para o boicote e o resultado deu certo. “Tendo a Assembléia Legislativa como intermediadora nas negociações, os proprietários atendem às reivindicações dos estudantes, reduzindo o preço dos ingressos” (MORETTI, 1984, p. 54). Segundo o autor, a greve fortaleceu a União e ela passou a ser considerada o único órgão de representação estudantil, ganhando espaço para discussões com as autoridades constituídas.

Nos anos seguintes, ações foram desencadeadas, isoladamente ou em parceria com a UNE, sempre defendendo posições que se julgavam necessárias. Na Campanha da Legalidade, em 1961, os estudantes catarinenses também participaram. “[...] a UCE instala no seu prédio, no mesmo dia da renúncia [de Jânio Quadros], o Serviço de Alto-falantes da Rede da Legalidade, informando à população através de boletins constantes sobre o desenrolar dos acontecimentos” (MORETTI, 1984, p. 79).

Para aprofundar o processo de democratização que o país vivenciava em 1962, a UNE-Volante e o Centro Popular de Cultura (CPC) vieram para Santa Catarina.

Após Curitiba, Florianópolis foi a segunda cidade a ser visitada. Aí esteve a caravana estudantil no final de março de 1962, discutindo com os estudantes catarinenses as proposições da Carta do Paraná, outorgada no 2º Seminário de Reforma Universitária, ao mesmo tempo que usavam encenações de peças teatrais da CPC para mobilização (MORETTI, 1984, p. 81)

Em Florianópolis, a passagem também foi significativa. Conforme Moretti (1984), o processo desencadeou discussões políticas

dezembro de 1960, foi criada a Universidade de Santa Catarina, reunindo as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Ciências Econômicas, Serviço Social e Escola de Engenharia Industrial, sendo oficialmente instalada em 12 de março de 1962. Disponível em: <http://antiga.ufsc.br/paginas/historico.php>. Acesso em 25 de junho de 2012.

que envolveram a reforma universitária. A UCE foi além disso. Cumpru também um papel social. Em outubro de 1962, instalou um curso noturno de alfabetização de crianças. O foco era jornaleiros e engraxates que moravam na periferia de Florianópolis.

A União Catarinense viveu, antes do golpe de 64, grandes momentos na tentativa da construção da cidadania em vários níveis sociais. “Em novembro de 1963, por exemplo, a UCE assinou um convênio de sete milhões de cruzeiros com o MEC para administrar cursos nas colônias pescadoras do litoral catarinense, visando à alfabetização de oito mil adultos” (MORETTI, 1984, p. 85).

Nos dias seguintes após o golpe de 1964 os primeiros estudantes catarinenses começaram a ser presos. Moretti (1984) destaca que a sede da UCE foi invadida, na madrugada, por soldados da Marinha. Arquivos foram arrombados e a Kombi que seria usada na alfabetização foi levada pelos militares. Um foco de resistência surgiria no espaço administrado pelos próprios estudantes, o Restaurante Universitário, mas que dependia de verbas do MEC para se manter. Quando os militares perceberam a manobra, trataram de criar barreiras para impedir que os jovens continuassem com uma ferramenta de mobilização nas mãos. A derrota veio quando o Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) decidiu criar um novo restaurante.

Os anos seguintes foram difíceis para o movimento estudantil catarinense, pressionado pelas forças militares e desarticulado em sua base. De acordo com Moretti (1984), um estopim para reacender o movimento veio com o assassinato do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto. O DCE da UFSC decretou greve de três dias e levou os estudantes para a rua em Florianópolis. Uma nova greve foi desencadeada em 29 de maio de 1968. Os estudantes da UFSC queriam a rescisão de contrato da universidade com uma empresa que alugava casas para os jovens que vinham estudar na capital. O problema era que o valor cobrado era 40% acima do de mercado. Os protestos surtiram o efeito esperado. A reitoria comprou dois prédios para a moradia estudantil (MORETTI, 1984).

A exemplo da organização estudantil em nível nacional, o AI-5 também trouxe problemas para os jovens catarinenses. A UCE também foi extinta e muitos jovens passaram a atuar na clandestinidade. As forças jovens só voltaram a se recuperar 11 anos mais tarde, em setembro de 1979 (MORETTI, 1984).

A pouca bibliografia sobre o movimento estudantil catarinense dificulta compreender todos os detalhes que envolveram a luta de jovens desde a criação da UCE até os dias que se perpetuaram pós-golpe.

Quando o tema é o movimento dos estudantes secundaristas, a bibliografia torna-se mais escassa. Não há publicações sobre sua trajetória em Santa Catarina.

A União Catarinense de Estudantes Secundaristas (UCES) está ligada à União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES)³⁷. No Congresso da UCES, realizado em 29 de julho de 1961, foi redigida a Constituição da entidade (UCES, 1961), norteador os trabalhos, definindo cargos e tarefas de cada membro. Na ocasião, a entidade era presidida por Orestes V. Guerreiro e tinha como vice-presidentes Políbio Braga e Jorge José Salum. De acordo com o Art. 2º da Constituição da entidade:

A União Catarinense de Estudantes Secundários é entidade máxima, autônoma, de representação, defesa e coordenação dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino secundário de Santa Catarina a ela congregados através das Uniões Municipais, no exercício de todos os poderes que para a consecução de suas finalidades forem necessários (UCES, 1961, p. 3)

No mesmo documento constam as ações que deveriam ser seguidas também pelas uniões municipais. Entre as finalidades estava: “Preparar os estudantes de grau médio para as tarefas eventuais que a Pátria no futuro lhes destina” (Constituição UCES, 1961, p. 4). Além disso, pretendia estimular o debate entre os jovens, para que eles compreendessem questões econômicas e sociais do Brasil, assim como auxiliar na expansão do ensino gratuito em Santa Catarina.

Para isso, a diretoria da UCES contava com o apoio de 41 uniões municipais. Na região Sul, envolvendo os municípios da Amrec, Amurel e Amesc³⁸. Há indícios de que existiam as seguintes entidades

³⁷ A UBES foi fundada em 1948, e esteve ao lado da UNE nos principais momentos da discussão sobre reformas na educação e em campanhas pela democracia e liberdade. A UBES representa os alunos dos ensinos fundamental, médio, técnico, profissionalizante e também de pré-vestibular, além de congregar os grêmios escolares. Informações obtidas no site da entidade: <http://ubescmunica.wordpress.com/historicoubes/>. Acesso em 15/05/2012.

³⁸ Associação dos Municípios da Região Carbonífera (Amrec), Associação dos Municípios da Região de Laguna (Amurel) e Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (Amesc).

secundaristas: União Sideropolitana dos Estudantes Secundários (USES); União dos Estudantes Secundários de Orleans (UESO); União dos Estudantes Secundários de Urussanga (UESU); União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC); União Estudantil Tubaronense (UET); União Estudantil Lagunense (UEL) e União dos Estudantes Secundários de Araranguá (UESA)³⁹.

A participação do jovem catarinense nos debates nacionais fica evidente quando se constata que pelo menos um deles chegou à presidência da UBES. O jovem Políbio Braga, que em 1961 era um dos vice-presidentes da União Catarinense, assumiu, entre julho de 1962 e julho de 1963, o comando da União Brasileira⁴⁰.

A movimentação dos jovens estudantes, principalmente entre os universitários, estava presente em Santa Catarina. Em consonância com o cenário nacional e também o estadual, a juventude criciumense procurou se mobilizar. O surgimento da União dos Estudantes Secundários de Criciúma foi a demonstração que os jovens acreditavam que era preciso atuar de maneira conjunta e organizada para obter conquistas.

3.2 JUVENTUDE CRICIUMENSE E A UESC

No Brasil das décadas de 1960 e 1970, período analisado por Foracchi (1972), os jovens buscavam seu espaço. As discussões centrais da autora avaliam o jovem, especialmente o universitário, e seu envolvimento com as questões educacionais e políticas. Eles se tornaram protagonistas radicais do movimento estudantil da década de 1960. Mas o jovem não é apenas um ator de conflitos, suas ações desencadeiam mudanças profundas não apenas neste período, mas também na atualidade. “No tempo e no espaço que o conflito delimita, os jovens não falam mais só por sim mesmos: ser jovem não é mais somente um destino, mas se transforma em escolha para mudar e para dirigir a existência” (MELLUCCI, 2001, p. 105).

Esse mesmo jovem é observado por Singer (2008) ao afirmar que este procura se sobressair à submissão que lhe é imposta por família,

³⁹ Documento, que faz parte do acervo do ex-presidente da UESC, Rodeval José Alves, com nomes completos e endereços das Uniões Municipais de Estudantes Secundários que atuavam em Santa Catarina. Ano estimado: 1962.

⁴⁰ Conforme dados que constam no site da União Brasileira dos Estudantes Secundários, www.ubes.org.br. Acesso em 18 de junho de 2012.

patrões e governos. “Os jovens tendem a acreditar que, devendo construir um novo mundo, eles serão capazes de fazê-lo melhor, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz” (SINGER, 2008, p. 29). Falar da juventude é falar de multiplicidade de pensamentos, opiniões e valores éticos e morais. Independente do período em discussão, seja na década de 1960 ou nos dias atuais, “[...] a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes” (ABRAMO, 2008, p. 44).

É importante que se avalie que o jovem vive um período de mudanças, imprecisões, até porque há conflitos sobre quando começa ou termina a própria juventude. Segundo Sposito (2009, p. 18), estudos mais recentes sobre o tema juventude são fundamentais para compreender que não há necessariamente uma separação, mas é importante que se compreenda os “processos estruturantes da vida social, fundados nas desigualdades sociais, nas relações de gênero e relações étnico-raciais, entre outras”. Melucci (2001, p. 101) pondera que “a condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica”.

Interligados em sua rede de contatos, amigos, familiares, enfim a rede que os une, os jovens vivem. Entender a realidade de cada grupo é importante para compreender o contexto em que ele está inserido. Ao analisar os movimentos sociais nas sociedades complexas, Melucci (2001, p. 97) define que muitas redes são submersas e “diferem profundamente da imagem do ator coletivo politicamente organizado”. Em Criciúma, o jovem era visto, pela elite local, como um ser que precisava de orientação. Os jornais da época trazem a preocupação com um ensino de qualidade a ser dado a esse jovem, como base para que ele tivesse um futuro. O excerto que segue foi publicado na Tribuna Criciumense:

Nossa cidade, infelizmente, se encontra muito aquém do que era de se esperar, com relação ao seu nível social. E a razão de tal é muito clara. Basta que lembremos Criciúma não possuir, até o momento, estabelecimento nenhum de ensino secundário funcionando regularmente, o que obriga nossa juventude a procurar outras cidades a fim de aprimorar seus conhecimentos.

E como isso se torna grandemente dispendioso e completamente fora do alcance da maioria das bolsas, relativamente, diminuto é o número de jovens de nossa terra que estejam fazendo o curso ginásial, normal, científico ou clássico, isso sem falarmos nos cursos superiores, ministrados em nossas faculdades. (PIERI, 1956, p. 4-5)

O texto assinado por Sebastião Pieri reflete a preocupação da elite criciumense, que não via perspectivas reais para melhorar o ensino de seus jovens. Via movimento estudantil ou por meio de outra organização, eles tentavam encontrar seu espaço na sociedade. O jovem criciumense tentava se encaixar, ora defendendo questões que considerava importante, como mais opções na área educacional, ora defendendo bandeiras políticas e econômicas. Ao mesmo tempo em que se constituía entre dúvidas, defendia ações que pudessem melhorar sua vida e a dos colegas. Sobre isso, Rodeval José Alves, uma das lideranças da UESC, afirma:

[...] nós não tínhamos nem Ginásio. Inclusive quando eu estava no Lapagesse fazendo o Curso Complementar o meu pai já estava articulando para eu ir estudar em Tubarão, no Colégio Deon, onde tinha Ginásio. [...] nesse tempo surgiu o Michel, daí fui para o Michel. Teria estudado em Tubarão, Laguna, Florianópolis, Lages ou Porto Alegre, muita gente ia para estas cidades, aqueles bem financeiramente⁴¹.

O estudante retratado por Rodeval Alves pertencia às famílias abastadas. Os filhos e filhas de trabalhadores/as não tinham muitas opções, paralisavam seus estudos muito cedo e começavam a trabalhar para ajudar seus familiares. Mais oportunidades de estudo, questões sociais e a indústria carbonífera estavam inseridas nos debates que permeavam a UESC e a juventude criciumense. Aos poucos, com novos diretores assumindo, a entidade procurou apresentar questões de

⁴¹ Rodeval José Alves. Entrevista concedida a Marli Vitali em 10 de abril de 2012.

interesse coletivo, que não eram apenas os de interesse do jovem, mas da sociedade em si, ou de parte dela. Política, economia e Igreja Católica eram temas debatidos pela entidade.

Os principais líderes políticos da cidade perceberam no jovem um importante aliado. Líderes que detinham o poder e estavam ligados aos partidos considerados de direita, como PSD e UDN. Na eleição para a diretoria da UESC em 1962 ficou muito claro que pessoas fora do movimento estavam dispostas a interferir. Na disputa entre Archimedes Napolini Filho e Armando Serafim houve a campanha da direita contra o comunismo. Armando Serafim foi tachado de comunista e perdeu⁴². Os comunistas, ou defensores de uma sociedade mais justa, estavam dentro do movimento sindical e também entre os jovens. Armando Serafim era um deles. Mas havia outros, como Luiz Jorge Leal, que chegou a ocupar um cargo de comando no Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Santa Catarina, como será detalhado mais à frente.

Combater o comunismo era algo importante para as elites dominantes e também para a Igreja Católica. No Segundo Livro do Tombo estão os registros feitos pelos sacerdotes da Matriz São José, na área central de Criciúma, a partir de janeiro de 1933. Na década de 1950 quem comandava a igreja era o padre Estanislau Cizeski, filiado ao PSD e que se envolveu diretamente com a UESC, como será tratado mais adiante. As críticas e ataques ao comunismo estão presentes no documento.

No sindicato dos mineiros foi reeleita com grande margem a diretoria que é comunista. Houve grandes advertências ao povo pelo vigário. Foi politicagem do prefeito Faraco e seu filho Vanio que deram vitória aos comunistas. A maçonaria também deu apoio ao comunismo. (SEGUNDO LIVRO TOMBO, Nov/1959, p 67-verso)

A eleição a que se refere o comentário é a de Antônio Parente, reeleito para a presidência do Sindicato dos Mineiros. As críticas envolvem ainda o prefeito Addo Caldas Faraco e seu filho, Addo Vânio Faraco. Em janeiro de 1960, novo registro no Livro, desta vez comentando a greve dos mineiros e ressaltando que o movimento foi apoiado por “comunistas e apoiada por alguns políticos inescrupulosos e

⁴² Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

interessados” (LIVRO DO TOMBO, 1960, p. 68).

Entender esse contexto que vivenciava o jovem criciumense é importante para que se compreenda também como se deu a relação dentro da própria UESC. Em sua trajetória foi comandada, quase que na totalidade, por jovens que defendiam as ideias propagadas pelo grupo que detinha o poder político e econômico na cidade. Mas também houve resistência, disputa de chapas e de ideias.

3.3 A DIRETORIA É DE DIREITA, MAS HÁ RESISTÊNCIAS NO CAMINHO

No movimento estudantil brasileiro, ao longo de sua história, ocorreram divergências de ideias e posicionamento. Entre os estudantes criciumenses não foi diferente. Dentro da UESC havia grupos que pensavam de maneira distinta e cada um procurou difundir essas ideias. Mas, no período em que funcionou, de 1960 a 1966, a UESC foi comandada quase que integralmente por jovens ligados à direita, aos grandes empresários e à Igreja Católica. Um momento em que se observa algo diferente é no mandato de Clayton Rogério Duarte Netz, que assume o mandato 1964/1965.

A escolha para a presidência da União dos Estudantes Secundários de Criciúma era feita pelo voto dos jovens matriculados nas escolas de ensino secundário da cidade. Em sete anos assumiram sete presidentes, todos do sexo masculino. O quadro que segue indica as presidências e vice-presidências:

Tabela 01 – Presidentes da UESC

Ano/Mandato	Presidente	Vice-presidentes
1960	Fúlvio Napolini (março/60 a fevereiro/61)	Francisco Faraco
1961	Olímpio Vargas (março/61 a fevereiro/62)	Rodeval José Alves
1962	Archimedes Napolini Filho (março a julho) Rodeval José Alves (agosto/62 a março/63)	Rodeval José Alves e Luiz Carlos Búrigo
1963	Lúcio Nuernberg (março/63 a março/64)	Carlos Rosso Netto e Julio Wesller
1964	Archimedes Napolini	Carlos Roberto

	Filho (abril a outubro) Clayton Rogério Duarte Netz (novembro/64 a outubro/65)	Amante e Linei Regina Conti Heleno da Silveira e Ana Maria Bristot
1965	Eno Steiner (outubro/65 – sem data exata para o fechamento)	Evilásio Amador e Bernardete Castelan

FONTE: Tribuna Criciumense. Acervo Casa da Cultura.

As mulheres participaram na diretoria a partir do segundo mandato, com Olímpio Vargas, ocupando cargos inferiores. Já Linei Regina Conti, Ana Maria Bristot e Bernardete Castelan foram vice-presidentes. Ana Maria, além de integrar a diretoria, foi Rainha dos Estudantes, título conquistado em 1963. Sua história está mais detalhada no capítulo V deste trabalho, que traz um pouco da importância que o movimento estudantil teve em sua vida. Outro ponto que merece ser observado no quadro, e que será melhor detalhado adiante, é o mandato curto de Napolini Filho em um ano importante na história brasileira, 1964. Ele assumiu o comando da UESC em março e em outubro passou a presidência para Clayton Netz.

Na avaliação do que foi o início do movimento estudantil em Criciúma, convém ressaltar o que Foracchi (1972) defende, que os jovens são considerados agentes de mudança social e que refletem aquilo que a sociedade apresenta. Em Criciúma, a mobilização juvenil trouxe reflexos e instigou um grupo a formalizar a entidade estudantil. O trabalho, que começou na produção de carteirinhas que davam direito à meia entrada nos cinemas, atingiu um grau de organização que não fora visto em tempos anteriores.

A entidade cresceu à medida que os jovens foram se organizando e tendo o apoio da elite local. Já na primeira eleição, em 12 de março de 1960, houve disputa, mas não para o cargo principal. A polêmica ocorreu no cargo de vice-presidente, entre Francisco Faraco e Orlando Lapoli⁴³. Na cédula de votação, o nome impresso era o de Lapoli, mas alguns estudantes não queriam que ele assumisse como vice. Riscaram seu nome e colocaram o de Faraco, que acabou vencendo⁴⁴.

A partir da eleição da primeira diretoria a sede começou a

⁴³ Fúlvio Napolini. Entrevista a Marli Vitali em 19 de janeiro de 2012.

⁴⁴ Francisco Theofilo Faraco. Entrevista a Marli Vitali em 06 de fevereiro de 2012.

funcionar no Edifício São Joaquim, que pertencia à Igreja Católica⁴⁵. Segundo Fúlvio Napolini, ali se reuniam para tratar de assuntos de interesse dos estudantes. O mandato foi de um ano. Os jovens votavam em três nomes, assim como determinava a União Catarinense. Eram escolhidos o presidente, um vice-presidente e um secretário. A partir do terceiro mandato, de Archimedes Napolini Filho, a entidade passou a contar com dois vice-presidentes. Os demais cargos eram nomeados pelos eleitos.

Conforme a Constituição da UCES⁴⁶, a estrutura da diretoria era composta ainda por Secretário Geral, 1º Secretário, Tesoureiro Geral, 1º Tesoureiro, Secretaria de Ensino, Secretaria de Cultura, Secretaria de Assistência, Secretaria Sindical, Secretaria de Intercâmbios, Secretaria de Imprensa e Secretaria de Rádio Difusão.

Entre a determinação da UCES e os nomes para a UESC, pequenos ajustes foram feitos na nomenclatura dos cargos. A primeira diretoria tinha Fúlvio Napolini na presidência, Francisco Faraco como vice, o Secretário-Geral era José Vitório, 1º Secretário Julio Wesler, 2º Secretário Julio Cesar Hülse, Tesoureiro Geral Olímpio Vargas, 1º Tesoureiro Daltro Rabello, 2º Tesoureiro Adilson Faraco, Orador Oficial Sebastião H. Pieri; Conselho Fiscal: Alberto Abreu, Gilberto Oliveira e Arlindo Junkes; Suplentes do Conselho Fiscal: Aroldo Roque, Anastácio G. Silva e Nilo de Oliveira⁴⁷.

A segunda eleição, ocorrida no dia 12 de março de 1961, foi disputada por duas chapas. Uma delas tinha Olímpio Vargas na presidência. À época, além de estudante, era também funcionário da Caixa Econômica Federal. Na eleição ele representava a diretoria anterior, portanto era o candidato da situação. Na outra, a de oposição, tinha Jaci Casagrande no cargo de presidente, funcionário do Banco do Brasil. Dos 400 associados que a UESC possuía, 185 foram às urnas para votar. Olímpio Vargas venceu a eleição e comandou a UESC na gestão de 1961.

Olímpio Vargas antes ocupava o cargo de Tesoureiro Geral no mandato de Fúlvio Napolini. Seu vice-presidente foi Rodeval José

⁴⁵ O Segundo Livro do Tombo (10/12/1961, p. 72-verso) traz a referência da inauguração da Galeria Benjamim Bristot, conjunto de lojas localizadas na parte inferior do Edifício São Joaquim. A Galeria é de propriedade da igreja.

⁴⁶ Constituição da União Catarinense de Estudantes Secundários. Florianópolis, C.P. 243. Gestão 1961-1962 – Aprovada no Congresso da UCES em Joaçaba, em 29 de julho de 1961.

⁴⁷ Jornal Tribuna Criciumense, p. 8, 20/03/1960.

Alves. Com ele assumiram Francisca T. Vieira, Secretária Geral; Vilma Coral, 1ª Secretária, e Joaquim de Bem, 2º Secretário; Nilton Paz, Tesoureiro Geral; Laudelino Rovaris, 1º Tesoureiro, e Claudete Búriço, 2ª Tesoureira (TRIBUNA CRICIUMENSE, 1961, p. 03).

Na segunda diretoria as mulheres já estão presentes, diferente do primeiro grupo que comandou a entidade. Vargas procurou mobilizar os jovens e realizar ações para integrá-los. Mas pelas páginas do Jornal Tribuna Criciumense percebe-se os primeiros focos de resistência. Na edição de 29 de maio de 1961, na página 2, ao lado da coluna UESC em foco, está um anúncio “A pedido”, com o título: “UESC desorganizada”. O anúncio, sem assinatura, criticava a demora na confecção da carteirinha do estudante, mas cobrava uma postura mais atuante da diretoria empossada há pouco mais de dois meses.

Figura 02: UESC em foco e as críticas



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal (Jornal Tribuna Criciumense, 29 de maio de 1961, p. 2)

O terceiro presidente a assumir a UESC, em 1962, foi Archimedes Napolini Filho. A passagem pelo movimento estudantil de Florianópolis, quando foi diretor do Departamento de Cultura, secretário e depois presidente do Grêmio Cid Rocha do Amaral, do Liceu Industrial (de 1957 a 1960 ele permaneceu em Florianópolis), foi determinante para que ele ingressasse no cargo de Diretor de Cultura no mandato de Olímpio Vargas. A passagem para presidente foi uma consequência, mas que foi acompanhada por disputas.

No “Programa Mínimo da chapa Popular e Oposicionista”

divulgado na campanha de Napolini Filho, intitulada como de Oposição, constam os demais membros da chapa. Rodeval José Alves e Luiz Carlos Búrigo nas vice-presidências. Eles integram um partido criado para a disputa: Partido Idealista Estudantil (P.I.E.). No Conselho Fiscal estão Marisa Remmor, Lúcio Nuernberg e Maria Idênis Nunes. Já como Suplentes do Conselho Fiscal figuram Altair Zappelini, Neide Philippi e Laurindo Rzatki. Chama a atenção o fato de que, mesmo Napolini Filho tendo integrado a diretoria no mandato de Olímpio Vargas (presidente anterior), se autodenominava candidato de oposição.

Figura 03: Plataforma P.I.E. (1962)

PLATAFORMA DO P.I.E.

O Estudante é o único responsável pelo bom andamento de sua entidade de classe. Pois bem! Para que ele saiba quem vai colocar na Diretoria da UESC nós, os candidatos da Oposição, lhe auxiliaremos com esta plataforma, que será o Programa Mínimo da chapa Popular e Opositorista, liderada por **Archimedes Napolini Filho, Rodeval J. Alves e Luiz Carlos Búrigo**. Eis nossa Plataforma:

Em setembro, quando for comemorado o Dia do Estudante, comemorar em uma Semana, a que será «A Primeira Semana do Estudante Secundário de Criciúma».

Fundar um Departamento Esportivo, reunindo os dois sexos, fazendo incentivar futebol de campo e de salão, basquete, voley e outros esportes mais, promovendo inícios entre nossos Educandários Secundaristas.

Pleitear uma sede maior, onde se poderá instalar todas as dependências. Necessárias à uma entidade de classe, bem como um reservado para biblioteca e sala de recreação com jogos de mesa, ping-pong, etc.

Fazer com que os Departamentos Subsidiários funcionem e não vivam mais apagados.

Dar toda a cobertura possível ao estudante, promovendo convênio por escrito com Firmas Comerciais locais.

Fundar um Departamento Feminino de Assistência ao Estudante.

Promover Reuniões Culturais, Sociais, Dançantes, Conferências, etc.

Fundar a Biblioteca do Estudante Secundário de Criciúma, aspiração que há muito se faz.

CARO ESTUDANTE, aí está o nosso programa MÍNIMO de trabalho. Que achas?... Estamos nesta luta tão nobre para conseguirmos tornar realidade todos estes benefícios e outros ainda, de tanta necessidade que ninguém até então te prometeu a dar.

ELEJA A CHAPA DA OPOSIÇÃO

Presidente	Archimedes Napolini Filho
1.º Vice	Rodeval J. Alves
2.º Vice	Luiz Carlos Búrigo
CONSELHO FISCAL	
Marisa Remmor	Altair Zappelini
Lúcio Nuernberg	Neide Philippi
Maria Idênis Nunes	Laurindo Rzatki
SUPLENTES DO C.F.	

Fonte: Rodeval José Alves.

Entre os planos apresentados, propunham a fundação da Biblioteca do Estudante Secundário, ampliação da sede, promoção de reuniões culturais, sociais e dançantes, e realizar a “Primeira Semana do Estudante Secundário de Criciúma”. A chapa liderada por Napolini Filho venceu. Disputava na chapa contrária Armando Serafim. Um de

seus vices era Joaquim de Bem, que havia sido 2º secretário na gestão de Olímpio Vargas.

Num primeiro momento, o que se percebe da nova diretoria é o intuito de “arrumar a casa”. O vice-presidente Rodeval José Alves traz detalhes na coluna mantida pela UESC no Jornal Tribuna Criciumense (16/04/1962), onde informava que havia assumido interinamente a presidência, durante a viagem de Napolini Filho a São Paulo. Napolini Filho participou de um curso de guerrilha para jovens da direita ministrado por Golbery do Couto e Silva, detalhado mais à frente. Segundo Alves, as carteirinhas do estudante em atraso seriam regularizadas e ele também pedia a doação de livros para a Biblioteca da UESC que estava sendo montada.

Napolini Filho assumiu o comando da União Catarinense dos Estudantes Secundaristas (UCES) poucos meses depois de sua eleição para a UESC e Alves foi alçado ao cargo de presidente da união estudantil cricumense. Napolini Filho ficou no comando da união dos estudantes cricumenses de março a julho de 1962.

Em fevereiro de 1963, Alves concorreu à reeleição representando o Partido Idealista Estudantil (PIE). Na outra chapa estava o suplente do Conselho Fiscal, Lúcio Nuernberg, como presidente. A eleição disputada em 17 de março de 1963 foi bastante concorrida. Conforme circular nº 1/62/63, que traz o resultado do pleito, foram 430 votantes e a diferença foi de nove votos a favor de Nuernberg.

O documento denuncia a interferência do então presidente da UCES, Archimedes Napolini Filho⁴⁸, no pleito local. A posse de Nuernberg ocorreu em 30 de março daquele ano. Com ele assumiram Carlos Rosso Netto, 1º Vice-Presidente; Julio Wesller, 2º Vice-Presidente; Conselho Fiscal: Heitor Campos, Clóvis De Luca, Hercílio Amante Júnior (efetivos); Zuleide Duarte, Adenor Dela Bruna, Edi Teodoro Réus (suplentes).

Na saída de Alves é apresentada uma lista de objetos que estavam nas instalações da UESC. Na edição de 06/04/1963 da Tribuna Criciumense (p. 06-07), o ex-presidente relata os bens materiais que estavam sendo entregues ao novo grupo que assumia. Destaque para “dezenas de volumes da biblioteca Estudantil Jackson de Figueiredo⁴⁹”,

⁴⁸ Circular nº 1/62/63, de 18 de março de 1963, assinado por Rodeval José Alves, Valmiré Carlos Veiga e Querino Mazzuco.

⁴⁹ Jackson de Figueiredo foi um intelectual ligado à Igreja Católica e que, ao lado de Alceu Amoroso Lima, se tornou um dos nomes que combatiam o comunismo (RODEGHERO, 2002). Figueiredo era advogado e nasceu em

entre itens como material de expediente, quadros com as fotos dos ex-presidentes Fúlvio Napolini e Olímpio Vargas, além de móveis.

A passagem de uma gestão para outra não foi algo tranquilo. A coluna Tribuna Colegial, espaço destinado à voz dos estudantes no jornal Tribuna Criciumense, continuava sendo escrita por Rodeval José Alves (candidato derrotado na eleição de 1963). Já o grupo eleito defendia suas posições no programa estudantil que ia ao ar todos os sábados na Rádio Eldorado, o UESC em Revista.

No ano seguinte, 1964, Napolini Filho retornou a Criciúma e foi eleito novamente presidente da UESC. Compunham a chapa com ele Carlos Roberto Amante e Linei Regina Conti. As eleições ocorreram em 15 de março de 1964. Embora as eleições fossem sempre no início do ano, em 64 ocorreu algo diferente. Dias 19 e 20 de outubro uma nova eleição foi realizada. A antecipação do pleito não está clara. Clayton Netz ingressou na entidade a convite de Napolini Filho. Foi por um tempo secretário e também apresentou junto com outros jovens o programa na Rádio Eldorado, agora chamado Coquetel Estudantil.

Netz disputou o cargo pela situação e Claudio Aristeu Garcia, do Partido Cultura, Atividade e Brasilidade (CAB), pela oposição. A edição do jornal Tribuna Criciumense de 24 a 31 de outubro de 1964 (p. 7) traz um protesto de Garcia, derrotado nas eleições, em que pede a anulação do pleito. Na edição seguinte, o então presidente Archimedes Napolini Filho esclarece que o pedido de anulação não foi acatado (TRIBUNA CRICIUMENSE, 31 a 6 de novembro de 1964, p. 8). Assumiram com Clayton Netz o 1º vice-presidente Heleno da Silveira e a 2ª vice-presidente Ana Maria Bristot. A posse foi dia 7 de novembro.

Figura 04: Encontro de estudantes em Criciúma (1965)



Fonte: Ana Maria Bristot de Almeida. Ano: 1965

Nota: esq/dir: Luiz Jorge Leal (Zinho), Paulinho Freitas (Lumumba), Clayton Netz, Ana Maria Bristot, Heitor "Foca" Campos; sentados: Jorge Henrique Frydberg, João Carlos Caetano e o irmão do Zinho (apelido Playboy), e um desconhecido (identificação feita por Clayton Netz)

Aquela que seria a última eleição para a presidência da UESC foi realizada nos dias 19 e 20 de outubro de 1965. Os estudantes podiam escolher entre as duas chapas inscritas, conforme divulgado no Jornal Tribuna Criciunense (16/10/1965, p. 7). Na situação vinha o candidato a presidente Eno Steiner, acompanhado de Evilásio Amador e Bernardete Castelan. A oposição concorria com Otto Luiz Farias, Darcy Vitoreti e Vera Maria Silvestre. A chapa de Steiner venceu com 80 votos de diferença. No Tribuna Criciunense (23/10/1965, p. 7) a reportagem que traz a informação da vitória da chapa de situação também aponta para um “elevado número de abstenções apesar da intensa campanha desenvolvida por ambos os candidatos”.

É no mandato de Eno Steiner que a UESC é fechada e segundo ele a determinação veio do delegado de Polícia Helvídio dos Reis

Veloso⁵⁰. Documentos, panfletos e material da entidade foram jogados fora. “[...] o delegado da época Helvídio dos Reis Veloso fechou a UESC. Chegou e disse ‘olha, a partir de amanhã está lacrada’”⁵¹.

3.4 A IGREJA CATÓLICA INTERFERE NA UESC

Nos relatos dos integrantes da União Estudantil um nome surge com frequência, o do padre Estanislau Cizeski. O religioso participava ativamente das discussões políticas da cidade. Ele foi vigário da Paróquia São José de 1954 a 1966 (ZACHARIAS, 2000). Ele chegou a Criciúma em 1949 e ajudou a fundar a Liga Católica Jesus, Maria José. A ele são atribuídos esforços para implantação dos colégios São Bento, Madre Tereza Michel, Marista e Bairro da Juventude⁵².

A interferência do referido padre no movimento estudantil é visível. “O pessoal se queixava muito do nosso vigário, o padre Estanislau Cizeski, mas não sei se ele interferiu”⁵³, conta Fúlvio Napolini. As lembranças dessa interferência estão presentes na memória de outros ex-presidentes da UESC. Rodeval José Alves afirma que o “padre Estanislau era politiqueiro [...] uma figura que merece realmente o registro, porque o que esse homem influenciou. Bom, o Michel saiu por causa dele e o Marista também”.

Figura 05: Padre Estanislau Cizeski na UESC (1962)

⁵⁰ Helvídio de Castro Velloso Filho foi delegado regional de Polícia em Criciúma de 1960 a 1975 (ZACHARIAS, 2000).

⁵¹ Eno Steiner. Entrevista citada.

⁵² Fonte: <http://www.diocesecriciúma.com.br/1,0,39,Historico.html>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

⁵³ Fúlvio Napolini. Entrevista citada.



Fonte: Rodeval José Alves.

Nota: Padre Estanislau Cizeski, ao centro de braços cruzados. Ao lado dele, à esquerda, Ernesto Bianchini Góes, padre Hélio Simas, Benedito Narciso da Rocha e Franklin Cascaes. Rodeval Alves está no lado direito da foto.

A fotografia de 1962 retrata o momento em que a UESC ampliava seus espaços, ocupando novas salas no Edifício São Joaquim. Foi na gestão de Rodeval José Alves.

Mas a presença do padre não era unanimidade entre os estudantes. O ex-presidente Clayton Rogério Duarte Netz via no padre mais que um líder religioso. “Era um crápula. Ele mandava e desmandava na política de Criciúma”. Por ocupar um espaço que pertencia à Cúria, os estudantes tinham a participação direta do padre. Pelo menos até o momento em que permitiram isso. Foi a partir do mandato de Clayton Netz que as coisas começaram a mudar. Antes, ele estava intimamente ligado aos jovens que dirigiam a entidade. O rompimento definitivo veio na gestão de Eno Steiner (1965-1966), que chegou a bater boca com o religioso.

[...] eu não ia com a cara dele, e ele acho que não ia com a minha cara. O local onde funcionava a UESC pertencia à igreja. E quando eu assumi a UESC havia um atraso no aluguel e eu fui ao encontro do padre polaco e

disse para ele: “padre eu reconheço que a UESC deve, ela vai pagar, mas o senhor precisa aguardar porque as aulas estão começando, vai entrar algum dinheiro com o reinício das aulas, nós vamos fazer as carteirinhas e isso vai ser a nossa fonte de receita e venho pagar”. [...] Um dia ele subiu até onde era sede da UESC, e veio de forma agressiva querer cobrar e eu disse que não ia pagar e tivemos uma discussão. Ele disse que ia lacrar a porta, eu disse que ia arrebentar a coice, e toquei ele lá de cima pra baixo. Eu, um guri, ele um padre respeitado aí pela metade da cidade que gostava dele, outra metade não. Ele ligado ao PSD eu ligado à UDN⁵⁴.

Polêmico e político, padre Estanislau ficou até 1966 no comando da paróquia São José. Um problema de saúde o afastou das funções e das principais discussões políticas da cidade. No movimento estudantil secundarista criciumense, o ano de 1966 também representava o encerramento de uma etapa, pois há indícios de que a UESC encerrou suas atividades nesse período.

⁵⁴ Eno Steiner. Entrevista concedida a Marli Vitali em 16 de janeiro de 2012.

4 DAS CARTEIRINHAS DE CINEMA PARA UMA ENTIDADE REPRESENTATIVA DOS ESTUDANTES

Consolidada como entidade, a UESC alçou voos mais importantes do que imaginavam seus fundadores. Da emissão de carteirinhas que concediam a entrada mais barata nos cinemas, a entidade se tornou peça importante nas discussões da cidade, se envolvendo nas questões da educação, como implantação de novos cursos ginasiais, até o debate sobre a situação da indústria carbonífera no período. E para difundir mais suas ideias, conquistou espaço importante na mídia tradicional da cidade, como o jornal Tribuna Criciumense e a Rádio Eldorado.

4.1 JORNAL, RÁDIO E A DIVULGAÇÃO DAS NOTÍCIAS DA UESC

Foi nas páginas do semanário Tribuna Criciumense que a entidade começou a ganhar espaço para divulgar suas ações, trazer textos reflexivos e questionar sobre problemas sociais. Antes mesmo de a UESC ser criada, os estudantes já tinham um local onde divulgavam acontecimentos de seu interesse. A coluna “Tribuna Informando”, escrita por Rodeval José Alves - vice-presidente da UESC entre os anos de 1961 e 1962 e presidente de agosto a janeiro de 1963 -, trazia informações diversas, como acontecimentos relevantes de Santa Catarina, do Brasil e do mundo. Nesta coluna foi anunciada a criação da União dos Estudantes Secundários de Criciúma, no dia 19 de março de 1960.

Aos poucos, a entidade foi conquistando seu próprio espaço de divulgação no jornal. Na coluna “A UESC em foco” estavam sintetizados alguns dos pensamentos apregoados pelos seus líderes. Na edição de 1º de maio de 1960 (p. 2), a secundarista Gilda Benedet assinava texto que trazia detalhes sobre a educação cricumense:

Apesar do progresso vertiginoso em nossa cidade, encontramos nela uma deficiência: a educação. Nos dias atuais, temos estabelecimentos como o Ginásio “Madre Tereza Michel”, Ginásio “São José”, ou Marista, vários grupos escolares, cursos particulares, mesmo assim, nossa juventude não

está sendo amparada devidamente. [...] Novas escolas deveriam ser criadas para atender às crianças menos privilegiadas. [...] Nos estabelecimentos de ensino público, deveria haver maior atenção das autoridades, quanto às necessidades mais urgentes, como falta de móveis, de água e de instalações sanitárias.

Defender oportunidade de ensino é algo que se tornou importante para os jovens. Eles também participaram das discussões envolvendo a criação de uma instituição de ensino superior em Criciúma. O primeiro movimento começou em 1963, mas foi em 22 de junho de 1968, durante o 1º Seminário de Estudos Pró-implantação do Ensino Superior na Região Sul Catarinense, que o então prefeito Ruy Hülse sancionou a lei nº 697, que criou a Fundação Universitária de Criciúma (Fucri)⁵⁵. Os estudantes participaram dos debates envolvendo a criação de uma instituição de ensino superior.

Nos espaços da mídia ocupados pelos jovens que integravam a UESC estão assuntos do cotidiano e ações que estavam sendo desenvolvidas. Era o local adequado para chamar os estudantes para eventos e divulgar questões administrativas, como a entrega de carteirinhas, e alertar para situações preocupantes, como o elevado índice de analfabetos que o Brasil mantinha em 1961. Em Criciúma, conforme Triches (1994), em 1960 a população alfabetizada na cidade era de 46,8%. No Brasil a taxa de analfabetos representava 39,7% da população⁵⁶.

Na edição de 5 de junho de 1961, o Departamento de Imprensa, Radiodifusão e Publicidade da UESC comunica que está sendo aberto mais um espaço de comunicação com o jovem. É criado o programa na Rádio Eldorado com as seguintes seções: Bastidores da UESC; Comentário da Semana; Encontro com o Estudante; Torneio Cultural e Eu e a Música. A nota que apresenta a novidade, intitulada “Dando valor a quem tem!”, é assinada por Ivo Neis Pereira e destaca que o programa em breve deverá ir ao ar “graças à camaradagem e compreensão dos dirigentes da Emissora local, que não opuzeram (sic) praticamente nenhum obstáculo, acolhendo a ideia e contribuindo para que fosse

⁵⁵ Tribuna Criciumense, 12 de julho de 1961, p. 3.

⁵⁶ Mapa do analfabetismo no Brasil. INEP. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19815316/Pesquisa-Analfabetismo-INEP>. Acesso em 12/02/2013.

levada a efeito”⁵⁷. Pereira agradecia aos colegas que integravam o Departamento: Lucas Cruz, Jaci Casagrande, Jorge Silvestre, Luiz Jorge Leal e Paulo Freitas. Não está claro se todos os jovens eram da diretoria, mas o que se percebe é que eles participavam do movimento estudantil.

Nos sábados, a partir das 19 horas, entrava no ar o “Jornal Falado Eldorado”, onde a direção da entidade tinha um canal de comunicação aberto com os jovens⁵⁸. O espaço servia para repassar informações e mobilizar os estudantes. Conforme Steiner, “tinha um ensinamento político estudantil. Havia também coluna social, contava-se a história dos colégios”.⁵⁹ A Rádio Eldorado pertencia ao empresário Diomício Freitas⁶⁰, dono do Grupo Freitas e filiado à UDN. Nem sempre o programa ficou aos sábados. Na gestão de Clayton Netz (1964/1965) ele era veiculado nos domingos, no início da tarde.

O contato com o estudante também era feito por meio de um jornal produzido pela UESC. Embora não se tenha um exemplar da publicação, ela está citada na coluna da entidade no jornal *Tribuna Criciumense* (12/02/1962, p. 4). A nota “Ouro Negro x UCES” informa que “exemplares do primeiro número do jornal estudantil *Ouro Negro*, órgão oficial da UESC”, foram entregues na sede da entidade estadual em Florianópolis. Chama a atenção o nome dado ao jornal estudantil. *Ouro Negro* remete ao carvão e denuncia a forte ligação da UESC com o setor carbonífero.

O espaço na mídia local serviu como ferramenta importante para mobilizar os jovens, especialmente os que costumavam ler o jornal ou ouvir a rádio. A partir dessa divulgação, a UESC fortaleceu-se como entidade representativa dos estudantes secundaristas e pode criar ações que mobilizaram os jovens cricumenses.

⁵⁷ *Tribuna Criciumense*, 5 de junho de 1961, p. 4.

⁵⁸ Cartaz – 1ª Semana Municipal do Estudante – Programa, de 27 de outubro a 3 de novembro de 1962.

⁵⁹ Eno Steiner. Entrevista citada.

⁶⁰ Diomício Freitas foi um dos principais nomes do empresariado cricumense a partir da década de 1950. Por um período foi sócio de Santos Guglielmi e depois atuou sozinho. Do Grupo Freitas faziam parte as cerâmicas Cecrisa e Incocesa, a Industrial Conventos, entre outras empresas. Também tinha o controle acionário da Sociedade Rádio Eldorado Catarinense, de Criciúma, TV Eldorado Catarinense, Rádio Difusora de Laguna e Rádio Araranguá. Foi deputado federal pela UDN de 1962 a 1966. Pela Arena, foi suplente de senador em 1979. Morreu em acidente rodoviário em 29 de maio de 1981 (ZACHARIAS, 2000).

4.2 BAILES, RAINHAS E SEMANA DOS ESTUDANTES

A partir da primeira diretoria da UESC encabeçada por Fúlvio Naspolini, a entidade já passou a ocupar uma das salas do Edifício São Joaquim, localizado na região central da cidade. Ponto estratégico na Praça Nereu Ramos, o que viabilizava a acolhida e participação dos estudantes. No mandato da terceira diretoria, em 1962, já se tem registros de ampliação no espaço físico. Essa proposta está inserida na plataforma de trabalho da chapa coordenada por Archimedes Naspolini Filho, que assumiu em março de 1962⁶¹.

Figura 06: Edifício São Joaquim (2011)



Fonte: Acervo da autora

Os relatos de Rodeval José Alves, que assumiu após a saída de Naspolini Filho para assumir a União Catarinense dos Estudantes Secundários, em julho de 1962, trazem informações sobre essa ampliação. Nos documentos em que relata sua saída, Alves detalha melhor a maneira como deixa a instituição que possuía “quatro amplas salas onde funcionam respectivamente: Gabinete da Presidência, Secretaria Geral e Tesouraria, Biblioteca Estudantil Jackson de Figueiredo e Sala de Recreações da UESC”⁶². Ele cita, minuciosamente, a quantidade de móveis, os volumes encontrados na biblioteca – 350

⁶¹ Documento “Plataforma do P.I.E. – Partido Idealista Estudantil”.

⁶² Documento endereçado aos “Colegas Estudantes” – três folhas, sem data precisa.

livros – e algo que chama a atenção: a Bandeira da UESC “confeccionada durante a atual gestão”.

Faz-se necessário ressaltar o que Bosi (1994, p. 55) relata sobre a memória, um dos pontos de partida para o presente estudo. Segundo a autora, lembrar não é reviver, mas sim reconstruir e repensar algo sobre o passado com o olhar de hoje. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual”. São essas memórias, com as construções da atualidade e da vivência passada, que os ex-integrantes da UESC trazem à discussão.

Essa construção, que busca demonstrar uma participação efetiva dos jovens líderes do movimento estudantil criciunense, está presente nas falas dos entrevistados. Napolini Filho lembra que a entidade figurava entre as principais do município e seus presidentes eram sempre citados nos eventos populares⁶³. Em Criciúma, em 1960, os jovens estavam preocupados com a falta de opções para prosseguir os estudos. A discussão sobre a criação do Curso Ginásial no Colégio Marista foi tema de mobilizações. Napolini Filho recorda-se que a direção da UESC se envolveu na discussão diretamente com o governador Celso Ramos⁶⁴.

A mobilização, essa participação juvenil, segundo Abramo (2008, p. 38), está muito presente entre os jovens escolarizados de classe média. Era esse o perfil que predominava na década de 1960, entre os jovens da UESC.

[...] o debate se dirigia então para o papel que os jovens (principalmente por intermédio dos movimentos estudantis, da contracultura e do engajamento em partidos políticos de esquerda) jogavam na continuidade ou transformação do sistema cultural e político que recebiam como herança.

Essa percepção de entidade participativa foi sendo percebida, aos poucos. Mas, diferente da UNE, que em períodos da sua história estava ligada aos partidos de esquerda, a União de Estudantes Secundários de Criciúma forjou parte de sua trajetória aos grupos de direita. A UESC passou a ter espaço de destaque nas discussões da sociedade

⁶³ Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

⁶⁴ Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

criciumentense. Nas memórias de Naspolini Filho (2011) ela surge como:

[...] respeitadíssima, sentava-se sempre a mesa das autoridades sempre, sempre, sempre. O prefeito chamava pra discutir assuntos da cidade porque nós fazíamos parar a cidade, trancávamos a Praça Nereu aqui, e a praça era nossa. A feira do livro nasceu conosco. Na Semana do Estudante nós fazíamos uma série de concursos, gincanas e terminava com o baile de escolha da rainha que era feita no Mampituba. Cada grêmio apresentava sua candidata. Valia beleza e cultura.

Ao procurar mobilizar os estudantes, a UESC desenvolvia atividades que saíam das salas da entidade e ganhavam as ruas da cidade. O primeiro evento de porte, o Seminário de Estudos de Santa Catarina, foi realizado na gestão de Olímpio Vargas, entre 1º e 4 de junho de 1961, no Mampituba, e contou com apoio da União Catarinense de Estudantes Secundários (UCES). Segundo o jornal *Tribuna Criciumentense* (19/06/1961, capa) participaram delegados e o presidente da União Catarinense dos Estudantes Secundários, Manoel Dias⁶⁵, e representantes de entidades secundaristas da região. Havia representantes das Uniões de Orleans, Araranguá e Florianópolis. Entre os temas debatidos estava o ensino secundário no Sul, ressaltando a falta de vagas para estudantes, a problemática do carvão, assistência ao estudante e ao operário “em virtude de a massa trabalhadora se concentrar nessa região”. Os temas discutidos pelos estudantes em Criciúma foram homologados pela UCES em Florianópolis⁶⁶.

A mobilização dos jovens não ficava apenas restrita ao território

⁶⁵ Manoel Dias nasceu em Içara foi líder estudantil até começar a disputar eleições. Teve por duas vezes seu mandato tomado: a primeira em 1964, quando foi vereador em Içara seu nome já constava da primeira listagem de cassações com base no Ato Institucional nº 1 (AI 1) e, em 1969, exercendo o mandato de deputado estadual na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, foi novamente cassado, desta vez pelo AI 5. Teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Dados obtidos em: <http://www.pdt.org.br/index.php/pdt/lideres/manoel-dias-uma-vida-dedicada-ao-trabalhismo>. Acesso em 24/01/2013. Junto com sindicalistas fundou o MDB em Criciúma em 1966 (TRICHES, 1994).

⁶⁶ *Tribuna Criciumentense*, 19/06/1961, capa. Acervo Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.

de Criciúma. Em 29 de outubro de 1961, o presidente da UESC Olímpio Vargas encontrou-se com representantes de entidades estudantis da região em Tubarão. Após discussões, eles formaram o primeiro “Conselho de Estudantes do bloco sul” e lançaram uma declaração de princípios. Nela consta:

1º - Os Estudantes do Bloco Sul envidarão todos os esforços no sentido da moralização em todos os setores da vida pública Nacional; 2º - Dar combate às idéias e campanhas que venham a contrariar as idéias cristãs e democráticas do povo brasileiro; 3º - Desencumbirem-se de todos os seus deveres de Estado, procurando, por todos os meios, aprimorar seus conhecimentos, para melhor servir a Pátria; 4º - Dar apôio a uma reforma agrária que venha ao encontro das necessidades do homem do campo; 5º - Lutar por uma difusão de escolas primárias e secundárias por todo Estado de Santa Catarina; 6º - Estar ao lado do operário em suas reivindicações, quando estas forem justas; 7º - Lutar por uma sábia política nacionalista, que traga, de fato, a libertação econômica do Brasil. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 06/11/1961, p. 04)

Na declaração constava a assinatura dos presidentes das Uniãoes Secundaristas da região: Killian Schneider, de Tubarão; Olímpio Vargas, de Criciúma; Ernesto Mariotti, de Urussanga; Hélio Bussolo, de Orleans; Humberto Ronaldo Grecchi, de Araranguá; Sérgio de Oliveira, de Laguna; e Dante Braz Limonge, de Florianópolis.

É importante avaliar o conteúdo apresentado na declaração de princípios. Os jovens fazem questão de destacar que combaterão as ideias que sejam contrárias às propostas cristãs e democráticas. Esse discurso retrata como os líderes do movimento estudantil na região eram conservadores e anticomunistas. Ao mesmo tempo em que se propunham estar ao lado dos operários, afirmavam que só o fariam se as reivindicações fossem justas.

Necessário observar a questão do anticomunismo que surge dentro do movimento estudantil, mas de maneira indireta. No Brasil, conforme Rodeghero (2002), o anticomunismo pode ser observado entre

1917 e 1930, mas foi durante a Guerra Fria, entre Rússia e Estados Unidos (1945 a 1964) que ele foi mais constante. Em seus estudos, a autora observa como a Igreja Católica se posicionou de maneira clara e contundente no combate ao comunismo e ao que chamou de “perigo vermelho”.

O anticomunismo católico no Brasil se organizava a partir da infra-estrutura já existente na Igreja e se beneficiava das boas relações que a hierarquia mantinha com governos e grupos dominantes. Era veiculado através de pronunciamentos de autoridades católicas em jornais, alocações radiofônicas, solenidades de inauguração, missas especiais. Recheava as páginas de jornais católicos e permeava o conteúdo de programas de rádio; era difundido nas escolas, nos grupos da Ação Católica, nos seminários onde se formavam os novos padres. Circulava na forma de livros, revistas, cartazes, panfletos e santinhos, impressos nas gráficas e editoras católicas. Foi, muitas vezes, canalizado através do trabalho de entidades como a Liga Eleitoral Católica (LEC), os Círculos Operários (COs) e as Frentes Agrárias. Transformou-se em tema para os sermões dominicais nas pequenas e grandes paróquias espalhadas pelo País, pregação que permanece na memória de muitos católicos até hoje. Incentivou multidões a irem às ruas para rezar o terço, pedindo proteção a Deus contra a ameaça do comunismo (RODEGHERO, 2002, p. 466).

A realidade em Criciúma, na década de 1960, não era diferente de outras cidades brasileiras. A Igreja Católica detinha poder e usava isso para propagar as ideias que considerava corretas. No período analisado no Segundo Livro do Tombo da paróquia São José (1933), de 1959 a 1964, há sete referências da luta da Igreja de Criciúma contra o comunismo. O ano mais “rico” é 1962, quando ocorreu a expulsão de estudantes considerados comunistas que representavam a UNE, campanha de esclarecimento ao jovem sobre o perigo comunista e derrota dos candidatos comunistas nas eleições. Um dos fatos relevantes

é a passeata que comemorou o 1º de maio na cidade em 1962.

FIGURA 07: Passeata 1º de maio em Criciúma (1962)



Fonte: Rodeval José Alves

FIGURA 08: Passeata 1º de maio em Criciúma (1962)



Fonte: Rodeval José Alves

O movimento estudantil, representado pela diretoria da União dos Estudantes Secundários de Criciúma, também esteve presente. Na

primeira imagem, a direção da UESC leva a faixa “Homenagem estudantil aos Operários”. Archimedes Napolini Filho era o presidente da entidade estudantil e discursou no final da passeata⁶⁷. A segunda imagem é importante para que se avalie como a Igreja Católica havia disseminado a ideia do anticomunismo na cidade. Há quatro cartazes de grupos “liguistas” de bairros (Pinheirinho, sem condições de leitura, Mina do Mato e Montenegro), todos com os mesmos dizeres: “Liguistas e Operários – Pinheirinho – Salve o 1º de Maio”. Faixas que trazem “Cristo sim, comunismo não” estão presentes na imagem que mostra o encontro do público ao redor da Praça Nereu Ramos, no centro da cidade. O evento também é lembrado no Livro do Tombo:

Dia 1º de maio foi feita uma grande concentração de jovens no salão da matriz. Foi rezada uma missa na intensão (sic) dos trabalhadores por sua Excia Pr. Bispo. Houve uma grande passeata em protesto ao comunismo com muitos cartazes e discursos (SEGUNDO..., 1933, p. 73).

A manifestação pública de 1962 e a participação da diretoria da UESC no ato demonstram com quem estava aliada a cúpula da entidade. Em documento emitido em outubro de 1962, o presidente da UESC, Rodeval José Alves, informava a população de Criciúma sobre um evento que seria realizado: a “1ª Semana do Estudante”. O folheto, intitulado “Bravo povo de Criciúma – Trabalhadores! Empregadores! Colegas Estudantes! Professores! Funcionários! Lavradores!”, explicava o que seria a Semana e quais atividades se desenvolveriam. Além disso, apresentava uma linha de trabalho que a entidade estudantil pretendia desenvolver e que sua atuação ia além dos problemas estudantis.

Não será uma tomada de consciência somente a respeito de problemas de economia e finanças, de dinheiro, desemprego (sic), assistência social; será também um brado de alerta à consciência (sic), para que não se deixem enganar, apasiguar (sic), adormecer, na luta pela Democracia, pela liberdade, por Deus e

⁶⁷ Rodeval José Alves, entrevista citada.

pela Pátria.⁶⁸

Rodeghero (2002) reforça em suas pesquisas que da década de 1950 até o golpe militar, em 64, surgiram dentro da Igreja Católica movimentos que passaram a ter uma postura mais aberta. Ao invés de criticar o comunismo, se buscou diminuir as injustiças sociais. Surgia uma esquerda católica, “que, todavia, ocupava posições não-majoritárias dentro da instituição, a qual se mantinha como atuante batalhadora contra o comunismo” (RODEGHERO, 2002, p. 480).

Essa preocupação com a realidade social está presente nos documentos e na postura dos diretores da UESC. Ao mesmo tempo em que propunham lutar pela democracia e pela Pátria, não esqueciam de Deus, demonstrando o atrelamento a uma Igreja Católica conservadora. O debate demonstrava a efervescência de ideias e posicionamentos que também tomavam conta com Brasil. O presidente João Goulart havia assumido um ano antes, em 1961, sob regime parlamentarista, após o movimento da Legalidade, e com a discordância de vários setores, como militares, elite conservadora e a Igreja Católica⁶⁹. O momento era polêmico. Ao mesmo tempo em que tentava fazer reformas importantes para o desenvolvimento do país, o presidente encontrava muita resistência.

No sul de Santa Catarina, os jovens líderes do movimento estudantil queriam promover discussões relevantes. Na 1ª Semana Municipal do Estudante, que ocorreu de 27 de outubro a 3 de novembro de 1962, há uma preocupação com o lazer e o divertimento da juventude. Mas questões sérias não foram esquecidas. No panfleto que traz a programação completa é interessante observar como a entidade estava bem estruturada com os departamentos de Imprensa, Radiodifusão e Publicidade; Social e de Recreação; Cultural e de Intercâmbio; Desportivo; Assistência; Bibliotecas e Conselho de Representantes.

FIGURA 09: Panfleto da 1ª Semana do Estudante (1962).

⁶⁸ Panfleto da UESC. 1ª Semana Municipal do Estudante. “Bravo povo de Criciúma”.

⁶⁹ Com informações de <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=32>. Acesso em 28/01/2013.

União dos Estudantes Secund. de Criciúma - UESC

Departamento de Imprensa, Radiolusão e Publicidade - Departamento Social e de Recreação
Departamento Cultural e de Intercâmbio - Departamento Desportivo - Departamento de Assistência
Departamento de Bibliotecas
Conselho de Representantes

1a. Semana Municipal do Estudante

PROGRAMA
(DE 27 DE OUTUBRO A 3 DE NOVEMBRO DE 1962)

DIA 27 - SÁBADO
às 9 horas - Desfile da fanfara Professor Lapageiro.
às 20 horas - Palestra sobre o tema: «A Indústria do carvão, Nossa Economia, o Estudante e a formação profissional», por convidado especial, ex S.R. Mampituba.

às 15 horas - Abertura solene na sede da S.R. Mampituba, da 1ª. Semana Municipal do Estudante, com a presença de autoridades, professores, convidados, estudantes e povo em geral.
Oração do estudante, Aracy Gládia Keller, Titular do Departamento Cultural e de Intercâmbio, explicando as finalidades da 1ª. Semana Municipal.
às 19 horas - Dentro do jornal falado Eldorado - Mensagem ao Estudante - pelo Presidente da UESC, Rodeval José Alves.

DIA 28 - DOMINGO
às 8 horas - Missa dos Estudantes, celebrada pelo Rev. Pe. Estanislau Cizeski, com sermão alusivo à Semana Municipal do Estudante.
às 9 horas - Início das competições esportivas no Estádio Heriberto Hulse (conforme tabela a parte).
às 13 horas - Programa Radifônico «UESC em Revista», com cobertura sobre como transcorrerá e vai transcorrer a semana.
Dentro do programa, palestra do Dr. Hélio Bianchini Góes, sobre o tema «O Estudante e o conceito atual de Patriotismo e Nacionalismo».
às 14 horas - Continuação das competições desportivas no Estádio Heriberto Hulse.

DIA 29 - SEGUNDA FEIRA
às 8,30 horas - No Ginásio e Escola Normal Madre Teresa Michel, palestra sobre o tema: «O Estudante e a Religião», pelo Irmão Bruno Wendling do Ginásio Marista.
às 20 horas - Palestra, na S.R. Mampituba sobre o tema «Vultos da Democracia Brasileira», pelo Dr. José Pimentel, e debate sobre o mesmo tema.

DIA 30 - TERÇA FEIRA
às 8,30 horas no Ginásio Marista, palestra para os alunos do estabelecimento, por uma Irmã professora do G.M.T.M., sobre o tema: «O que pode fazer o Estudante por sua Pátria».

SÁBADO - Dia 3 de Novembro - às 19 horas - III Mensagem aos estudantes, pelo Presidente da UESC, dentro do jornal falado Eldorado. Baile para estudantes no Mampituba, com a escola da Rainha do Estudante de 1962 e coroação pela Rainha dos Estudantes de 1961.

ESTUDANTE! Calhara bravamente na 1a. Semana Municipal do Estudante! A semana pertence ao Estudante!

30 DIAS DE BARULHO
Visitem a monumental Festa de Aniversário das

Casas Jaraguá

As CASAS JARAGUÁ, estão queimando seu estoque Saralá a preço de populeira - populeira a preço de cambúria cambúria a preço de chita - chita quase de graça!! É ainda um mundo de salões e retalhos a preço de deixar saudades CASAS JARAGUÁ, agora em suas novas instalações
Rua Cons. João Zanella, 22 - CRICIÚMA

Fonte: Rodeval José Alves

A parte cultural é intensa e apresenta desfile de fanfarras, competições esportivas, sociais e a escolha da Rainha dos Estudantes de 1962. A participação da Igreja Católica é evidente nas atividades. No segundo dia, 28, a Missa dos Estudantes foi celebrada pelo padre Estanislau Cizeski, pároco de Criciúma. No dia 1º de novembro missa para estudantes e operários, coordenada pelo padre Hélio José de Simas⁷⁰, assistente eclesiástico auxiliar do Círculo Operário Criciumentense. Há ainda palestras com os temas “O Estudante e a religião”, e “O que pode fazer o Estudante por sua Pátria”. O aspecto político também não é deixado de lado. Destaque para a palestra do

⁷⁰ Padre Hélio Simas chegou a Criciúma no início de 1962. Veio para fazer um trabalho de difusão da doutrina social cristã junto aos segmentos sociais mais necessitados. Tinha o suporte financeiro da fundação alemã Misereor. Padre Hélio foi o motivador da criação do Sindicato dos Metalúrgicos, estimulando o operário Raul Clemente Pereira a formar o sindicato. Atuou junto ao Círculo Operário Criciumentense e na formação de operários cristãos (PEREIRA, 2012).

padre Valdir Borges⁷¹ sobre “O que pode fazer o Estudante pela Democracia”.

Fato marcante, também registrado no panfleto de divulgação, é a assinatura do Pacto Estudantil-Operário. O Pacto é considerado um dos principais atos envolvendo a Semana. Suas funções estão baseadas na luta pela democracia, em apoiar e receber apoio de movimentos de classe, desde que sejam temas de interesse coletivo.

O documento⁷² é assinado pelo presidente da UESC, Rodeval José Alves; presidente do Círculo Operário Criciumentense, Ernesto Hilário; presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário de Criciúma, José Antônio Gonçalves; presidente da Associação Profissional dos Mecânicos e Metalúrgicos e de Material Elétrico da Zona Sul do Estado de Santa Catarina, Raul Clemente Pereira; presidente da Associação dos Empregados no Comércio de Criciúma, Mário Beloli; representante do Círculo Ferroviário da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, Elias Lindolfo Eufrásio, e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão do Rio Maina⁷³, Pedro Vieira.

- 1) - Estudantes e operários, unidos, intensificar a luta por melhores dias para nossa pátria e pelas reivindicações mais sentidas;
- 2) - Lutar pelo regime democrático com tôdas as forças, dentro desse princípio: “Democratas sempre, reacionários nunca”.
- 3) - Estudantes e operários unidos, dar apoio aos movimentos surgidos de interesse das classes, bem como auxílio mútuo aos movimentos encetados por qualquer entidade aqui representada, e que seja de interesse e

⁷¹ Padre Valdir Borges foi vigário na Paróquia São José, em Criciúma. Data não definida (ZACHARIAS, 2000).

⁷² Documento com as explicações sobre o significado e termos que constituíram o Pacto Estudantil-Operário. 1º de novembro de 1962.

⁷³ O presente Sindicato foi criado em 1961 para se contrapor ao Sindicato dos Mineiros que era combativo e liderava as greves. “Passados 10 dias das eleições, foi criada a associação dos mineiros do Rio Maina – distrito de Criciúma – e, após dois meses, foi solicitada ao Ministério do Trabalho a Carta Sindical. A criação do segundo sindicato dos mineiros em Criciúma recebeu o apoio das carboníferas, da Delegacia Regional do Trabalho e da Igreja local” (VOLPATO, 2001, p. 167).

venha a beneficiar a coletividade.⁷⁴

A proposta do Pacto Estudantil-Operário baseava-se em ajuda mútua entre as partes. Criticavam o custo de vida elevado ao mesmo tempo em que defendiam uma “democracia cristã”. As críticas iam mais longe. Chegavam até a forma proposta pelo governo de João Goulart e pediam “reformas urgentes de base, como a reforma agrária, em bases cristãs e democráticas, a liberdade e a pluralidade sindical”⁷⁵. O documento ainda reforça a necessidade de melhorar as condições de acesso à educação para os filhos de famílias carentes, mas reforça que isso precisa ser feito sem agitação e movimentos subversivos.

FIGURA 10: Assinatura Pacto Estudantil-Operário (1962)



Acervo: Rodeval José Alves.

A assinatura foi considerada o ato mais importante pela direção da UESC e está declarada no documento distribuído à comunidade e que traz ainda: “Estudantes e operários unidos, ‘a Pátria do presente e a do Futuro’, reúnem-se, irmanados pelos mesmos ideais, cristãos e democráticos”⁷⁶. O evento termina com a palestra de Benedito Narciso

⁷⁴ Documento Pacto Estudantil Operário. Acervo Rodeval José Alves.

⁷⁵ Documento Pacto Estudantil Operário. Acervo Rodeval José Alves.

⁷⁶ Documento UESC: “Estudantes defendem democracia em sua primeira semana municipal. Acervo Rodeval José Alves.

da Rocha⁷⁷ com o tema “O estudante, o trabalhador e as Idéias Político Sociais”.

Compreender o momento que vivia a cidade de Criciúma é importante para que se observe também as situações que foram assumidas pela diretoria da UESC. Teixeira (1995) aponta que, além de ostentar o título de cidade do carvão, Criciúma também se tornou conhecida nacionalmente pela sua mobilização sindical e operária.

A cidade, que se desenvolveu a partir de um modelo capitalista explorador e predatório – tanto no que se refere à exploração da força de trabalho como em relação ao meio ambiente (como vimos anteriormente), foi – até recentemente – palco de um intenso movimento operário e popular, especialmente dos mineiros (TEIXEIRA, 1995, p. 164).

Se não todos, mas os principais líderes do movimento estudantil cricumense estavam alinhados com as práticas dos governantes, empresários do carvão e da Igreja Católica. A presença intensa de padres em atos da UESC demonstra esse estreitamento de ideias. Ao trazer detalhes da formação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região – sindicato formado por orientação do padre Hélio Simas e seguindo as determinações da igreja -, Pereira (2012) observa as diferenças entre dois blocos que existiam na cidade e que tiveram ânimos aflorados após a guerra fria, com a tomada do poder por Fidel Castro em Cuba (1957) e com as pressões que sofria o presidente João Goulart (1961).

[...] as bandeiras sociais os dois lados, tal como exposto na doutrina social cristã e no ideário marxista, apresentavam inumeráveis pontos de coincidência. Mas as divergências em pontos cruciais, como, exemplificativamente, os da

⁷⁷ O bacharel em Direito e professor é natural do Piauí e chegou a Criciúma em 1958. Foi professor do Colégio Madre Tereza Michel, Escola Técnica do Comércio e Fundação Universitária de Criciúma (Fucri). Prestou assessoria jurídica a empresas da cidade. Também integrou entidades sociais, como Apae, Rotary Club e Loja Maçônica Presidente Roosevelt. Foi sócio e diretor do Círculo Operário Criciumense e da Liga Católica Jesus, Maria, José (ZACHARIAS, 2000).

propriedade privada, dos métodos de luta e do papel da religião, tornavam a luta ideológica inevitável (PEREIRA, 2012, p. 138).

No discurso que propagava a defesa dos estudantes, a UESC pedia mais oportunidades de ensino para os jovens, se envolvia em questões amplas, como as propagadas no Pacto Estudantil-Operário, e resolvia ações pontuais. As carteirinhas para o cinema continuaram sendo entregues. Além disso, a diversão também ocupava os dias dos jovens.

Nas Semanas dos Estudantes era dada uma atenção especial à parte de esporte e cultura. Na programação da primeira, em 1962, extensa programação envolvia e alegrava a juventude. A segunda Semana ocorreu em 1963, na gestão de Lúcio Nuernberg, a terceira aconteceu em 1964 no retorno de Archimedes Napolini Filho ao comando da entidade e a quarta foi organizada quando Clayton Rogério Duarte Netz era o presidente, em 1965.

As atividades da quarta Semana do Estudante estão relatadas na edição do Tribuna Criciumense (28/08 a 04/09/1965, p. 3). O evento foi realizado de 4 a 11 de setembro de 1965 e contou com exposição de pinturas feitas por estudantes, apresentação da Banda Cruzeiro do Sul, concursos de oratória e declamação. A única palestra anunciada foi com o professor Osvaldo Della Giustina, que falou sobre o “Desenvolvimento do Ensino Universitário”. A quarta Semana, no mandato de Clayton Netz, vem com uma proposta mais voltada ao estudante e um pouco desvinculada da elite e da Igreja Católica local. A Semana terminou com o baile. E era neste baile que ocorria um dos atos mais disputados, a escolha da rainha dos estudantes. O concurso movimentava os grêmios estudantis que enviavam suas representantes. Porém, o quesito para a escolha não era apenas a beleza, uma vez que:

As jovens eram sabatinadas por um grupo de jurados e contava muito a inteligência. A primeira delas foi escolhida em junho de 1961. A estudante Elga de Oliveira concorreu com Adélcia Búrigo, Lurdete Spricigo e Nolênia Lazzarim e venceu (TRIBUNA..., 1961, p. 2).

Elga foi a primeira rainha, escolhida durante o baile que marcou não uma Semana, mas o 1º Seminário de Estudos promovidos pela UESC entre 1º e 4 de junho de 1961. Era a gestão de Olímpio Vargas. Já

desde o primeiro concurso avaliava-se mais que a beleza da jovem, era importante que ela também tivesse noções básicas de disciplinas como língua portuguesa e matemática, entre outras. Em 1963 o título ficou com Ana Maria Bristot, à época com apenas 16 anos. O baile em que as candidatas desfilavam era realizado na Sociedade Recreativa Mampituba, na rua Seis de Janeiro, centro da cidade. Sobre este evento Ana Maria comenta:

[...] numa certa altura do baile, a dona Zulcema Póvoas Carneiro, chamava candidata por candidata. Ela e outras pessoas faziam uma série de perguntas sobre cultura geral, perguntavam sobre as maravilhas do mundo antigo e do mundo moderno. Eu lembro, quando eu entrei e olhei para dona Zulcema, muito sisuda, começou a fazer perguntas eu fui respondendo.⁷⁸

No ano seguinte, Ana Maria repassou a faixa para Vera Maria Silvestri Cruz. Segundo ela, o título não era apenas rainha, mas “a mais bela e culta estudante criciumense”⁷⁹. Vera participou da sabatina durante o baile. Ela era presidente do Grêmio Estudantil Raquel de Queiróz, do colégio público Lapagesse, e foi escolhida para disputar em 1964.

Era uma prova com 20 questões. Eles nos entregavam a prova, não colocávamos o nome para não sermos identificadas. Respondíamos as questões e devolvíamos a uma banca de professores para ser corrigida. Das 20 questões eu acertei 19, erreí uma. Então voltávamos para o baile. A que eu erreí, não me esqueci nunca mais. Qual era o nome do carrasco que enforcou Tiradentes? Capitânia. E eu erreí essa. A prova continha questões de história, geografia, boas maneiras, conhecimentos gerais

⁷⁸ Ana Maria Bristot de Almeida. Entrevista concedida a Marli Vitali em 16 de maio de 2012.

⁷⁹ Vera Maria Silvestri Cruz. Entrevista concedida a Marli Vitali em 27 de abril de 2012.

sobre diversos assuntos.⁸⁰

Figura 11: As rainhas (1964)



Fonte: Ana Maria Bristot de Almeida

Nota: A rainha de 1964, Vera Maria Silvestre, recebendo a faixa de Ana Maria Bristot, rainha em 1963.

Depois de Vera, quem assumiu o posto de mais bela e culta jovem foi Edilamar Elias, a última rainha da UESC em 1965. Na gestão de Eno Steiner, o último presidente da entidade, não foi realizado o evento.

4.3 ALIADOS E INIMIGOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL ESTADUAL E NACIONAL

Na década de 1960, o Brasil passava por um momento de transição. Iniciava-se aquela década vivendo um regime democrático, formalizado pela eleição de Jânio Quadros, depois a posse de seu vice, João Goulart. Em 1964, a implantação de um regime à força trouxe modificações na forma política de administrar o país. O regime militar

⁸⁰ Vera Maria Silvestri Cruz. Entrevista citada.

que governou o país por 21 anos modificou também o tratamento e a forma de atuação do movimento estudantil brasileiro.

Conforme já citado pelos autores que analisam o movimento estudantil, Poerner (1995), Mendes Jr. (1982), Araújo (2007), Sanfelice (1986), os principais nomes da UNE defendiam ideias consideradas esquerdistas, que cobravam mais justiça social e qualidade de ensino. Após a implantação do regime militar, essa mobilização foi considerada prejudicial ao novo governo e os militares combateram todos que se posicionavam contra o regime. Os estudantes que questionaram a forma imposta de governar também foram perseguidos e presos.

Mas é certo que o movimento estudantil não tinha unanimidade. Os jovens não formavam um bloco homogêneo, unânime, que defendia as mesmas propostas. Abramo (2007) lembra que após a implantação do regime, a juventude, especialmente aquela que estava envolvida em movimentos estudantis e sociais, passou a ganhar mais visibilidade.

[...] jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento – sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo (ABRAMO, 2007, p. 81)

O movimento estudantil criciunense, especialmente a UESC, vivenciou um período em que seus principais líderes defendiam a liberdade juvenil, mas não as ideias esquerdistas. Falavam em justiça social, mas permaneciam atrelados aos principais governantes da cidade, à elite local e à Igreja Católica.

Um dos atos que demonstra como havia divergências de ideias entre a UNE e a UCE e os líderes do movimento estudantil criciunense pode ser observada na vinda da UNE Volante à cidade. Rodeval José Alves ocupava interinamente a presidência da UESC. Archimedes Napolini Filho estava fazendo um curso em São Paulo. Alves lembra que foi procurado por pessoas da UNE Volante⁸¹ que gostariam de

⁸¹ A UNE Volante e o Centro Popular de Cultura (CPC) estão ligados. Ambos surgiram em 1962. A intenção era mobilizar estudantes em todo o país em temas relacionados à cultura, mas também a questões na área educacional.

explicar como ela funcionava e também apresentar o Centro Popular de Cultura.

A reunião foi convocada para dia 27 de março de 1962 no salão da Sociedade Recreativa Mampituba⁸². Conforme Alves, alguns integrantes da diretoria não queriam deixar os visitantes falarem, alegando serem comunistas. “Correu a onda na cidade que a UNE estava aqui e ia fazer pregação comunista e o salão encheu. Eles tinham articulado o Sindicato dos Mineiros de Criciúma, e o nosso pessoal articulou o pessoal da Liga Católica Jesus, Maria, José⁸³ para vir também”, afirma Rodeval José Alves.

Conforme os jornais da época, que relatam o fato, estavam em Criciúma o vice-presidente da UNE e o encarregado dos Assuntos de Cultura Popular e Cinegrafista, cujos nomes não constam, o secretário da UCES Políbio Braga, e o secretário-geral da União Brasileira dos Estudantes Secundários Tomás Meireles (JORNAL..., 1962, p. 02; e AÇÃO..., 1962, p. 20).

O clima esquentou no salão do Mampituba e Alves teve que controlar a situação. “Eu cortei a palavra porque estava presidindo a sessão e disse ‘se vocês quiserem continuar falando democraticamente, podem falar, mas eu não vou admitir que vocês façam pregação’. Eles não seguiram e terminamos a reunião”⁸⁴. O problema foi a saída. Alves lembra que os jovens ficaram aglomerados na porta do salão e não queriam deixar sair os representantes da UNE. Foi preciso a interferência dele para evitar um conflito.

Segundo Alves, os jovens seguiram até um hotel e deixaram a cidade durante a madrugada. A reação dos estudantes criciuenses ganhou repercussão nacional, principalmente em veículos que já se posicionavam contrários à UNE. Um deles foi o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. Na capa do primeiro caderno, de 12/04/1962, o veículo traz a nota “Estudantes vaiados em Criciúma”. “[...] os líderes da UNE, e da UBES expulsos do recinto, só não sendo linchados por terem escapado num carro a toda velocidade, e debaixo de vaias. Na fuga, grande quantidade de propaganda subversiva foi abandonada no

⁸² Rodeval José Alves. Entrevista a Marli Vitali em 29 de fevereiro de 2012.

⁸³ A Liga Católica é um grupo conservador e que se propunha a levar homens, especialmente os operários, à evangelização. Surgiu na Bélgica em 1844 e chegou ao Brasil em 1902. Disponível em: <http://www.diocesepontagrossa.com.br/index.php?setor=DETALHESASSOCM OV&pid=76>. Acesso em 15 de outubro de 2012.

⁸⁴ Rodeval José Alves. Entrevista citada.

local, sendo destruída pelos presentes”.

O incidente com a UNE consta no Livro Tombo (1962, p. 73) da matriz São José: “Os estudantes e os liguistas vaiaram e expulsaram estudantes comunistas que vieram à cidade e fizeram uma reunião no Clube Mambituba (sic)”. A diretoria da UESC também aproveitou o episódio para espalhar sua posição entre a sociedade cricumense. A “Nota Oficial da Uesc – Aos Estudantes! Ao Povo!” relata a vinda de representantes da UNE à cidade, detalha a reunião e aponta a apresentação de propaganda contra a democracia.

A UESC, - é preciso deixar claro -, quer a solução dos problemas nacionais quer estudantis, quer do povo e da classe operária especialmente, porém, não forma no número daqueles que, envés de quererem a solução dos problemas, debatendo-os, estudando-os e propiciando a solucioná-los, querem apenas e comumente, explorá-los para fins demagógicos ou políticos. A UESC, é independente, respeita a lei e acata os poderes constituídos; e aceita os princípios do cristianismo para soluções sociais⁸⁵.

Em outro trecho do documento está detalhado que os visitantes vieram pregar a “revolução pela união de estudantes, operários e camponeses (colonos)”. A nota afirma ainda que, ao perceber a propaganda contra a democracia, a direção da UESC tratou de repelir os visitantes. No texto, é citada a presença de operários, comerciantes e professores, além dos próprios estudantes.

A repercussão do incidente ganhou proporções nacionais. A tentativa da UESC ao se apresentar como independente serve para confirmar sua ligação com a elite da cidade. No momento em que se opunha publicamente às diretrizes da União Nacional dos Estudantes, demonstrava que era submissa às leis, ao poder constituído e ao cristianismo.

Naspolini Filho, que era o presidente da UESC, estava em São Paulo quando o fato ocorreu. Foi lá, por meio de jornais, que ficou sabendo da confusão em Criciúma. A eleição para a UESC ocorria no

⁸⁵ Documento UESC – Nota oficial da Uesc – Aos Estudantes! Ao Povo!”.
Acervo: Rodeval José Alves.

início do ano, geralmente em março. No segundo semestre ocorria a eleição para a União Catarinense dos Estudantes Secundários (UCES). A confusão com a vinda da UNE e a repercussão nacional contribuíram para que a entidade e seus líderes fossem conhecidos nacionalmente.

Em julho de 1962, Napolini Filho disputou a eleição para a presidência da UCES e venceu. Três chapas buscavam o voto dos 40 delegados que representavam as entidades secundaristas do estado. A eleição ocorreu durante o VII Congresso Estadual da União Catarinense dos Estudantes Secundários, em Brusque. Segundo o jornal Santuário de Aparecida (1962, p. 04)⁸⁶, as três chapas representavam “situação [destaque da autora], denominada Nacionalista, apoiada pela UBES (a União Brasileira dos Estudantes Secundários, com sede no Rio de Janeiro, no prédio da UNE); a da divisão, também apoiada por trás dos bastidores pelos comunistas ex-diretores da UCES (União Catarinense dos Estudantes Secundários) solidários com a UBES, e a oposição denominada Renovação Secundária, democrática”.

A oposição obteve 33 votos; divisão seis e situação nenhum. Napolini Filho lembra da eleição, mas tem divergência na apresentação dos números finais que o levaram à presidência. “Meus adversários foram o Políbio Adolfo Braga e o Aimerê Machado. O Aimerê não teve nenhum voto, o Políbio teve nove e eu tive 36”⁸⁷. Independente da diferença entre o escore final, o certo é que o criciumentense Archimedes Napolini Filho assumiu o comando da UCES em 1962, abrindo a vaga para que o vice-presidente, Rodeval José Alves, passasse a ser o presidente da UESC.

Em setembro de 1962, a entidade estudantil criciumentense volta a combater veementemente o comunismo. Num manifesto distribuído à população, critica abertamente a prática política e defende: [...] a vontade de acabar com o Comunismo em nossa cidade, fazendo com que nosso município volte a gozar, lá fora, o seu conceito de comunidade – cristã e democrática – atraindo novamente o progresso a essa região [...]”⁸⁸.

O “Manifesto contra o Comunismo” levou a assinatura da UESC e também dos mineiros de Criciúma (não especifica um sindicato a que eles pertenciam, mas reforça apenas que são mineiros); Círculo Operário

⁸⁶ Jornal Santuário de Aparecida, 7.10.1962, p. 4. “Vitória dos estudantes democráticos em S. Catarina”.

⁸⁷ Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

⁸⁸ Documento “Manifesto contra o comunismo”. Setembro de 1962. Acervo Rodeval José Alves.

Criciumense; Liga Operária Jesus, Maria, José de Criciúma, Próspera, Rio Maina e Operária; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão do Rio Maina; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Criciúma; Associação Profissional dos Empregados no Comércio e Povo de Criciúma. O panfleto termina da seguinte forma:

Fora Fidel Castro! Fora Kruschev! Fora Mao-Tse-Tung e suas guerrilhas! Fora “Che Guevara” e outros Judas! Somos solidários com as Forças Armadas, que são a Segurança Nacional do nosso regime! Abaixo o Comunismo! Viva a Democracia!

O documento foi entregue à população e traçava o perfil das ideias que a direção da união estudantil cricumense propagava. Na mesma data, no Livro Tombo da matriz São José há a referência de que a Igreja promoveu “uma grande campanha de esclarecimento ao jovem sobre o perigo comunista” (p. 73 – verso). É possível que as ações tenham sido realizadas de maneira organizada, em conjunto, reforçando mais uma vez a ligação estreita que havia entre o movimento estudantil e a Igreja Católica em Criciúma.

4.4 “PODE ME BATER, PODE ME PRENDER, QUE EU NÃO MUDO DE OPINIÃO”

Não havia unanimidade no movimento estudantil cricumense. Não havia nem dentro da UNE, como visto anteriormente. Isso faz parte do jovem. Melucci (2001) pondera que os movimentos sociais operam no interior de sistemas organizados. Em sua volta e no seu interior atuam agentes, problemas e convicções diversas. Há pluralidade nos pensamentos e nas formas de agir. O jovem quer pensar, expor suas ideias, defender aquilo que considera melhor para si e para aqueles que o cercam.

Essa divergência de opiniões fez com que surgissem duas correntes dentro da União dos Estudantes Secundários de Criciúma. Um grupo à direita, ligado aos empresários da cidade e à Igreja, e o outro grupo que seguia as mesmas diretrizes propostas pela União Nacional de Estudantes e, por isso, considerado de esquerda. Mas, mesmo com posicionamentos divergentes, há momentos em que os dois grupos

atuam de forma conjunta, em benefício da entidade.

Em 1961, Luiz Jorge Leal participava ativamente do movimento no Departamento de Imprensa, Radiodifusão e Publicidade, tanto que seu nome surgiu na coluna da entidade em junho de 1961. O estudante Ivo Neis Pereira assinava a coluna e agradecia o empenho de colegas que ajudaram a colocar o programa da UESC no ar.

Um dos momentos em que as divergências ficaram mais claras foi durante a vinda da UNE Volante em março de 1962. Pouco tempo antes, na eleição para a presidência da UESC, Armando Serafim concorreu com Archimedes Napolini Filho. Foi tachado de comunista, perdeu, mas continuou militando.

Nós fundamos em Criciúma a Frente Estudantil Nacionalista que se alojava do lado da esquerda porque a UESC comandada pelo Archimedes se situava à direita favorável à Aliança para o Progresso [...] aquele movimento que era patrocinado pelos americanos que culminaram no golpe contra o João Goulart. E apoiando o movimento legalista do Brizola, nós da frente estudantil, nos colocamos a favor da legalidade. Participamos de um programa na Rádio Difusora de Criciúma, que era da época do Doutel de Andrade, depois ficou pro Vânio Faraco. Nós tínhamos um programa diário, quem comandava a rádio nesse tempo em Criciúma era o Dauro Martinhago, e o próprio Vânio, claro.⁸⁹

Armando Serafim argumenta que havia resistência e o grupo que ele integrava buscou apoio em outro meio de comunicação para tentar apresentar suas ideias. Enquanto a diretoria oficial da UESC tinha espaços semanais no jornal Tribuna Criciumense e em um programa na Rádio Eldorado, os integrantes da Frente Estudantil procuraram a Rádio Difusora, também com sede em Criciúma⁹⁰, conhecida como “Emissora

⁸⁹ Armando Serafim. Entrevista concedida a Marli Vitali em 4 de julho de 2012.

⁹⁰ A Rádio Difusora de Criciúma foi ao ar em 13 de agosto de 1962. Pertencia ao deputado federal e vice-governador Armindo Marcílio Doutel de Andrade e gerenciada pelo agente previdenciário Addo Vânio de Aquino Faraco, ambos do PTB. Vânio era filho do ex-prefeito Addo Caldas Faraco. Já Dauro Martignago era dentista em Criciúma e ligado à esquerda (OLIVEIRA, 2011).

do Trabalhador”. No espaço da Difusora, os jovens que se posicionavam de acordo com as ideias das lideranças nacionais da UNE procuravam divulgar ações nacionalistas, como apoio à Petrobras e à Companhia Siderúrgica Nacional. Serafim atuou na vinda da UNE Volante a Criciúma, em março de 1962.

Na história da UESC há um período em que se buscou uma diferenciação da trajetória conservadora, mais ligada à elite da cidade, até então utilizada. Foi na gestão de Clayton Rogério Duarte Netz, de outubro de 1964 a outubro de 1965. Uma das mudanças implantadas por ele foi a troca de nome do programa de Rádio Eldorado que era transmitido todos os domingos, no período vespertino. De “Coquetel Estudantil” o programa passou a se chamar “Opinião”.

[..] à medida em que foi avançando o negócio de cassações, de arbitrariedade, de prisões, censura, eu comecei a ter um pouco mais de consciência, a ditadura começou a me incomodar. Foi nesse contexto que a gente mudou o nome do programa Coquetel Estudantil, cujo fundo musical era aquela música americana “O Homem do Braço de Ouro”, para Opinião, nome de um espetáculo teatral de oposição que tinha no Rio de Janeiro. A música era mais ou menos assim “pode me bater, pode me prender, que eu não mudo de opinião [...]”.⁹¹

O “Homem do Braço de Ouro” foi um filme exibido em 1955 e tinha como estrela o cantor Frank Sinatra, um homem viciado em jogo e em drogas. Pelas pesquisas encontrou-se uma música instrumental, com características intensas, e que pode ser a que embalava a abertura do programa estudantil.

Netz traz a mudança. Deixa a música do filme americano para apostar em uma letra de um compositor brasileiro, crítica e que fazia pensar. A música “Opinião” é uma composição de Zé Kéti (início da década de 1960). Esse espetáculo que Netz se refere era o que levava o nome da música e foi produzido por Augusto Boal em 1964. Zé Kéti atuava ao lado de Nara Leão e João do Valle interpretando sambas

⁹¹ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista a Marli Vitali em 28 de abril de 2012.

sociais⁹². Entre eles, Opinião, que diz:
Podem me prender, podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião.
Daqui do morro eu não saio não, daqui do morro eu não saio não.
Se não tem água, eu furo um poço
Se não tem carne, eu compro um osso e ponho na sopa
E deixo andar, deixo andar [...]

A troca de nome e de trilha sonora tem relevância para Clayton Netz, tanto que permanecem claras em sua memória quase 50 anos depois. Quando assumiu a gestão da UESC, procurou levar mais que mexericos e notícias informais para os estudantes. Quis fazer com que eles pensassem.

[...] mudei para Opinião, que era o início do processo de conscientização [...]. Porque até ali o movimento estudantil em Criciúma era fortemente influenciado pelos partidos tradicionais. Eu pelo menos não lembro de ninguém mais assim da esquerda, tinha lá em Criciúma tinha o partido comunista. Mas foi muito perseguido em 64. E eu não sei se alguma vez eles chegaram a participar, eles nunca conseguiram eleger ninguém e todos os candidatos eram conservadores [...] na Uesc era o pessoal do PSD, do PSD, o Archimedes era o PSD.⁹³

Para ele, mais do que defender uma bandeira política, a UESC precisava ser uma porta-voz do que estava ocorrendo no país naquele momento (1964-1965). Por isso, o espaço no rádio também era utilizado para repassar notícias nacionais, trazendo relatos de prisões, agressão a estudantes e fatos denunciados por grandes jornais, como o Estado de São Paulo. Sem ligação político-partidária, Netz procurou estimular o debate entre os jovens. Esse foi um momento de maior autonomia da UESC, que durou até a entrada do novo presidente, Eno Steiner, ligado

⁹² Dados de <http://www.culturabrasil.com.br/programas/estudio-f/arquivo-25/ze-keti-2>. Acesso em 30/01/2013.

⁹³ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista citada.

por sua vez à UDN. A relação entre a União Estudantil criciumense e as siglas partidárias é algo presente desde sua criação e será visto de maneira mais detalhada a seguir.

4.5 A POLÍTICA PARTIDÁRIA CORRE NAS ENTRELINHAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL CRICIUMENSE

A história da UESC não pode ser dissociada da política partidária. Embora fossem jovens e ainda não estivessem filiados a partidos políticos – o único que confirma abertamente sua preferência partidária é Eno Steiner, que vinha de uma família udenista do distrito de Forquilha⁹⁴ –, os presidentes tinham suas preferências partidárias. A medida que foi se consolidando como uma entidade representativa da classe estudantil, a UESC começou a ser chamada para discutir assuntos importantes para a cidade.

FIGURA 12: O carvão é nosso (1962)



Fonte: Rodeval José Alves

Nota: O presidente da UESC em 1962, Rodeval José Alves, discursa na campanha liderada pela indústria carbonífera em defesa do carvão.

⁹⁴ A cidade de Forquilha, localizada ao Sul de Criciúma, conseguiu sua emancipação em 26 de abril de 1989. Colonizada por famílias alemãs que se fixaram na região, foi berço de muitos nomes da política local, como Arlindo Junkes, eleito vereador e que chegou a ocupar a prefeitura de Criciúma após a renúncia de Nery Jesuíno da Rosa.

A campanha “O carvão é nosso” contou com o apoio dos estudantes secundaristas criciumenses. O objetivo era fortalecer a indústria carbonífera, valorizando o minério. A lembrança da campanha desencadeada pela UNE no final da década de 1950, “o petróleo é nosso”, vem à mente quando se observa a mobilização da sociedade criciumense em prol do carvão.

Naspolini Filho (2011) lembra que a entidade participava dos assuntos relevantes. “As autoridades do município eram o prefeito, o vigário, o delegado de polícia, presidente do Lions, presidente do Rotary, presidente da UESC. Só depois vinha o presidente da Câmara”⁹⁵. As discussões envolviam temas que não estavam apenas relacionados com a educação, mas interesses gerais, que tratavam do desenvolvimento econômico e social de Criciúma.

Desde a primeira diretoria da união estudantil a interferência partidária se fez presente. Em alguns momentos mais discreta, em outros nem tanto. Um dos nomes principais do PSD de Criciúma era o padre Estanislau Cizeski, já citado anteriormente e que estava ligado aos diretores da UESC. Após a posse dos primeiros diretores, a UESC passou a atender os estudantes na sala do edifício São Joaquim, que pertencia à Igreja Católica. Segundo Rodeval José Alves, não se pagava aluguel, nem no período em que a entidade praticamente ocupou quase todo um andar do edifício São Joaquim⁹⁶.

A interferência política era observada com mais intensidade, e de maneira aparente, nos períodos eleitorais. A campanha ganhava as ruas centrais de Criciúma, já que a votação era feita diretamente pelos estudantes matriculados nos cursos secundários. Naspolini Filho afirma que na sua eleição o contingente de estudantes era grande, embora não saiba precisar quantos votaram. “Tínhamos o Michel, o colégio São Bento, o Lapagesse, o Joaquim Ramos, era um contingente grande”⁹⁷.

Na segunda eleição, a de Olímpio Vargas, houve disputa entre estudantes, mas, em princípio, sem a interferência política. Na eleição disputada por Archimedes Naspolini Filho e Rodeval Alves, em 1962, a luta pelo cargo de presidente não veio fácil, mas desta vez os partidos interferiram diretamente. Armando Serafim e Joaquim de Bem estavam no grupo contrário. A chapa de situação, a de Naspolini Filho, contava com o apoio do PSD. Ele lembra que encontrou o juiz do Trabalho Carlos Augusto Guimarães na praça central da cidade. “Ele me chamou

⁹⁵ Archimedes Naspolini Filho. Entrevista citada.

⁹⁶ Rodeval José Alves. Entrevista citada.

⁹⁷ Archimedes Naspolini Filho. Entrevista citada.

e disse assim: ‘você que é o Napolini?’ eu disse: ‘sou eu mesmo’. ‘Meu filho vai votar em você em homenagem ao PSD’. Não foi nem mérito meu, foi do PSD, imagina só. Meu adversário era o Armando Serafim, do PTB. Nós dizíamos que era dos comunistas, porque isso nos interessava, mas não tinha nada de comunista”⁹⁸.

Ele ainda não era comunista, mas depois foi. Armando Serafim participava do movimento estudantil na Escola Técnica do Comércio, onde ajudou a fundar o Grêmio Estudantil Castro Alves (GECA), em 1961. A entrada na disputa pela presidência da UESC se deu por acaso. “É porque já aflorava então a política no meio. Não política partidária, mas entre o pessoal de esquerda e direita. Eu era socialista e o Archimedes era representante da direita, do lado empresarial de Criciúma”⁹⁹.

Na disputa de 1962 pela diretoria da entidade estava em curso uma disputa entre PSD e PTB, embora nenhum dos candidatos fosse filiado a qualquer sigla¹⁰⁰. Entre os nomes pessedistas da cidade estavam o prefeito Addo Caldas Faraco, Paulo Preis, Nelson Alexandrino, vereador e depois prefeito, o juiz do Trabalho Carlos Augusto Guimarães, e mineradores como José Contin Portela e Fidélis Barato, além do padre Estanislau. Napolini Filho atribui à influência do PSD a vitória em sua eleição. Pelo lado do PTB, um dos principais líderes era Addo Vânio de Aquino Faraco (TRICHES, 1994). Para Armando, as forças contrárias eram mais fortes. “O Archimedes era o candidato do padre”¹⁰¹.

A direita queria arregimentar jovens para a luta, nem que fosse armada. Logo após a vitória para a presidência da UESC, Napolini Filho viajou para São Paulo. “Fui fazer um curso de guerrilha, mas guerrilha do lado da direita, eu fui aluno do Golbery do Couto e Silva. Estavam comigo o Lucio Nuernberg, o Mário Beloli e o Julio Wesller. Eles participaram comigo, numa chácara no interior de Jacaref”¹⁰². Os amigos citados por Napolini Filho participaram do movimento estudantil criculumense. Nuernberg chegou à presidência em 1963 e Julio Wesller integrou a diretoria.

O depoimento de Napolini Filho reforça observações feitas por dois dos entrevistados, Armando Serafim e Luiz Jorge Leal, que relatam

⁹⁸ Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

⁹⁹ Armando Serafim. Entrevista citada.

¹⁰⁰ Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

¹⁰¹ Armando Serafim. Entrevista citada.

¹⁰² Archimedes Napolini Filho. Entrevista citada.

a interferência e o repasse de verbas do programa Aliança para o Progresso¹⁰³, criado pelos Estados Unidos e que foi implantado em Santa Catarina.

[...] mas o grande objetivo da Aliança para o Progresso sempre foi o de montar e estruturar lideranças políticas e comunitárias [...] o que eles pudessem influenciar diretamente, sempre trabalhando duro para os Estados Unidos, porque na época a Guerra Fria estava presente. Junto com a Aliança para o Progresso tinha o chamado 'Ponto IV'. Era o órgão que financiava todas as ações contra aquilo que não fosse interessante para os EUA. [...] Já vinha dinheiro naquele tempo, em 60.¹⁰⁴

A interferência externa também vinha das ligações que os líderes do movimento tinham com o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD)¹⁰⁵. “A UESC era de direita [...]. O IBAD inclusive patrocinava, mandava verbas”. É assim que Armando Serafim avaliava a postura de ex-colegas como Napolini Filho, Julio Wesler e Lucio Nuernberg¹⁰⁶.

A entidade foi comandada por conservadores, que eram influenciados pelo PSD e pela UDN¹⁰⁷. Após o golpe militar, em 1964, o presidente da UESC Archimedes Napolini Filho, que estava em seu segundo mandato, emitiu um documento criticando o golpe e o

¹⁰³ A Aliança para o progresso foi um programa criado pelos Estados Unidos e que atuou de 1961 a 1970 com objetivo de promover o desenvolvimento da América Latina. Os EUA destinariam 20 bilhões de dólares para os países. Entre as ações consta até a distribuição de leite em pó. Os americanos queriam combater os focos comunistas nos países. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alian%C3%A7a_para_o_Progresso. Acesso em 30/01/2013.

¹⁰⁴ Luiz Jorge Leal. Entrevista citada.

¹⁰⁵ O IBAD foi criado em 1959 e recebia doações de empresários brasileiros e norte-americanos. O objetivo era combater o comunismo no Brasil e influir nos rumos do debate econômico, político e social do país. Foi dissolvido em dezembro de 1963 após irregularidades apontadas em CPI. Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_Brasileiro_de_Acao_Democratica. Acesso em: 30/01/2013.

¹⁰⁶ Armando Serafim. Entrevista citada.

¹⁰⁷ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista citada.

fechamento de entidades estudantis. O panfleto está na lembrança de Clayton Netz:

Quando deu o golpe, o Archimedes soltou um manifesto, em que ao mesmo tempo criticava o golpe e o “governicho que passou”. Nunca me esqueci dessa expressão. Ou seja, ele conseguia ao mesmo tempo criticar o golpe militar e o governo democraticamente eleito deposto, ficou em cima do muro como um bom cara do PSD¹⁰⁸.

O jornal *Tribuna Criciumense* (11 a 17/07/1964, p. 5) traz a reportagem em que Napolini Filho reafirma a contrariedade da direção da UESC com a determinação do regime militar que pretendia fechar as entidades estudantis em todo o Brasil. A diretoria aprovou o envio de um ofício de protesto ao presidente da República, com cópia ao ministro da Educação e Cultura. “Nós, que representamos os estudantes desta terra, dizemos NÃO a este possível decreto e afirmamos que se aprovado, representará à Juventude Brasileira, o principal entrave de seu futuro. Não somos apenas ‘livro’, somos também ‘cidadãos’”¹⁰⁹.

O decreto a que Napolini Filho se refere não consta da pesquisa história sobre a UNE. O que se sabe é que em novembro de 1964 foi implantada a Lei Suplicy de Lacerda, que mudou a nomenclatura e a forma de atuação das entidades estudantis brasileiras.

A pressão por estar numa entidade estudantil talvez tenha sido decisiva para que Napolini Filho mudasse a data da eleição. Geralmente realizada em março, a escolha da nova diretoria da UESC ocorreu em outubro de 1964, sete meses após a posse. Sem grandes alardes ou discussões, foi marcada a nova eleição e que simbolizou também o início de uma nova fase no movimento estudantil cricumense. O ano de maior independência, pelo que se pode observar, foi na gestão de Clayton Rogério Duarte Netz. Mas, segundo ele, não era um movimento político, “mas reivindicatório”. Cobrava melhoria no ensino, mais escolas. “Nunca teve um ato abertamente contra a ditadura organizado pela UESC”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista citada.

¹⁰⁹ Archimedes Napolini Filho, em declaração ao jornal *A Tribuna* (11 a 17/07/1964, p. 5).

¹¹⁰ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista citada.

Na eleição de 1965 uma nova sigla partidária foi inserida dentro da união estudantil com a posse de Eno Steiner. Natural de Forquilha, então distrito de Criciúma¹¹¹, Steiner vinha de uma família udenista, embora não fosse filiado. E isso pesou a seu favor. Empresários do setor de mineração como Diomício Freitas, Sebastião Neto Campos e o engenheiro e deputado estadual Ruy Hülse¹¹² o apoiavam, todos ligados à indústria carbonífera¹¹³. Já o adversário, Otto Farias, vinha com reforço do PSD.

De acordo com Eno Steiner, “era propaganda pesada. Pintura em poste e tudo mais. Nico Guglielmi, Aldo Faraco, Fidelis Barato, os Guidi, eles apoiavam meu adversário e tinha também a Rádio Difusora”¹¹⁴. Se por um lado Farias contava com apoio dos líderes da Rádio Difusora, Steiner tinha nas mãos o suporte da Rádio Eldorado, de propriedade de Diomício Freitas.

O apoio do deputado Hülse aos jovens eleitos foi retribuído. Eno Steiner participou ativamente da eleição municipal em Criciúma, em 1965, quando Ruy Hülse foi eleito prefeito. Eno Steiner lembra que os estudantes se engajaram na campanha. “Porque a nossa visão já era de mudança na época. Criciúma já vinha sendo administrada pelo PSD, apoiado pelo PTB”¹¹⁵. Informação negada por Clayton Netz. “Creio que não houve um apoio da entidade. Acho que foi um apoio de determinadas pessoas, como o próprio Eno”¹¹⁶.

Direta ou de maneira mais discreta, é possível observar que a política partidária caminhou de maneira paralela ao movimento estudantil. Empresários e lideranças religiosas da cidade compreenderam que ter uma boa relação com os jovens estudantes de Criciúma era relevante, por isso o apoio em vários momentos da história da UESC. Apoio que se tornou recíproco também na defesa de bandeiras que, diretamente, não tinham nada a ver com o estudante, como o melhor preço para o carvão, mas que estava intimamente ligada

¹¹¹ A cidade de Forquilha, localizada ao Sul de Criciúma, conseguiu sua emancipação em 26 de abril de 1989. Colonizada por famílias alemãs que se fixaram na região, foi berço de muitos nomes da política local, como Arlindo Junkes, eleito vereador e que chegou a ocupar a prefeitura de Criciúma após a renúncia de Nery Jesuíno da Rosa.

¹¹² Ruy Hülse era filho do vice-governador Heriberto Hulse.

¹¹³ Eno Steiner. Entrevista cedida a Marli Vitali em 15 de janeiro de 2012.

¹¹⁴ Eno Steiner. Entrevista citada.

¹¹⁵ Eno Steiner. Entrevista citada.

¹¹⁶ Clayton Rogério Duarte Netz. Entrevista citada.

com quem detinha o poder econômico na cidade.

A UESC foi, pelos anos em que esteve atuando, um mecanismo de fortalecimento da forma de administração política e econômica implantada em Criciúma. Ao mesmo tempo em que pregava autonomia, se desenvolviam ações que beneficiavam o estudante, mas que estavam intimamente ligadas aos principais líderes empresariais e religiosos. Mas, como já visto, isso não foi unanimidade. Dentro do movimento estudantil surgiram vozes que questionaram padrões, romperam com vários dos líderes externos e procuraram difundir ideias amplas, estimulando o debate político. São quatro vozes que destoaram do que o movimento estudantil cricumense pregava. Havia outras, mas, neste momento, a proposta é detalhar o que pensavam, como agiram e o que fizeram quatro jovens que integraram a UESC. Alguns de maneira mais sutil, outros engajados diretamente. Sua luta nas discussões estudantis não se resumiu apenas ao debate, mas a participação efetiva em outros movimentos, o que, para três deles, acabou se transformando em prisão durante o regime militar.

5 MEMÓRIAS DAQUELES QUE LUTAVAM POR UMA UESC DIFERENTE

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2003, p. 469)”. Que memória é essa que se procura detalhar um pouco mais no presente capítulo? São traços, detalhes, lembranças que recuperam um pouco do que representou o movimento estudantil criciumense.

A intenção é trazer elementos, não conclusivos, mas que mostrem que no período em que a União dos Estudantes Secundários de Criciúma esteve atuante, havia divergência de opiniões. Enquanto a direção formal da UESC se uniu aos líderes empresariais, políticos e religiosos que comandavam a cidade, havia lideranças estudantis que defendiam as mesmas propostas que a UNE.

Ao trazer um pouco das memórias dos ex-estudantes, se busca o suporte teórico de Halbwachs (2006), que reforça que a memória individual não é fechada, nem está isolada. Ela está associada a fatos que não foram presenciados, mas acompanhados pela memória de outros. “Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou de leituras” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Não é possível dissociar o individual do coletivo. Cada um pertence a seu grupo, ou grupos, e é neles que vai formando suas relações e contatos. Para Le Goff (2003, p. 470), “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”.

No relato individual estão detalhados pontos considerados significativos e que surgem sempre que são evocados por determinados assuntos. Ao buscar os acontecimentos passados e trazê-los para a narrativa, cada entrevistado procura por aquilo que considera relevante.

Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Não obstante, conforme participa de uma ou de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Tudo dependerá do momento em que o relato ocorre e das circunstâncias que o envolvem. Ao fazer essa análise de suas memórias, cada pessoa reconstrói o que lhe convém e se posiciona dentro do grupo que estava inserida. Para Thompson (1998, p. 204), “a lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes”. Em cada narrativa estão os fatos e impressões pessoais, selecionados pelo indivíduo.

[...] como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são recontadas carregam diferenças significativas (MEIHY, 2005, p. 56).

É importante que se observe que nem tudo que é dito pode significar. Silêncios, expressões, detalhes que surgem na entrevista oral podem significar algo a mais. Em vários momentos, Halbwachs (2006) insinua que não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de negociação serve para conciliar as memórias individual e coletiva. Uma se baseia na outra para se consolidar e fortalecer. É preciso que ocorram pontos de contato entre as duas.

Para Halbwachs (2006), o indivíduo recorre a testemunhos para que possa reforçar ou enfraquecer alguma de suas memórias. Para Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”. Parte do que se vivenciou, discutiu e defendeu surge nas memórias dos ex-líderes que não foram vitoriosos nas eleições da UESC. Suas lembranças reforçam aspectos que cada indivíduo considera relevantes.

5.1 CANDIDATO DERROTADO QUE DEFENDIA A UNE

Trazer referências do passado, segundo Bosi (1994), muitas vezes não significa reviver, mas refazer, repensar com ideias de hoje aquilo que se vivenciou. Hoje advogado, Armando Serafim refaz suas memórias ao recordar como iniciou no movimento estudantil cricumense e como isso teve, agora sob sua análise, significância no restante da vida.

Natural de Jaguaruna, cidade a cerca de 50 quilômetros ao norte de Criciúma, ele veio em busca de estudo. Veio cursar a Escola Técnica do Comércio em 1960. Aos poucos ingressou no movimento estudantil. “Nós fundamos na Escola Técnica o Grêmio Estudantil Castro Alves - GECA, do qual eu fui o primeiro presidente e foi nesse ano, 61”.

Serafim se define, à época, como um socialista. A participação no GECA foi mais além do que os simples debates estudantis. Armando Serafim pondera um dos temas que movimentou os estudantes na época, a criação de uma faculdade:

Eu lembro que através do Grêmio Estudantil foi feito o lançamento de um movimento apoiado pela maçonaria, que não teve sucesso imediato, mas que culminou com um dos iniciadores desse movimento, que inclusive veio a ser da maçonaria, ele era um pupilo do doutor Benedito Narciso da Rocha que era maçom, Rodeval José Alves. Partiu deles a fundação da Fucri, a Fundação Universitária de Criciúma.

Esse era o embrião da discussão política que, embora Serafim garanta que ainda não era partidária, o influenciou na sequência da sua vida. Ele pondera que as discussões, o envolvimento o empurraram para a política de esquerda e para criar, em Criciúma, a Frente Estudantil Nacionalista, “um movimento estudantil que se alojava do lado da esquerda, seguindo a corrente da época”. Essa corrente que ele destaca é a mesma também defendida pela direção da União Nacional dos Estudantes (UNE), que no início da década de 1960 se posicionava à esquerda. E Serafim argumenta por que foi criada essa frente:

[...] porque a Uesc, comandada pelo Archimedes Napolini, se situava à direita, favorável à Aliança para o Progresso, aquele movimento que era patrocinado pelos americanos, com eventos que culminaram no golpe contra o Jango Goulart. Em 61, a Frente Estudantil Nacionalista já participou da resistência por parte da Legalidade, apoiando o movimento legalista do Leonel Brizola. Nós da frente estudantil, nos colocando a favor da legalidade. Tínhamos, na época, um programa na Rádio Difusora de Criciúma, que foi

fundada por Doutel de Andrade e Vânio Faraco, pai da deputada Adda [Adda Lili Faraco De Luca, atual secretária de Estado da Justiça e Cidadania]. Era um programa diário, na rádio, através do qual divulgávamos nossas ideias socialistas. A rádio apoiava nosso programa, e era ela dirigida pelo Vânio Faraco, que era deputado, e o Dauro Martignago, dentista que trabalhava no antigo Iaptec, hoje INSS.

Na disputa pelo comando da UESC, no início de 1962, Armando Serafim concorreu contra o candidato da situação Archimedes Napolini Filho. Com a marca de “comunista” que lhe foi imposta, Serafim perdeu. Foi por seu intermédio e de outros jovens que a equipe da UNE-Volante veio a Criciúma em março de 1962. Serafim lembra que houve discussão, mas nada que pudesse fazer com ele mudasse sua postura. Tanto que ainda está viva em sua memória uma das músicas de protesto que era cantada:

“O Brasil é uma terra de amores, alcatifada de flores, onde a brisa fala amores nas lindas tardes de abril. Correi pras bandas do sul, debaixo de um céu de anil, encontrareis um gigante, deitado, Santa Cruz, hoje Brasil”¹¹⁷. Predizia que o Brasil um dia se libertaria. Eles consideravam isso altamente subversivo. Nós tínhamos também uma ciranda catarinense, que era uma paródia: “Ciranda, cirandinha vamos nos politizar. Essa é a vida brasileira que vamos apresentar. Proletários, proletários, como vão se arranjar”, e assim por diante. Esse era o CPC [Centro Popular de Cultura] da UNE. E a UNE, através de nós aqui, tinha o braço catarinense, e Criciúma era o mais forte. Florianópolis tinha movimento, mas Criciúma era o mais forte.

A participação nos movimentos de esquerda, a proximidade com os líderes da UNE e o contato com pessoas consideradas subversivas em

¹¹⁷ A música Canção do subdesenvolvido é de Carlos Lyra e Francisco de Assis e foi composta em 1962.

Criciúma trouxeram problemas a Armando Serafim. Logo após o golpe militar, em março de 1964, ele foi preso. Serafim estava no Rio de Janeiro quando ocorreu o golpe. Chegou a Criciúma no dia 2 de abril e foi preso assim que chegou na Praça Nereu Ramos.

[...] quando cheguei na praça me apontaram “ó, é aquele lá, pode levar”. Fui levado por um pelotão de mais ou menos uns 24 soldados fortemente armados, inclusive com metralhadoras, escoltado. Só eu. Eu e mais 24 soldados de metralhadora em punho. Porque era procurado e considerado muito perigoso. Quando cheguei na cadeia pública de Criciúma, onde hoje é o Detran¹¹⁸, muitos companheiros já lá estavam trancafiados.

Serafim ficou preso por três meses. Passou por Tubarão, Florianópolis e Curitiba. Estudava Direito na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A parada forçada fez com que perdesse o curso e só retomasse o Direito dez anos depois, na Unisinós, em São Leopoldo (RS).

O advogado, que era solteiro na época da prisão, lembra de um episódio ainda quando estava detido no antigo prédio da Comissão do Plano do Carvão Nacional (CPCAN), hoje Fundação Cultural de Criciúma, para onde foram levados muitos presos políticos. Sua namorada e a de Manoel Dias, hoje presidente do PDT catarinense e secretário nacional do partido, lideravam um grupo de mulheres dos presos que gritavam em frente ao prédio. O ato incomodou o coronel Newton Machado, comandante do Exército que os mantinha presos, que o chamou e exigiu que controlasse as mulheres.

Então o coronel mandou me buscar para que fosse em sua sala, mas não se contendo veio me encontrar no corredor da frente, e aos gritos me mandava recomendar às mulheres que parassem com os protestos, porque do contrário prendê-las-ia a todas. Sem pensar, no momento, ignorando a escolta que me conduzia

¹¹⁸ O Departamento de Trânsito, Detran, funciona junto ao prédio da Delegacia Regional de Polícia, na rua João Pessoa, Centro de Criciúma.

fortemente armada inclusive com metralhadoras, não pensei duas vezes e também em altos brados gritei: “Coronel, por que o senhor não vai prender sua mulher e suas filhas?”. Não fui fuzilado na hora, é bem verdade, mas não voltei ao pavilhão dos presos. Fui levado a uma solitária, em um depósito de jornais velhos, piso de terra e lá permaneci durante cerca de 15 dias, sem ver a luz do sol, até que fomos levados a Curitiba, à disposição da feroz DOPS¹¹⁹ paranaense.

O período vivenciado, os colegas de movimento estudantil, a prisão e o resultado prático de tudo estão presentes nas memórias de Armando Serafim. Conforme Meihy (2005, p. 114), aquilo que evocado surge com força. Esse é um período que pode ser considerado “um tempo encantado, repleto de aspectos heróicos e cheio de força explicativa das futuras mudanças”. A experiência de vida, os conflitos e as ideias defendidas por Serafim o acompanharam em outros momentos de sua trajetória.

Eu fui um dos fundadores do PDT em Santa Catarina, junto com o Manoel Dias e o Doutel de Andrade e nunca mudei de partido, assim como eles, porque era o ideologicamente mais ajustado à realidade nacional, sob a liderança de Leonel Brizola.

Como ele, outros colegas também vivenciaram o movimento estudantil criciunense de maneira singular. O que começou de maneira tímida em Criciúma se tornou uma fagulha mais forte nos anos seguintes.

5.2 DE PRESIDENTE DA UESC A EXILADO POLÍTICO

A primeira vez que Clayton Rogério Duarte Netz ouviu falar que um golpe militar estava ocorrendo no Brasil foi em sala de aula, na

¹¹⁹ Departamento de Ordem e Polícia Social, órgão do Governo Federal criado em 1924.

Escola Técnica do Comércio. “O professor Belarmino, que chegou a ser o diretor da escola, no meio da aula ele comentou: ‘parece que as tropas de Minas Gerais se rebelaram, estão marchando contra o Rio’”.

A partir de 1º, 2 de abril já começou a ver a movimentação de tropas do Exército em Criciúma. Tudo aquilo era muito novo para o jovem estudante de 17 anos que havia chegado há poucos meses na cidade. A vinda para território criciumense desse catarinense de nascimento e gaúcho por adoção se deu porque o pai, Wilmor, comissário de polícia, fora transferido.

Foi na Escola Técnica do Comércio que Clayton conheceu os amigos que o levariam para o movimento estudantil. Já nos primeiros meses começou a participar da gestão de Archimedes Napolini Filho. A desenvoltura na comunicação o levou a apresentar junto com Carlos José Amante o programa da UESC na rádio Eldorado. Era nas tardes de domingo e mobilizava a juventude.

O bom relacionamento com os jovens levou Clayton à presidência da UESC ainda em 1964. Ele foi eleito após o mandato curto de Archimedes Napolini Filho, em outubro de 1964. Clayton representava a chapa de situação, mas pequenos detalhes mostram que seu mandato tentou quebrar paradigmas. Um dos primeiros foi o rompimento com o padre Estanislau Cizeski.

[...] a interferência da Igreja Católica tinha até a época do Archimedes. Na minha não tinha, nem na do Eno (Eno Steiner, próximo presidente). Por dois motivos, minha família era católica, mas eu não tinha essa vinculação. Ele era um crápula (padre Estanislau). O cara estava metido em um monte de coisa.

Outro ponto foi a troca de nome do programa que a UESC tinha na Eldorado. De Coquetel Estudantil surgiu Opinião. Quadros como os mexericos, que envolviam as notícias dos jovens criciumenses, foram mantidos. Mas as alterações não ficaram apenas no nome, “eu pelo menos comecei até ter um pouco mais de consciência, estava errado não sei o que”. A inquietação de Clayton vinha de tudo que ele lia e ouvia na grande imprensa nacional. Prisões, cassações de mandatos políticos, arbitrariedade e a própria intenção do regime militar de fechar as organizações estudantis.

Ao escolher o nome “Opinião” para o principal meio de comunicação com o jovem estudante, o presidente da UESC queria

instigar a discussão. A música tema, “Opinião”, era inspirada em uma peça teatral homônima estrelada no Rio de Janeiro.

Não tinha muita música no programa, se eu estou enganado, mas as notícias pegávamos do Estadão. E dava muita coisa de crítica, “olha os sindicatos fizeram isso, prenderam todos os estudantes e tal”. Mas isso sem vinculação partidária.

Por mais que os questionamentos feitos pelo ex-presidente possam soar como amenos, ele acredita que isso pode ter contribuído para o fechamento da UESC. Após a conclusão de seu mandato, em outubro de 1965, Clayton passou o comando para o amigo Eno Steiner, mas continuou auxiliando a entidade. Poucos meses depois, sem saber precisar a data, veio a determinação para fechar a União Estudantil.

[...] o Eno foi a Florianópolis e recebeu uma ordem para fechar. Que estava incomodando um pouco. Eu acho que pesou (a mudança do foco do programa), porque não teria motivo para os caras fecharem se fosse um troço bonitinho, só cordeirinho...

Após o fechamento da UESC, Clayton permaneceu em Criciúma, passou no concurso da prefeitura e foi trabalhar na fiscalização da Fazenda Municipal na gestão de Ruy Hülse. Ele conciliava o trabalho no município com outra atividade, como repórter no jornal *Tribuna Criciumense*. O irmão de Eno, Gundo Steiner, era o redator, e o jornal já pertencia ao Sindicato dos Mineradores de Criciúma¹²⁰. Foi nesse período que Clayton conheceu Luiz Jorge Leal, o amigo Zinho, e começou a compreender sobre política, repressão e manipulação.

No final de 1968, Clayton passou para o vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, onde foi estudar Economia. A participação no Centro Acadêmico logo o levou para a militância de esquerda. Ele fez parte do Partido Operário

¹²⁰ O *Jornal Tribuna Criciumense* foi fundado em 1955 pelo advogado José Pimentel. Foi adquirido em 1960 por Jacob Victor Cruz e Dauro Martignago e vendido, em 1965, ao Sindicato dos Mineradores de Criciúma, presidido pelo empresário Sebastião Netto Campos (CAMPOS, 2001).

Comunista e precisou deixar Porto Alegre no início de março de 1971 porque os militares começaram a fazer prisões. De São Paulo fugiu para o Chile, onde permaneceu até novembro de 1973, quando o presidente Salvador Allende foi derrubado por um golpe militar.

[...] fiquei lá no estádio Nacional preso um mês. Depois me expulsaram e fui para a Suíça. Voltei no início de 74 para a Argentina. Na Argentina fiquei esperando um tempo, uns meses para entrar no Brasil, em julho de 74, eu voltei. Mas voltei clandestino, porque eu tinha um processo contra o meu grupo.

Aos poucos Clayton recomeçou a vida em São Paulo. A aposta pela nova cidade é que quase ninguém o conhecia e isso facilitaria para passar despercebido. Ele começou o curso de Administração Pública na Fundação Getúlio Vargas (FGV), mas não concluiu. Por quase 25 anos trabalhou na redação da revista Exame, ocupando diferentes cargos. Atualmente é editor na revista IstoÉ Dinheiro. Clayton tem uma visão particular da Criciúma que experimentou, e, apesar de ter morado em outras cidades, é aqui que tem sua referência.

É, eu acho que o importante foi a evolução. Eu venho de uma família que é fortemente influenciada pelo Plínio Salgado. [...] Então você sai da posição conservadora para outra. Eu acho assim, não é só movimento estudantil, porque acho muito a cidade Criciúma também, é uma cidade que sempre teve uma participação forte do sindicato, foi reprimido, mas sempre, sempre foi de resistência. Tinha políticos, tipo o Walmor (Walmor De Luca), o Lírio Rosso, o Murilo Canto, com quem eu conversava. Criciúma era uma cidade propícia, não era uma cidade conservadora. Era uma cidade que tinha uma sensibilidade para essas pessoas políticas, a gente vai vendo, vai acompanhando pelos jornais na época, depois ficava sabendo o que estava acontecendo fora, tinha um movimento estudantil fora forte, já não tinha mais a Uesc, [...] ajudou muito nessa preparação para desenvolver até um espírito de associação, de

you ver que não faz as coisas sozinho. A influência maior de convices políticas foi em Porto Alegre, na Universidade, era um período mais radicalizado e tudo então aí sim, era decisivo mesmo. Mas, sem dvida, a passagem aí teve um papel sim.

Mudanças na vida, crescimento pessoal, aprender a dar valores a novos significados. Questões que Clayton Netz aprendeu também com o movimento estudantil. Valores que ele instigou também em outros colegas, como a jovem da classe média que deixou de lado os bailes elegantes para jogar ovos nos militares que ocupavam Criciúma.

5.3 UMA VOZ FEMININA SILENCIADA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Nascida em família de classe média alta de Criciúma, Ana Maria Bristot foi criada para ter o mesmo destino de muitas amigas: estudar, casar, constituir família, talvez trabalhar, cuidar de filhos e da casa. Algo comum na Criciúma de 1960. O primeiro desejo era cursar Medicina, sonho que foi sepultado diante das negativas e dificuldades impostas a ela. Encontros ao longo da juventude a fizeram mudar o rumo das coisas.

Ana Maria estudou o curso primário no Lapagesse [escola pública], depois foi para o Colégio Madre Tereza Michel [escola particular], onde fez o curso Normal. Foi nesse espaço que conheceu os jovens líderes do movimento estudantil criciumense. Ainda no Lapagesse chegou a ser presidenta do Grêmio Estudantil. Ali conheceu Archimedes Napolini Filho, Eno Steiner e outros participantes da UESC. Ana Maria sabia que havia dois grupos dentro da União Estudantil, um direitista e outro à esquerda. E ela fez uma opo sobre qual seguiria:

Eu era bem jovem. Com 16 anos eu fui rainha dos estudantes. Sobre isso e sobre a questão do título de rainha dos estudantes, preciso esclarecer que, além de nós formarmos um grupo de idealistas meio da esquerda, da renovao, da liberdade, não queríamos somente dar essa impressão. Queríamos

mostrar a preocupação com a disseminação da cultura em todos os níveis. Esse pessoal, o Clayton, o Eno, o Archimedes, outros resolveram fazer a escolha da Mais Bela e Culta Estudante de Criciúma. As candidatas faziam a inscrição. Fiquei receosa de me inscrever, sendo que eu fazia parte de UESC – União dos Estudantes de Criciúma.

Em 1963, Ana Maria foi escolhida a mais bela e culta estudante. Embora cite Clayton Netz como uma de suas referências, ele chegou à cidade um ano depois, em 1964, mas a empatia entre os dois foi rápida. Tanto, que no mandato dele, a partir de outubro de 1964, Ana Maria participou ativamente como vice-presidente e uma das pessoas mais próximas a Netz. Aos poucos, a menina da elite criciumense foi sendo inserida no mundo dos debates políticos e da ideologia de esquerda. Ela lembra que um pequeno grupo de jovens se reunia em uma casa na rua Cel. Pedro Benedet, no centro da cidade, para ouvir discursos de esquerda.

[...] nós nos reuníamos nessa casa, geralmente sábado à tarde, domingo à tarde, nos feriados, para ouvir os discursos do Leonel Brizola e, inclusive, do Fidel Castro, que era muito, muito complicado escutar e entender. [...] E eu lembro também que certa vez recebemos de Cuba propaganda comunista. Recebíamos panfletos e levávamos para casa. Eu colava na parede do meu quarto.

Ana Maria não sabe precisar com detalhes as datas, mas confirma que isso foi antes do golpe militar de 1964. Os jovens sabiam que havia uma movimentação estranha. “Nós sabíamos que havia movimento intenso entre os militares. Claro, eles sabiam que havia esse grupo atuando em Criciúma”. Da mesma forma que os jovens conheciam os militares, os que mandavam nas forças policiais da cidade também sabiam que os jovens se reuniam e faziam panfletagem política.

A discussão sobre temas polêmicos ocorria também na troca de correspondência entre o grupo criciumense e outros jovens. Ana Maria

lembra de um caso específico, o recebimento de poemas escritos pelo gaúcho Luiz Coronel¹²¹.

O Luiz Coronel era um cara muito radical. Daqueles da marca maior. E ele escrevia poemas. E nesses poemas ele citava o quanto o Brasil estava amarrado com as multinacionais. Os poemas eram extremamente inteligentes e iam no cerne das questões abordadas. Eu fiquei extasiada quando os lia. Tenho isso muito bem guardado, tão bem que não consegui achar. Ele escrevia os poemas do próprio punho, usava caneta vermelha e encaminhava pra gente. Ele escrevia mais ou menos assim: “Brasil do Bombril, Brasil das prostitutas, Brasil da fome”, e por aí afora.

A militância, os questionamentos fizeram com que as discussões se tornassem gestos concretos de rebeldia. Após a deflagração do golpe, Ana Maria partiu para a ação, a seu modo, mas agiu.

Sim, eu permaneci do lado mais radical. Quando os militares entraram em Criciúma, eu fiquei em cima do prédio da Rádio Difusora, que estava instalada ao lado da Igreja Matriz de São José. Ali tem até hoje a Galeria Benjamin Bristot. No primeiro andar funcionava a Rádio Difusora. Quando eclodiu a revolução, que veio de Florianópolis, depois Tubarão, depois Criciúma, eu via os “milicos” saltando dos trens. Nós fizemos uma espécie de barricada lá na Rádio Difusora. Cada um levou um monte de ovos e jogávamos nos “milicos”.

O protesto alertou a mãe da jovem, Matilde, e foi ela que fez Ana Maria mudar. O material panfletário, jornais, folders que pregavam algo diferente do que defendiam os militares foi tudo jogado fora, colocado

¹²¹ A referência que se tem de Luiz Coronel é de um dos grandes nomes da literatura e também da publicidade do Rio Grande do Sul. A autora tentou contato via e-mail para confirmar se o Luiz Coronel das memórias é o mesmo, mas não conseguiu essa confirmação antes da impressão final do estudo.

em um poço que havia nos fundos de sua casa. Ela sabia que seu posicionamento político não era partilhado pelos demais membros da família.

[...] criaram o MDB e a ARENA, adivinha onde minha família foi? Pra ARENA. Lembro de uma campanha que o governo brasileiro fez para arrecadar fundos e pagar a dívida externa. Era a campanha Ouro para o Brasil. Tínhamos que contribuir com anelzinho, pulseirinha, brinquinho. Minha família, imigrantes italianos, achava que era uma forma de contribuir com o Estado por este tê-los recebido quando vieram da Itália. Coisa totalmente errada, e eu não engolia isso.

A jovem militante não resistiu à pressão que vinha de dentro da família e também de fora. “Era uma época de muita repressão e eu fiquei com medo. As pessoas me olhavam atravessado. Resolvi que não queria mais ficar em Criciúma. O casamento acabou me dando essa chance”. Ana Maria conheceu o marido, Flamarion de Almeida, quando ele jogava no Esporte Clube Metropol. Casou aos 21 anos e foi morar em Joinville, de onde não saiu mais. Lá, no norte catarinense, assumiu a direção da Escola Municipal Dom Jaime de Barros Câmara, que fica numa região de mangue. Na década de 1970 recebia muitas famílias carentes que vinha do Paraná para trabalhar na Fundação Tupy.

As lembranças não são agradáveis para Ana Maria. Despertam emoções que foram abafadas e ignoradas por muito tempo. Para Thompson (1998, p. 205), “a maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos”. Por muitos anos Ana Maria guardou sentimentos. Ao deixar Criciúma, tentou deixar para trás o que vivenciou.

Marcaram muito. Uma elite falida, tios que eu tenho e, alguns ainda são vivos, quero esquecer. Mas é uma elite fdp, falsa. Sofri muito porque, eu te falei, fugia do padrão. Eu era questionadora. Quando havia algum movimento, e até greve, era eu que pegava o megafone. As professoras da rede estadual faziam greve e eu estava junto. A pressão da família fez com que eu me enclausurasse. Fator

de sorte eu ter conhecido meu marido. [...] Eu não sei se eu guardei muita coisa. Acho que fiquei um pouco frustrada. Não consegui ir mais adiante porque não pude romper aquele negócio de família. Por outro lado, amadureci, e reservo um pouco de infelicidade. Me tornei introvertida. Eu gosto de ficar sozinha. Quando eu viajo eu gosto de viajar sozinha, eu gosto muito de ler, gosto muito de ficar sozinha, o movimento ele me ajudou uma certa época. Porque assim me abriu os olhos para que eu visse as coisas além daquilo que é, daquilo que a gente enxerga. Mas aquele mais adiante, eu enxergo, mas não consigo ir até lá.

Importante trazer o aporte teórico de Bosi (1994, p. 55), que argumenta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. O que Ana Maria vivenciou é doloroso, mas volta à tona com uma forte carga de emoção. Hoje, a ex-líder estudantil também se reconstrói ao lembrar tudo o que viveu: “Eu me reprimi, eu deveria ter feito terapia, eu devia ter gritado, eu devia ter esperneando, devia ter chorado, devia ter jogado mais ovos, devia ter gritado mais”.

Rememorar significa reavaliar sua própria vida. Mas ela não foi a única. No caminho dos militares havia um jovem que chegou ao posto mais importante entre os militantes estudantis, comandou a União Brasileira dos Estudantes Técnicos Industriais.

5.4 CORAGEM GARANTE A VIDA DO COMPANHEIRO DE LUTA

Luiz Jorge Leal é um senhor de cabelos grisalhos em 2012, aos 68 anos. Tem fala cativante, consistente e simples. Não é dado a emoções aparentes. Mas, num momento da conversa, foi possível perceber que ele se emocionava profundamente com o que falava. Isso ocorreu quando enalteceu a coragem de companheiros do Partidão, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foram presos com ele em 1975. Falou de coragem, não de valentia, porque, segundo ele, após as sessões de torturas a que eram submetidos era impossível manter a valentia. Mas a coragem, essa vinha do fundo da alma.

[...] eu até diria que o comportamento do pessoal que foi preso de Santa Catarina foi extraordinário. Porque, para vocês terem uma ideia, não da valentia, mas da coragem, valentia é um modo de dizer, porque lá ninguém é valente, a verdade é essa. A violência é muito grande para o cara querer se achar o tal. Mas o comportamento do pessoal foi extraordinário, eu digo assim, porque nenhum deles, em nenhum momento, foi capaz de dizer: olha, fulano de tal era o secretário, era o homem forte do movimento no estado de Santa Catarina. E todos passaram pelo mesmo procedimento. Todos contaram histórias, as mais mirabolantes. Histórias assim, se a gente for ler o que foi dito é até engraçado, de reuniões que se fazia, mas em nenhum momento eles foram capazes de citar o meu nome como o primeiro secretário. Foi um comportamento extraordinário do pessoal de Santa Catarina.

Jorge Leal se sente muito agradecido aos companheiros. Quando foi preso pela equipe da temida Operação Barriga Verde¹²², no final de 1975, ele era o secretário do PCB em Santa Catarina. O cargo era o principal do partido, o mais importante, que estabelecia a política partidária, os congressos, que fazia a união dos integrantes. E sua função não foi revelada nas sessões de tortura.

Mas, antes de ser o homem forte do partidão em Santa Catarina, a história de Luiz Jorge Leal começa nas bases do movimento estudantil criciunense. Natural de Tubarão, ele veio pequeno para Criciúma, trazido pelos pais Jorge e Ondina. Estudou no Lapagesse, fez o curso intermediário de Zulcema Povoas Carneiro e foi concluir o ginásio no Colégio Madre Tereza Michel. Foi ali que ingressou no Grêmio Estudantil.

A base para sua formação política veio com o pai. Seu Jorge era carioca e por muitos anos foi secretário do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina. Lia muito, gostava de conversar e foi despertando no filho o interesse pela política. “Foi influência direta de pai para filho”.

¹²² A Operação Barriga Verde foi deflagrada em 4 de novembro de 1975. O objetivo dos militares era dismantelar o PCB em Santa Catarina. Prisões de pessoas ligadas ao partido ocorreram em várias cidades (MARTINS, 2006).

A primeira participação efetiva em uma ação política veio em 1961, com a criação da Rede da Legalidade por Leonel Brizola, o governador do Rio Grande do Sul.

O Brizola quando fez aquela grande intervenção com os militares do Terceiro Exército ele acampou aqui entre Criciúma, Laguna, Tubarão. Nessa região aqui. [...] E a gente tinha que... nas cidades as dificuldades eram grandes. Mas nós trabalhamos atipicamente no sentido de buscarmos recursos de alimentação até. Água, alimentação e tudo porque eles tinham muitas dificuldades. Eles se deslocaram com as tropas pra cá e foram ficando. E então, tu vê, a ligação que havia era grande e a nossa atividade aqui era intensa no sentido de participar e auxiliá-los.

A participação, conforme Jorge Leal, não era apenas dos estudantes, mas de líderes dos sindicatos de trabalhadores, que se envolveram para manter os soldados. Todos esses episódios contribuíram para moldar a personalidade do jovem estudante. Sua atuação na UESC também foi significativa. Embora não tenha participado de nenhum cargo na entidade, ele fazia parte do movimento estudantil. Segundo ele, a interferência de líderes políticos da direita ocorria. Sobre essa questão, Leal avalia que Olímpio Vargas, o segundo presidente da UESC, que assumiu em 1961, foi mais “aberto”.

[...] os anteriores (presidentes) sofriam uma influência muito forte, digamos assim, da Direita que, na realidade, era representada aqui pelo pessoal que tinha uma ligação muito grande com a UDN, com o PSB e, principalmente, com o padre Estanislau Cizeski. O padre Estanislau Cizeski tinha uma influência muito grande, não só junto aos dirigentes políticos, no caso, nessas duas áreas aí da UDN e do PSB, mas ele também tinha uma influência muito grande na área estudantil.

A influência do padre Estanislau, o padre ‘Polaco’, como era conhecido, é muito viva nas memórias de Jorge Leal.

Olha, eu diria que ele realmente tinha muito poder, sabe? Ele tinha muito poder. [...] mas havia naquela época um programa americano chamado Aliança para o Progresso, que buscava trazer recursos para o país, mas, na realidade, o grande objetivo da Aliança para o Progresso sempre foi o de montar e de estruturar lideranças políticas e comunitárias, independente se era comunitária, sindical, de centro social e de igreja... O que eles pudessem influenciar diretamente, sempre trabalhando duro no conceito de que importante era estar com os Estados Unidos.

O estudante sabia diferenciar que havia forças externas agindo sobre a UESC. No programa Aliança para o Progresso, Jorge Leal lembra que havia um órgão chamado Ponto IV, que financiava as ações que poderiam combater o que os americanos não queriam. Em Santa Catarina o Ponto IV era coordenado pelo general Rosinha¹²³, que morava em Florianópolis, e “ele tinha uma intervenção direta em todos os órgãos, era estudantil, era comunitário, era político, e não só na influência, mas também financeiramente”.

A partir de 1961, Jorge Leal passou a acompanhar os desdobramentos políticos e estudantis de Criciúma a distância. Ele foi estudar em Florianópolis, pela manhã na Escola Técnica Federal e à noite no Instituto Estadual de Educação. Ajudou a fundar a União Catarinense dos Estudantes Técnicos Industriais, que reunia estudantes de escolas técnicas espalhadas por todo estado, como Joinville, Itajaí, Mafra, Florianópolis e Criciúma.

Após uma comissão provisória assumir, Jorge Leal foi eleito o primeiro presidente em 1962. Foi esse cargo que o levou a participar dos encontros da União Nacional dos Técnicos Industriais, a Uneti. No final daquele ano foi eleito presidente da União Nacional.

¹²³ O general Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa foi secretário de Segurança Pública de Santa Catarina de 1966 a 1971. Conforme Martins (2006), após a prisão de estudantes durante o Congresso da UNE, em Ipiúna (SP), o general Rosinha determinou que três carros buscassem os jovens catarinenses e os trouxessem de volta ao estado.

Na época eu era presidente da União Nacional e estava saindo do mandato da União Brasileira de Estudantes Secundários um outro catarinense, que era o Polábio Braga. Na época em que eu fui presidente da União Nacional, o presidente da UNE era o José Serra, o presidente da UBES era o Olímpio, sobrenome não me recordo (Olímpio Mendes). Éramos três entidades nacionais. Basicamente esse foi o caminho que tomei depois de ter passado pelo movimento estudantil de Criciúma.

Um dos momentos mais tensos de sua vida foi no período em que era presidente da Uneti. Após a deflagração do golpe militar a sede da UNE era local de retaliação. As três uniões estudantis, UNE, UBES e Uneti, funcionavam no mesmo local, a sede da UNE na Praia do Flamengo. Jorge Leal estava lá quando o prédio foi metralhado e incendiado.

Nós tivemos sorte de escaparmos com vida naquela ocasião, porque o prédio dava de frente para a Praia do Flamengo, pro aterro do Flamengo, e nos fundos tinha uma rua, não vou lembrar o nome, mas o terreno era grande porque era a antiga embaixada da Alemanha e como durante o período da guerra acabaram abandonando e aí foi ocupado pelos estudantes e acabou ficando como sede. A frente ficava para o Flamengo e os fundos ficavam para outra rua. Como era uma embaixada, o prédio era uma fortaleza, a porta era de uma estrutura de aço, uma coisa muito séria. Então nós fechamos a porta, conseguimos passar algumas trancas e foi o tempo que nós ganhamos para poder fugir por trás, pela rua de trás. Aí cada um tomou seu rumo. Alguns foram para embaixadas e outros buscaram outras alternativas. Eu procurei vir pra cá e fui direto para Montevidéu. Foi uma viagem sozinha. Não podia contar com muito apoio, o negócio era andar e de preferência sozinho. Se andasse

dois ou três podia ficar complicado. Fiquei até final de 64, depois voltei.

Jorge Leal ficou poucos meses fora. Passou em Porto Alegre, fez um curso, depois retornou a Criciúma em 1965 e foi trabalhar numa empresa siderúrgica do bairro Próspera. Mas não abandonou a militância política.

Aqui, logo depois, houve a extinção dos partidos políticos e a criação de dois, e no processo de criação de dois eu fui um dos primeiros a pegar o livrão que tinha que assinar e caçar assinaturas de quem fosse possível para obter um número, que se não me engano era de 70 pessoas, para consolidar o partido que na época era o MDB. Mas nunca deixei de estar atuando partidariamente, na vida política aqui do nosso município e também do estado.

A atuação dele não passou despercebida pelos militares. Até hoje ele não sabe ao certo o destino de um amigo, companheiro de lutas e secretário geral da Uneti. José Montenegro de Lima, que também era presidente da Juventude Socialista Brasileira, integra a lista dos desaparecidos durante o regime militar. Ele foi preso em São Paulo e depois sumiu. No final de 1975, Jorge Leal também foi preso. A detenção ocorreu em casa. Homens foram até sua casa dizendo que sua empresa tinha sofrido um incêndio.

Assim que eu entrei (no carro) ele apontou o revólver e disse: “o senhor tá preso”, e era melhor ficar quieto, não tomar nenhuma atitude, fazer qualquer ato de qualquer natureza e que eles iam me levar preso. Primeiro me levaram até o presídio aqui de Criciúma, onde já tinha uma outra camionete maior com o pessoal da federal, do serviço secreto do Exército. Chegando no presídio foi só para trocar de carro. Algemaram, colocaram onde põe as malas na camionete e botaram um capuz preto. Me algemaram num cano...

Ele sabia que outros companheiros já haviam sido presos anteriormente, por isso sabia o que estava ocorrendo. O problema foi a família, que ficou sem notícias. De Criciúma o levaram para a central do Destacamento de Operações e Informações/Centro de Operações de Defesa Interna (DOI/CODI) em Curitiba. Todos os interrogatórios dos presos políticos de Santa Catarina foram realizados lá. Por cerca de 15 dias, Jorge Leal ficou incomunicável. E foi onde sofreu o que muitos presos políticos vivenciaram.

O interrogatório, na realidade, não é um interrogatório, é uma sessão violenta de tortura. É terrível. Não é uma coisa que a gente gosta de ficar falando, porque, não só no meu caso, mas no de outros companheiros, provocou problemas sérios posteriormente. Nós tivemos o caso do Roberto Mota cujas lesões foram profundas. Ele praticamente ficou desmemoriado durante algum tempo e até se recompor foi uma dureza. E outros tantos também passaram por problemas sérios. E o tratamento era choque elétrico, era palmatória, era tapa na orelha, era desse tipo de atitude grosseira, insana.

Depois de Curitiba, ele foi transferido para Florianópolis. Ficou na penitenciária estadual e depois na colônia Agrícola. Foi liberado no regime condicional e voltou a ser preso em seguida. Na segunda vez, voltou a Curitiba e foi para a penitenciária do Ahú, um local que surge nas referências como um dos pontos usados pelos militares para a tortura dos presos políticos.

Voltou a ser transferido para a colônia Agrícola em Florianópolis. Embora condenado a dois anos de prisão, ele acredita que ficou detido cerca de um ano e dez meses. Período mais que suficiente para deixar a vida conturbada. O retorno não foi fácil. A empresa que tinha falido e bens imóveis foram vendidos para sustentar a família.

Mas nunca deixei de continuar atuando politicamente. Fui secretário da Câmara Municipal em Criciúma, do partido no caso, depois fui assessor parlamentar, fui secretário no governo de José Hulse, depois fui para a Câmara Federal, Senado. Assessorava o

Walmor De Lucca. Depois fiquei com ele na volta a Santa Catarina e fui assessor administrativo/financeiro quando ele foi secretário de saúde. Com a morte do Pedro Ivo Campos, embora tivesse sido convidado a continuar pelo Cassildo Maldaner, eu achei que essas questões políticas, quando ocorre um fato como esse, normalmente, não é conveniente a gente continuar. Aí eu pedi demissão e vim embora. Também fui assessor parlamentar por algum tempo do Nelson Wedekin no Senado.

A militância, a participação política, o companheirismo nunca deixaram a vida de Jorge Leal. Ora mais discretamente, ou de maneira mais intensa, ele sempre militou e procurou estimular a discussão e o pensamento político.

Aqui em Criciúma foi sempre uma fonte de lideranças estudantis, sindicais e políticas, muito positivos na questão da luta pela democracia e com participação intensa. Eu tenho a impressão de que nós criamos um monte de gente boa. Não que os outros não sejam, mas acho que apoiar a ditadura não é uma coisa que sirva para alguém como coisa boa.

A reconstrução de parte da memória de Jorge Leal encerra, neste momento, a pesquisa por algo novo no movimento estudantil cricumense. Os quatro ex-integrantes do movimento que detalham melhor suas experiências contribuíram para ajudar a esclarecer dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa científica. Os sujeitos, ao serem entrevistados, selecionam o que vai ser lembrado e qual relação fazem com o presente. Isso dará legitimidade às suas histórias. Segundo Thomson (1997, p. 57) o ato de recordar constitui uma maneira de narrar uma história. “Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”. Tudo está interligado, conexo e o que se foi no passado faz parte do ser no presente.

Ao longo das entrevistas, as memórias dos ex-líderes estudantis foram sendo avivadas dentro daquilo que se propunha investigar, que era a UESC. Com informações que foram sendo passadas, foi possível

fazer o cruzamento de fontes, buscar, como diz Halbwachs (2006, p. 133), “testemunhos antigos, cujos vestígios subsistem em textos oficiais, jornais de época, memórias escritas por contemporâneos”. Indispensável a junção de todos os dados, relatos, fotografias, documentos, jornais e bibliografia. Tudo foi importante para reconstruir, pelo menos um pouco, o que foi a União dos Estudantes Secundários de Criciúma.

CONCLUSÃO

“Os jovens podem, portanto, tornarem-se atores de conflitos porque falam a língua do possível” (MELUCCI, 2001, p. 102), são polêmicos, criativos, indecisos, autênticos e querem buscar seu espaço para discutir, comentar e articular ideias. Melucci afirma ainda que eles, os jovens, são como um espelho da sociedade, refletem aquilo que ela vive, seus momentos de turbulência ou calmaria. Mas, isso não quer dizer que não tenham personalidade própria, que sejam totalmente manipuláveis. Ao jovem, coube o papel de se posicionar, de defender opiniões e tentar fazer com que sua voz fosse ouvida. Que voz foi essa, que ideias foram essas e como esse jovem se portou são pontos que motivaram o presente estudo. A juventude em questão era a brasileira, mais precisamente a de Criciúma, na década de 1960. Um jovem que buscava seu espaço na sociedade, que defendia mais oportunidades para ampliar seus estudos e também opções para trabalhar. Um jovem que queria ser ouvido e estar bem representado.

Para ser porta-voz desse segmento, surgiu uma entidade, a UESC. Apresentar e conhecer um pouco do que foi a União dos Estudantes Secundários de Criciúma não foi uma tarefa simples, embora ela estivesse presente nas páginas do principal jornal da cidade à época: a Tribuna Criciumense. Foi necessário garimpar em busca de documentos e, sobretudo, das memórias de suas principais lideranças para que se conseguisse começar a formar o quebra-cabeças da entidade estudantil. Muito presente nas informações dos jornais, pouco se sabia sobre a UESC no início deste trabalho.

Inicialmente, foi necessário entender o contexto da Criciúma de 1960. Uma cidade em desenvolvimento, com o crescimento econômico estimulado pela indústria de extração do carvão mineral. Era ali que se dava também um dos principais pontos de conflito na cidade, a luta dos operários das minas de carvão por melhores condições de trabalho. Essa relação conflituosa, entre trabalhadores e patrões, refletia também na juventude cricumense. É fundamental lembrar que Melucci (2007, p. 97) ressalta que os movimentos nas sociedades complexas estão interligados, “são redes submersas de grupos, de pontos de encontro, de circuitos de solidariedade que diferem profundamente da imagem do ator coletivo politicamente organizado”. Para reconstruir a história da UESC, além dos primeiros indícios encontrados no Jornal Tribuna Criciumense, foram imprescindíveis as memórias de ex-líderes do movimento estudantil. Foi por meio da história oral que consegui costurar os pedaços de uma história que estava fragmentada. Num

primeiro momento do trabalho, eu tinha um tema proposto, mas poucas certezas.

A partir da identificação dos primeiros nomes que integraram o movimento estudantil criciumense, iniciei o mapeamento de fontes orais e documentais que serviram para esclarecer algumas das dúvidas apresentadas. Conforme Pollak (1989, p. 14) o que nos é passado via história oral é seletivo e precisa ser analisado com cautela, afinal, trata-se de um “resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada”. Por essas razões o relato individual se tornou algo tão importante e ao mesmo tempo tão complexo na pesquisa proposta. Ao mesmo tempo em que as memórias foram importantes para a reconstrução da história da UESC, foi preciso estar ciente que elas carregavam marcas pessoais.

Foi nesse garimpo de conversas que surgiram os primeiros documentos oficiais da UESC. Guardados nos arquivos de um dos líderes estudantis, serviram para enriquecer ainda mais o trabalho, apresentando ideias e argumentos que demonstraram como a entidade foi sendo conduzida ao longo dos anos. Documentos que ao serem analisados reconstróem um pouco daquilo que a União Estudantil fez ou se envolveu no período em que esteve atuante. Foi possível detalhar quais eram as diferenças de posicionamento entre os jovens que integravam a UNE, por exemplo, e os líderes do movimento estudantil de Criciúma. Ambos defendiam reformas e melhorias na educação, mas os jovens criciumenses apostavam nisso ao mesmo tempo em que defendiam propostas da elite local. Eram jovens conservadores. Importante ressaltar isso, já que boa parte dos estudos sobre o movimento estudantil apontam para ações coordenadas por jovens ligados a grupos de esquerda no Brasil.

Além do conservadorismo, há de ressaltar ainda algo que foi recorrente durante a pesquisa, a interferência da Igreja Católica no movimento, mas precisamente do padre Estanislau Cizeski. No início do estudo, isso se deu de maneira discreta, mas à medida que o estudo foi sendo aprofundado, a figura do religioso foi aparecendo com mais intensidade. Padre Estanislau está presente no relato de seis dos dez ex-líderes estudantis entrevistados. Em todos os que citaram seu nome há dados de interferência sobre o movimento estudantil secundarista, bem como sua atuação também em outros movimentos políticos e sociais da cidade. A Igreja Católica comandava ou participava das principais discussões que envolviam Criciúma.

Essa ingerência contribuiu para o posicionamento dos diretores da UESC e direcionava suas ações. Nos encontros com os estudantes, eram realizadas palestras para apresentar “o perigo comunista”, conforme consta no Segundo Livro Tombo da Paróquia São José. Padres também participavam da Semana do Estudante, levando uma mensagem católica ao jovem. Há ainda a presença dos líderes da UESC na passeata do dia 1º de maio de 1962 que combateu fortemente o socialismo e o comunismo, conforme está documentado neste trabalho, demonstrando de que lado a entidade se posicionava.

A partir do momento em que se constituiu como uma entidade representativa do estudante secundarista cricumense, a UESC começou a ocupar seu próprio espaço na mídia local. Isso se deu de maneira rápida e intensa. Todas as semanas, a entidade tinha uma coluna no jornal Tribuna Criciumense, o principal da cidade, mas encontrou única emissora de rádio de Criciúma, a Eldorado, um espaço de comunicação mais eficaz e direto. A rádio era mais popular, encantava os jovens e servia para transmitir o recado que os diretores queriam. Com uma coluna onde se liam poemas e se contavam os mexericos da semana, a UESC certamente conquistou um público fiel. Essa ferramenta era tão importante que foi uma das primeiras a ser utilizada por Clayton Netz quando assumiu a direção da entidade em outubro de 1964. A troca da música que abria o programa foi um dos pontos defendidos por Netz em suas memórias. Ele excluiu a trilha que pertencia a um filme americano – O homem do braço de ouro – e apostou em uma letra polêmica “Opinião”, música de Zé Kéti, de 1960.

Embora tenha mantido a coluna de mexericos e recadinhos, que ainda eram um sucesso entre os jovens, Netz quis fazer algo mais, estimular o jovem a pensar e mostrar que o Brasil vivia um momento diferente. Seu mandato representou o primeiro foco de divergência dentro da entidade, mas antes dele, é importante ressaltar, outros nomes surgiram e se mantiveram ligados a grupos de esquerda e às ideias defendidas pela União Nacional de Estudantes. Mesmo tendo sido eleito como alguém da situação no ano de 1964, Netz procurou romper com o conservadorismo que vinha gerindo a UESC, rompe com a Igreja Católica e tenta fazer com que os jovens pensem um pouco mais.

A atuação de Clayton Netz é um ato isolado em meio às diretorias estudantis que o antecederam. Depois dele, com a vinda de Eno Steiner, amigo pessoal, não há como dizer se ocorreu uma continuidade de abertura ou se a UESC retomou o conservadorismo elitista. Um dos pontos que ficou em aberto foi não conseguir precisar quando a UESC foi extinta. A interferência direta do delegado de Polícia da época,

Helvídeo Veloso, dá pistas, mas não confirma muita coisa. Sabe-se que o período não era muito promissor para entidades estudantis no Brasil, afinal vivia-se no meio de um regime civil-militar. Ao que parece a UESC fechou suas portas sem explicações, algum tempo antes de Steiner assumir um cargo na prefeitura de Criciúma, no governo de Ruy Hülse. Documentos, arquivos e material da entidade foram destruídos, não se sabe se por medo dos militares ou apenas para dar fim a um período. Esses ainda são questionamentos que podem render novos estudos.

A presente pesquisa tem sua relevância porque é uma contribuição para a história da Educação de Criciúma. O movimento estudantil é um espaço de formação política que não está dentro da escola formal, mas integrado a ela. Nele surge o debate de ideias e a formação de lideranças, que se formam no aspecto político e buscam uma nova leitura de mundo.

Complexa, intrigante, defensora de bandeiras da elite local. Assim era a UESC, uma entidade que representou bem mais que seus próprios estudantes, mas que foi parceira da elite cricumense na defesa de questões que eram pertinentes à época. Na campanha em defesa do carvão mineral – “O carvão é nosso” – os jovens subiram no palanque para argumentar a favor do minério e mostrar que a sociedade como um todo, incluindo aí eles também, era a favor da riqueza que vinha do subsolo e que precisava de mais apoio e subsídios das autoridades nacionais. Essa relação também mostrou que os partidos tradicionais que comandavam a cidade de Criciúma, PSD e UDN, observavam a movimentação estudantil e buscavam dentro dela, jovens líderes para suas trincheiras. Os dois primeiros a seguir carreira política foram Archimedes Napolini Filho e Eno Steiner, ambos na década de 1960 e pela Arena.

A relação entre pesquisador e pesquisado se torna interessante durante o trabalho científico. Thomson (1997) define isso ao afirmar que os sujeitos ao serem entrevistados selecionam aquilo que vai ser lembrando e detalhado a partir daquele momento. Na pesquisa, pontua-se trechos dessas memórias que se enquadram naquilo que o pesquisador busca para balizar o seu trabalho. Mas, é importante que se tenha em mente o que Bosi (1994, p.44) defende, que a história oral é construída por pessoas e no entorno delas, sendo que lança vida para dentro da própria história. “Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações”.

A UESC significou na vida dos entrevistados, mudou conceitos, reforçou outros e contribuiu para que tornassem um pouco daquilo que são na atualidade. Clayton Netz, Luiz Jorge Leal e Armando Serafim tiveram ideias que podem ser consideradas ousadas para a época e após a implantação do regime civil-militar precisaram reorganizar suas vidas. Leal e Serafim foram presos no Brasil e Netz, que estava exilado no Chile, acabou detido por lá. Eles queriam reformas na educação brasileira, que envolvessem ensino de qualidade, bons locais de estudo e remuneração digna para professores. Também exigiam menor desigualdade social no país. Questões simples e que continuam importantíssimas nos tempos atuais, mas que certamente ameaçavam as autoridades conservadoras à época.

Entre os ex-líderes entrevistados está Ana Maria Bristot, que pode ser considerada um achado ao longo da pesquisa. Em meio a conversas, telefonemas para pessoas que poderiam ajudar foi sugerido conversar com a professora Ana Maria, hoje moradora de Joinville. Ela queria vir para Criciúma dar pessoalmente a entrevista, mas os dias foram se passando e nada do agendamento. No final, foi possível entender que talvez Ana Maria não queira mais voltar. Seu depoimento, gravado via telefone, resume um pouco do que o movimento estudantil significou em sua vida. Ao lembrar do que vivenciou na juventude, sua memória trouxe fragmentos de uma época inesquecível, com grandes amizades, situações de perigo e a descoberta de que o mundo não se resumia apenas a vestidos bonitos e os preparativos para um casamento.

Ana Maria descobriu que havia muito mais, que ela podia questionar, pensar e debater ideias. Mas soube também que, por esse seu posicionamento, poderia ser presa. E a pressão familiar foi tão grande que ela se fechou em seu mundo, casou e decidiu morar bem longe de Criciúma. Ao abrir sua caixa de memórias, Ana Maria deu vazão às lágrimas que por décadas ficaram sufocadas e sentimentos que foram escondidos assim como os panfletos, livros e documentos ‘comunistas’ que ela destruiu jogando no poço de casa. Com o presente estudo, um pouco das memórias de Ana Maria, daquilo que ela lutava e defendia são retiradas do fundo do poço.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. P. 73-90. In: **Juventude e Contemporaneidade**. SPOSITO, Marília Pontes (orgs). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.
- _____, Helena. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. P 37 – 72. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Movimento estudantil e consciência social na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ALVES, M.M. **68 Mudou o Mundo. A explosão dos sonhos libertários e a guinada conservadora num ano que valeu por décadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Roberto Marinho, 2007.
- BORBA, Carlos Augusto. **Reminiscências... em gotas**. Criciúma, SC: Edi. do Autor, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª Ed, 1994.
- CARDOSO, Irene. **A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança**. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. São Paulo, 2005. P. 93-107.
- CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma biografia com um pouco da História do Carvão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001.
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

_____, Carlos Renato. **Modernização, cultura e ideologia do carvão em Santa Catarina.** P. 11 – 34. In GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

COIMBRA, David. **Atravessando a escuridão: memórias de um comunista casual.** Criciúma, SC: UNESC, 1996.

FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys. **Juventude e Contemporaneidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Pioneira, 1972.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994, 2ª Ed.

GOULARTI FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes. **Movimento operário mineiros em Santa Catarina nos anos de 1950 e 1960.** P. 75-95. In GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 5ª Ed, 2003.

LOPES, Eliane Maria Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 2ª Ed.

MARTINS, Celso. **Os quatro cantos do sol: Operação Barriga Verde.** Florianópolis: Ed. da UFSC: Fundação Boiteux, 2006.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento estudantil e ditadura militar: 1964/1968.** Campinas: Papyrus, 1987.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 5ª Ed: 2005.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. P. 29-45. In: FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____, Alberto. **A invenção do presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MENDES JR., Antônio. **Movimento estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed. 1982.

MORETTI, Serenito A. **Movimento Estudantil em Santa Catarina**. Florianópolis, 1984.

NASCIMENTO, Dorval do. **Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma**. P. 383-394. In GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

NASPOLINI Fº, Archimedes. **Criciúma, Orgulho de Cidade! II. Fragmentos da história de seus 120 anos**. Criciúma. Ed. do autor. 2000.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. Cadernos de Pesquisa em Administração. V. 1. São Paulo, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981. P. 7 – 39.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NUNES, Clarice (org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.

PEREIRA, S. Tavares. **O operário e o padre: história da criação do**

Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região. Sinmetal. Florianópolis: Ed. do autor, 2012.

POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros.** São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 4ª Ed. 1995.

SANFELICE, José Luís. **Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

SEGUNDO Livro do Tombo. Matriz São José. Cresciuma, 1º de janeiro de 1933.

SINGER, Paul. **A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social.** P. 27-35. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006),** volume 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009-A.

_____, Marília Pontes, ett alli. **Estudos sobre jovens na interface com a política.** In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006),** volume 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009-B. P. 175-212;

_____, Marília Pontes, ett alli (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade.** – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____, Marília Pontes e CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Set /Out /Nov /Dez 2003, nº 24.

_____, Marília Pontes (coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998).** Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____, Marília Pontes. **Estudos sobre juventude e educação.**

Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, Número Especial, n 5-6, p. 37-54. 1997.

TEIXEIRA, Evandro. **1968 destinos 2008: passeata dos 100 mil.** Rio de Janeiro. Textual, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Ed, 1998.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e a memória.** In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/SP. São Paulo, Abril, 1997. P. 51 – 84.

UCES. Constituição. Florianópolis, 1961.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou.** Planeta, 3 ed. – São Paulo, 2008.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcadas: trabalhadores do carvão.** Tubarão: Editora Unisul, 2001.

ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de ontem.** Criciúma: Do autor, 1999.

_____, Manif. **Criciúma: vultos do passado e personalidade.** Criciúma: Do autor, 2000.

JORNAIS

ALVES, Rodeval José. **Tribuna Informando.** Jornal Tribuna Criciumense. Criciúma, 21/03/1960.

PIERI, Sebastião H. **Educação Secundária.** Jornal Tribuna Criciumense. Criciúma, 20/02/1956.

Tribuna Criciumense, Criciúma, 19/06/1961.

Tribuna Criciumense, Criciúma, 06/11/1961.

Tribuna Criciumense, Criciúma, 28/08 a 04/09/1965.

Tribuna Criciumense, Criciúma, 12/06/1961.

Tribuna Criciumense, Criciúma, 11 a 17/07/1964.

Jornal do Círculo, São Paulo, 06/1962.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, de 12/04/1962.

Jornal Santuário de Aparecida, Aparecida do Norte (SP), 7.10.1962.

PRODUÇÕES ACADÊMICAS

BERGMANN, Cinara Lino Colonetti. **A pedagogia escoteira no Grupo Escoteiro Tangará pelas memórias do guardião de sua história em Criciúma/SC (1963-1973)**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarina. Criciúma. 2011.

GUSSON, Claudia Maria. **Movimento estudantil e repressão judicial: o regime militar e a criminalização dos estudantes brasileiros (1964-1979)**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2008.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **Movimento estudantil 68: imagens da paixão**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1997.

LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e sindicalistas na Cidade do Carvão: Criciúma, 1952 a 1964**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, Denis Luciano Soares. **O dia em que a “Difa” se calou: a extinção da mais popular rádio AM de Criciúma**. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma. Faculdade Satc, 2011.

OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Cuidando dos bem-nascidos: O Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no Contexto de Urbanização e Modernização de Criciúma/SC (1940-1962)**.

Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarina (Unesc). Criciúma, 2008.

PATRÍCIO, Adriana Cristina da Silva. **A participação feminina no movimento estudantil secundarista como espaço de luta política (anos de 1980)**. Dissertação para obtenção do grau de mestre. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

PELLICCIOTTA, Mirza M. Baffi. **Uma aventura política: as movimentações estudantis dos anos 70**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre pela Universidade Estadual de Campinas. 1997.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. Porto Alegre**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

SOUZA, Maria Eduarda de Oliveira. **O Grêmio científico e pedagógico Madre Teresa Michel nos anos de 1960 e os reflexos da ditadura militar**. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. Criciúma, 2009.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade: poder e imaginário das elites em Criciúma**. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Florianópolis, 1995.

TRICHES, Janete. **As oligarquias dos partidos – Criciúma/SC: 1945 – 1992**. Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado. Brasília, junho. 1994.

ARTIGOS

AVILA DE MATOS, Eloíza Ap. Silva. **O programa “Aliança para o progresso”: o discurso civilizador na imprensa e a educação profissional no Paraná – Brasil**. In: Simpósio Internacional Processo Civilizado. Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 359-367.

BUENO FISCHER, R.M. **Mídia, juventude e educação: modos de**

construir o “outro” na cultura. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas. V. 16, n. 02. Disponível em <http://epaa.asu.edu/epaa/v16n2>. Acesso em 02 de abril de 2012.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2002.

FREIRE, Silene de Moraes. **Movimento Estudantil no Brasil: lutas passadas, desafios presentes.** Revista Historia de la Educación Latinoamericana. Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, 2008. Colômbia.

GHANEM, Elie. **O papel do Grêmio Estudantil e a qualidade do ensino no curso noturno.** Centro de Referência em Educação Mário Covas. São Paulo, 200-. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_25_p061-070_c.pdf. Acesso em 22 de maio de 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODEGHERO, Carla Simone. **Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria.** Rev. Bras. Hist. [online]. 2002, vol.22, n.44, pp. 463-488.

ROSSO, Graziela Pavei. **Do projeto das elites à concretização de uma obra para o desenvolvimento intelectual e cultural de uma cidade: a fundação do Ginásio Madre Teresa Michel.** Revista Udesc. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/viewFile/2341/1776>.

SPOSITO, Marília Pontes. **Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura.** Universidade de São Paulo.

FONTES ORAIS

Ana Maria Bristot de Almeida. Professora. Foi rainha da UESC em 1963 e vice-presidente da UESC em 1964, na gestão de Clayton Rogério Duarte Netz. Nascida em 29/10/1947, em Criciúma. Atualmente mora em Joinville (SC). Entrevista concedida a Marli Vitali em 16/05/2012 via telefone.

Archimedes Napolini Filho. Jornalista, escritor e professor. Foi presidente da UESC em duas oportunidades, 1962 e 1964. Em 1962, deixou a presidência para assumir a União Catarinense dos Estudantes Secundários (UCES). Nascido em 03/02/1943, em Criciúma. Entrevista concedida a Marli Vitali em 07/11/2011 em Criciúma.

Armando Serafim. Advogado. Concorreu com Archimedes Napolini Filho em 1962, perdendo a eleição. Nascido em 15/02/1942, em Jaguaruna. Atualmente mora em Imbituba. Entrevista concedida a Marli Vitali em 04/07/2012 por telefone.

Clayton Rogério Duarte Netz. Jornalista. Foi presidente da UESC em 1964. Estudou em Porto Alegre e chegou a ser preso durante o regime militar. Nascido em 16/07/1947, em Giruá (RS). Atualmente mora em São Paulo. Entrevista concedida a Marli Vitali em 28/04/2101 por telefone.

Eno Steiner. Advogado e administrador de empresas. Foi o último presidente da UESC, em 1965. Nascido em 13/12/1946, em Forquilha. Entrevista concedida a Marli Vitali em 16/01/2012 em Criciúma.

Francisco Theofilo Faraco. Contador. Foi vice-presidente da UESC no primeiro mandato, em 1960. Nascido em 20/03/1935, em Criciúma. Entrevista concedida a Marli Vitali em 06/02/2012 em Criciúma.

Fúlvio Napolini. Diretor de empresa de transportes, atualmente aposentado. Foi o primeiro presidente da UESC, em 1960. Nascido em 25/02/1938, em Criciúma. Entrevista concedida a Marli Vitali em 20/01/2012 no Balneário Rincão.

Luiz Jorge Leal. Técnico em Química. Foi presidente da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais de 1962 a 1964, quando estourou o

golpe. Nascido em 20/06/1944, em Tubarão. Entrevista concedida a Marli Vitali em 21/10/2012 em Criciúma.

Rodeval José Alves. Aposentado. Foi vice-presidente da UESC em 1962 e assumiu a presidência com a saída de Archimedes Napolini Filho, que foi para a UCES. Nascido em 05/01/1944, em Criciúma. Entrevista concedida a Marli Vitali em 29/02/2012 em Criciúma.

Vera Maria Silvestre Cruz. Professora aposentada. Foi rainha da UESC em 1964. Nascida em 13/11/1947, em Braço do Norte. Entrevista concedida a Marli Vitali em 27/04/2012 em Criciúma.

ANEXOS

Anexo 01 – Folha padrão da UESC – Cabeçalho que traz os dizeres:
 “Órgão máximo de representação e coordenação dos estudantes de grau
 médio de Criciúma”.

União dos Estudantes Secundários de Criciúma

Órgão máximo de representação dos estudantes de grau médio da Capital do Carvão
 Reconhecida da utilidade pública pelo Estado e pelo Município, respectivamente pelas leis: 878 de 13-7-60 e
 351 de 13-6-60
 FUNDADA EM 12-3-60

Edifício São Joaquim - 2º andar - Pa. Nereu Ramos - Caixa Postal 151
 Criciúma - Santa Catarina

Criciúma, 10 de fevereiro de 1963.-

Of. nº 196/62-63

Exmo. Sr.
 Deputado Federal
 DIOMÍCIO FREITAS
 Câmara Deputados
 BRASÍLIA - D.F.

Prezado Deputado:

AU UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE
 CRICIÚMA-UESC, através de seus representantes abaixo assinados, dirige
 a V. Excia., o seguinte:

CONSIDERANDO: que a União dos Estudantes Secundários de Criciúma,
 é uma entidade legalmente representativa que coordena os estudantes secundários de Criciúma;

CONSIDERANDO: que a União dos Estudantes Secundários de Criciúma,
 realizou e continua a realizar movimentos democráticos que beneficiam a
 coletividade criciunense e a região carbonífera;

CONSIDERANDO: que a União dos Estudantes Secundários de Criciúma,
 tem se destacado na política estudantil nacional e que o presidente atual
 da União Catarinense de Estudantes Secundários, é um ex-presidente da -
 UESC;

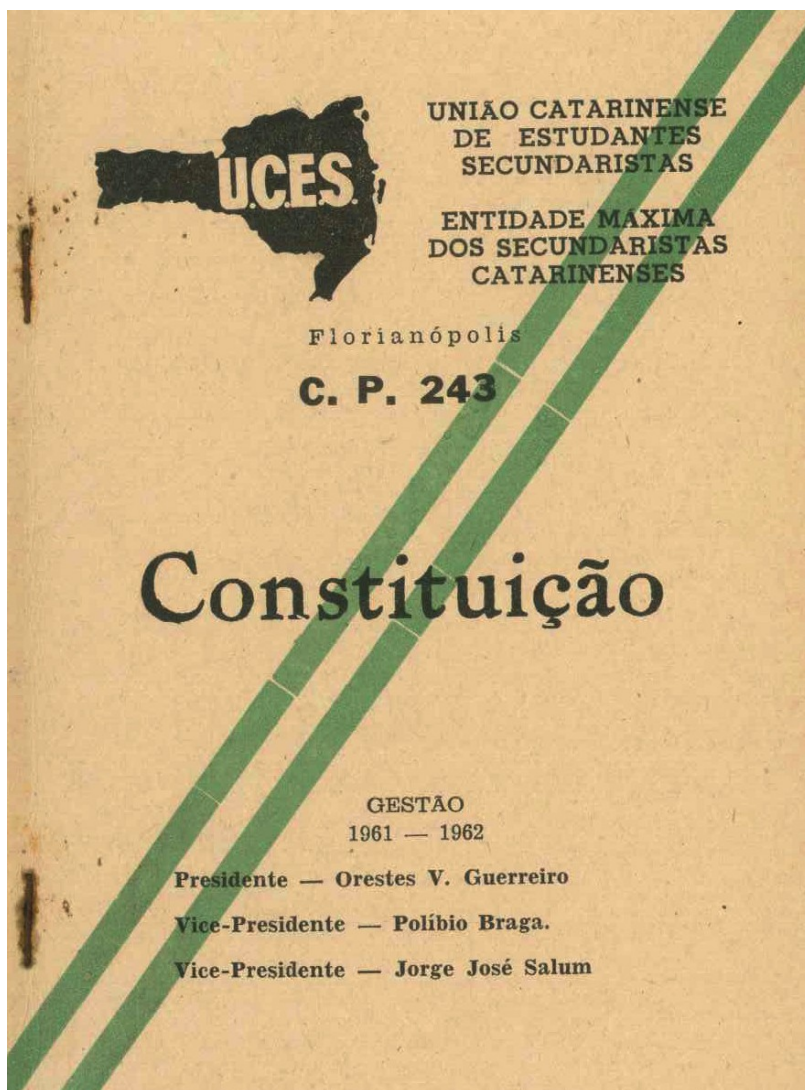
CONSIDERANDO: que o registro de pessoas jurídicas do órgão de -
 classe dos estudantes criciunenses, acha-se no Cartório de Títulos e Do-
 cumentos de Criciúma, às fls. 48 a 49, do Livro "A" de Registro de Pes-
 soas Jurídicas, sob nº de ordem 70, em 19/5/60;

CONSIDERANDO: que a União dos Estudantes Secundários de Criciúma,
 conhecida pela sigla UESC, está atenta aos interesses da comunidade e em -
 constante contacto com os poderes públicos municipais, da região e do Es-
 tado;

(continua)

O Estudante como homem do presente pode exigir Justiça Social!

Anexo 02 – Constituição da União Catarinense de Estudantes Secundários (UCES).



Anexo 03 – Lista da União Catarinense dos Estudantes Secundários.

união catarinense dos estudantes secundários
caixa postal 243 - florianópolis - santa catarina
=====

U N E J C

União Estudantil Joaçabense
Av. XV de novembro - JOAÇABA
=====

ULE

União Lageana dos Estudantes
Caixa Postal - 379 - LAGES

UESC

União dos Estudantes Secundários de Criciúma
Caixa Postal 161 - Criciúma

UET

União Estudantil Tubaronense
Caixa Postal 158.- TUBARÃO

UFE

União Florianopolitana de Estudantes
Caixa Postal - 451 - Florianópolis

USES

União Sideropolitana dos Estudantes Secundários
Ginásio Dom Orione - SIDERÓPOLIS

UCANES

União Canoinhense de Estudantes Secundários
Caixa Postal 18 - CANOINHAS

UEJ

União Estudantil Jaraguense
Av. Mal. Deodoro da Fonseca 520 - JARAGUÁ DO SUL

UEBA

União ~~ESTUDANTIL DE ESTUDANTES~~ dos Estudantes de Rio das Antas
Rua do Comércio S/N - RIO DAS ANTAS

UNET

União Estudantil Tangaraense
Ginásio Mater Salvatoris - TANGARÁ

UNEC

União Estudantil Corupaense
Rua Vidal Ramos - 75 - ~~TANGARÁ~~ CORUPÁ

ALE

Agregação Lívoro Estudantil
Caixa Postal 114 - SÃO FRANCISCO DO SUL

AJES

Associação Joaquinense dos Estudantes Secundários
Caixa Postal 17 - SÃO JOAQUIM

UES

União Joinvilense dos Estudantes Secundários
Caixa Postal - 422 - JOINVILLE

U V E

União Videirense de Estudantes
Caixa Postal 61 - VIDEIRA

U B E

União Blumenauense de Estudantes
Caixa Postal 659 - BLUMENAU

UEL

União Estudantil Lagunense
Caixa Postal 14 - LAGUNA

UME

UNIÃO MONDAIENSE DE ESTUDANTES - MONDAÍ - MATRIZ

anf.-/*p

enderços das entidades representativas de estudantes de grau médio no estado de santa catarina.

continuação:

U R E

União Riosulense de Estudantes
Av. 7 de Setembro -72 - RIO DO SUL

U E I

União Estudantil de Ibirama
Caixa Postal 6 - IBIRAMA

U E S I

União dos Estudantes Secundários de Itajaí
Caixa Postal 5 - ITAJAÍ

U X E S

União Xanxerense de Estudantes Secundários
Rua Cel. Passos Maia - 94 - XANXERÊ

U J E S

União Josefense dos estudantes secundários
Rua Joaquim Vaz - 1461 - SÃO JOSÉ

U S B E S

- UNIÃO SÃOBOETENSE DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS
Rua Barão do Rio Branco . 405 - SÃO BENTO DO SUL

U R E S

União Rionegrinhense de Estudantes Secundários
Caixa Postal 62 - RIO NEGRINHO

U I E S

União Indaialense de Estudantes Secundários
Rua Amadeu Felipe da Luz - 123 - INDAIAL

U E S A

UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE ARARANGUÁ - ARARANGUÁ

U E S O

UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE ORLEães - ORLEães

UESU

UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE URUSSANGA - URUSSANGA

U T E

UNIÃO TIJUQUENSE DE ESTUDANTES - TIJUCAS

EXRKE U E B

UNIÃO ESTUDANTIL BRUSQUENSE - BRUSQUE

U P U E S

UNIÃO PORTONIONESE DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS - PORTO UNIÃO

U C E

UNIÃO CACADORENSE DE ESTUDANTES - CAÇADOR

U N E S C

UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE CURITIBANOS - CURITIBANOS

U C N E S

UNIÃO CAMPOVENSE DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS - CAMPOS NOVOS

A C E S

ASSOCIAÇÃO CAPINZALENSE DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS - CAPINZAL

U E C

UNIÃO ESTUDANTIL CONCÓRDIA - CONCÓRDIA

U E C

UNIÃO ESTUDANTIL CHAPECOENSE - CHAPECÓ

U M E S

UNIÃO MATRENSE DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS - MAFRA

U E S T
UNIÃO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DE TIMÓ
T I M Ó
U S E
UNIÃO SANTAMARENSE DE ESTUDANTES
SANTA AMARO DA IMPERATRIZ

Anexo 04 – Panfleto distribuído na 1ª Semana Municipal do Estudante
(1962)

União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC)

1ª. SEMANA MUNICIPAL DO ESTUDANTE

Bravo povo de Criciúma

**TRABALHADORES! EMPREGADORES! COLEGAS ESTUDANTES! PROFESSORES!
FUNCIONÁRIOS! LAVRADORES!**

Os estudantes de Criciúma - pela UESC (União dos Estudantes Secundários de Criciúma) vão iniciar a sua «Primeira Semana», em Criciúma.

A finalidade da SEMANA DO ESTUDANTE, é, não só esclarecer, o mais possível dentro das possibilidades estudantis, a classe colegial, como alertar ao povo em geral aos operários, aos empregadores, funcionários, professores, lavradores etc., quanto aos problemas da hora presente, como despertar na mocidade, o amor pelas coisas do espírito e esportivas (MENS SANA IN CORPORE SANO)

Não será uma tomada de consciência somente a respeito de problemas de economia e finanças, de dinheiro, desemprego, assistência social; será também, um brado de alerta à consciência, para que se não deixem enganar, apasiguar, adormecer, na luta pela Democracia, pela liberdade, por Deus e pela Pátria.

Será também um meio de estimular a juventude à prática das coisas sadias e construtivas.

Findas as eleições as forças que tramam contra a Democracia, não lograram o êxito que desejavam; os resultados já transparecem... e isto fará com que, muitos, e muitos julguem que a batalha pelos ideais cristãos e democráticos, foi ganha! Ela não foi ganha! Ela apenas começou... A eleição foi apenas uma etapa da batalha. A Democracia Cristã só se instaurará em nossa Pátria quando: cessar a exploração do homem pelo homem... quando: houver uma verdadeira revolução nas consciências dos indivíduos de molde a que todos respeitem a dignidade da pessoa humana no mais amplo sentido; quando: o império da Demagogia desaparecer e se instaurar, realmente, o império da lei da liberdade e da justiça!

Para isso o estudante lutará com as armas da Democracia, o bom exemplo, a palavra e o voto, pelas reformas sociais, pelas reivindicações mais sentidas de sua classe, do bom povo brasileiro e pelos direitos de Deus.

Conclamamos que todos se unam nós outros e estaremos certos de que, se a mocidade contar com o apoio honesto e franco de todos os bons brasileiros nossa Pátria terá melhores dias,

POR DEUS E PELO BRASIL

O Estudante como homem do presente pode exigir justiça social!

Anexo 05 – Panfleto: Manifesto contra o comunismo (1962)

MANIFESTO CONTRA O COMUNISMO

Os ESTUDANTES, irmanados com os TRABALHADORES de CRICIUMA, pela mesma fé nos ideais cristãos e democráticos, vêm, de público, manifestar a sua vontade de acabar com o Comunismo em nossa cidade, fazendo com que nosso município volte a gozar, lá fora, o seu conceito de comunidade - cristã e democrática - atraindo novamente o progresso a esta região, progresso que se afasta pela perturbação da ordem, produzida por agitadores a serviço de interesses contrários à nossa Pátria.

Perante a bandeira da Pátria, hasteada no **Dia do Trabalho** deste ano de 1962, juramos defender com o próprio sangue o lema, que norteia o nosso regime democrático: «ORDEM E PROGRESSO».

Numa união realmente patriótica entre estudantes e operários urbanos e rurais e todo o povo cristão de Criciúma, manteremos a ordem, para que haja progresso, e promoveremos o progresso para que haja ordem, dentro do sistema de liberdade, em que nascemos.

Não queremos reforma agrária do tipo socialista, que, depois de quarenta anos, num regime de força, confessou o seu fracasso na agricultura!

Não queremos paraíso, donde se foge com risco de vida, como dos muros de Berlim Oriental

Não queremos progresso só de foguetes, mas também de comida! de casa! de roupa! de escola! de hospitais! de condições de vida!

Num gesto de repúdio à pregação subversiva feita em nossa cidade pelos emissários da UNE-VOLANTE, manobrada pela União Internacional dos Estudantes, que é uma linha auxiliar do Comunismo no seu intuito imperialista de subjugar os povos livres, nós professamos a **nossa fé em Deus**, em Jesus Cristo, nosso Salvador, e na doutrina social ensinada pela Igreja Católica nas encíclicas sociais, condensadas na «Mater et Magistra».

Portanto, cremos na ascensão do proletariado, não por meios comunistas, que escravizam para sempre os trabalhadores e o povo, mas por meios democráticos, que, mantendo a iniciativa e a propriedade de cada um, levam os trabalhadores a participar na distribuição do capital e a tomar parte ativa na direção da empresa e da própria sociedade.

Fora, pois, com o paredão de Fidel Castro! traidor, escravizador e tirano do nobre povo cubano!

Fora com os que querem iludir o povo simples, prometendo terra, para depois sujeitar tudo ao Estado Onipotente, que amordaça, pela força e a repressão, a liberdade e o progresso!

Não queremos racionamentos como os de Cuba!

Não queremos cubanização nem sovietação do Brasil, porque isto é contra a nossa auto-determinação de povo livre!

Fora Fidel Castro! Fora Khrushchev! Fora Mao-Tse-Tung e suas guerrilhas! Fora «Che Guevara» e outros Judas! Somos solidários com as Forças Armadas, que são a Segurança Nacional do nosso regime! Abaixo o Comunismo! Viva a Democracia!

Assinado: **União dos Estudantes Secundários de Criciúma (UESC).**

Membros de Criciúma.

Círculo Operário Criciumentense.

Liga Católica Jesus Maria José de Criciúma, Próspera Rio Maina e Operária.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Cashe do Rio Maina.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Criciúma.

Associação Profissional dos Empregados no Comércio de Criciúma, Povo de Criciúma.